



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

LEIDIVÂNIA MENDES DE ARAÚJO MELCHUNA

**A produção de memórias no Ensino Fundamental:
retextualizações e reescrita(s)**

NATAL

2018

LEIDIVÂNIA MENDES DE ARAÚJO MELCHUNA

**A produção de memórias no Ensino Fundamental:
retextualizações e reescrita(s)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (ProfLetras) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Área de Concentração: Linguística e Letramento

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Virgínia Lima da Silva Rocha.

NATAL

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Melchuna, Leidivânia Mendes de Araújo.

A produção de memórias no ensino fundamental:
retextualizações e reescrita(s) / Leidivânia Mendes de Araújo
Melchuna. - 2018.
154f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande
do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Mestrado
Profissional em Letras. Natal, RN, 2018.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Virgínia Lima da Silva Rocha.

1. Retextualizações - Dissertação. 2. Reescritas -
Dissertação. 3. Memórias - Dissertação. 4. Sequência didática -
Dissertação. I. Rocha, Ana Virgínia Lima da Silva. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81:373.3(813.2)

LEIDIVÂNIA MENDES DE ARAÚJO MELCHUNA

**A produção de memórias no Ensino Fundamental:
retextualização e reescrita(s)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (ProfLetras) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Virgínia Lima da Silva Rocha (UFRN)

Orientadora

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Examinadora interna

Profa. Dra. Regina L. Péret Dell'Isola (UFMG)

Examinadora externa

NATAL

2018

Dedico este trabalho aos alunos da rede pública de ensino, em especial, aos meus alunos do 7º Ano B/2016, da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, Natal/RN. Sem vocês, não teria vivenciado uma experiência ímpar em minha vida profissional e também pessoal. Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora por me mostrar, apesar de todos os empecilhos, que o caminho da fé e da esperança sempre nos levará à vitória.

Ao meu esposo, por me apoiar em todos os momentos de minha vida.

À minha mãe - um exemplo de ser humano - pelas orações para que o meu sonho se transformasse em realidade.

Às minhas filhas Karina, Aline e Luísa e a minha irmã Olívia Paula. Vocês foram minhas auxiliares durante o Mestrado.

Ao meu irmão Roustaing, aos meus sobrinhos e sobrinhas e a todos familiares, porque sempre torceram pelo meu sucesso profissional e pessoal.

Aos colegas do ProfLetras/RN – Turma 03. Certamente, a minha caminhada tornou-se mais amena com o apoio de cada um.

Às minhas amigas Dione, Manoela, Fernanda e Maysa por todo apoio emocional durante a nossa jornada. Formamos uma verdadeira família!

Aos professores Doutores da Turma 03 – ProfLetras/UFRN, por promoverem momentos de conhecimento importantíssimos para o meu crescimento profissional.

Aos bolsistas do PIBID de Letras, em especial, a Carla Duarte, minha parceira na aplicação da Sequência Didática.

À professora Doutora, Érica Reviglio Iliovitz, coordenadora do PIBID de Letras – Língua Portuguesa, por incentivar a minha trajetória profissional.

À minha amiga, professora Doutora Lúbia de Medeiros Maia Sousa, pelo apoio e, em especial, por aceitar o meu convite para ser a corretora oficial desta Dissertação.

À bibliotecária Shirley de Carvalho Guedes, por me auxiliar na estrutura e normalização desta dissertação. Agradeço-lhe a paciência e compreensão neste momento especial.

À ex-gestora e amiga, Lílian Araújo, pelo apoio em todos os momentos da aplicação do projeto em 2016.

Às gestoras Solange Ataíde e Luanda Moreno por acreditarem e apoiarem a continuação da minha pesquisa-ação.

À coordenadora, Graça Fagundes, um exemplo de profissional e ser humano.

À minha orientadora, professora Doutora Ana Virgínia Lima da Silva Rocha, pela paciência e, principalmente, por trilhar minha pesquisa para o aprimoramento da minha

dissertação. Conhecer o conceito de Retextualização, Reescrita e Sequência Didática a partir de suas orientações, certamente, ampliou o meu conhecimento.

À professora Doutora Maria da Penha Casado Alves por, de alguma forma, sempre estar presente em etapas importantes de minha vida profissional.

Aos meus colegas professores, em especial, a Verbena Ribeiro e a Ladmires Carvalho, às coordenadoras, aos terceirizados, aos funcionários da Secretaria e a todos os alunos da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, local em que apliquei a pesquisa-ação.

À CAPES, pela oportunidade em realizar o Mestrado Profissional em Letras.

Por fim, gostaria de agradecer “às vozes” dos teóricos presentes em meu trabalho, em especial, à voz de Marcuschi (*in memoriam*), indubitavelmente, foi minha fonte de inspiração.

Minha eterna gratidão a todos!

“Futebol no papel: a caneta é a minha bola, o papel, minha trave e o texto é o meu gol.”
(FERNANDES, 2016).

RESUMO

Ao considerar as práticas que norteiam o ensino de produção textual como também buscando um ensino que vá “além da gramática normativa”, este trabalho apresenta a análise das memórias produzidas a partir da aplicação de uma sequência didática, em uma turma do 7º ano, em uma escola estadual, na cidade de Natal (RN). Assim, ressignificando as práticas pedagógicas com o intuito de desenvolver competências e habilidades linguísticas, percorremos sete etapas constituídas por atividades dispostas a promover, em especial, a competência escritora dos alunos envolvidos, em diferentes níveis. Para subsidiar o trabalho, utilizamos o modelo de sequência didática apresentado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011). A escolha do gênero memórias surgiu por esse ser um dos gêneros solicitados na 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* e, em especial, por dificuldades reveladas nas produções dos alunos em edições anteriores do programa. Nesse sentido, a proposta focaliza o trabalho sistemático com a retextualização de textos que dão base ao conteúdo das memórias e tem como objetivo geral contribuir com reflexões acerca do ensino-aprendizagem de produção textual. O referencial teórico que norteia esta dissertação encontra-se pautado em estudos sobre concepções de linguagem realizados por Geraldini (2012) e Koch (2006); sobre o ensino-aprendizagem de produção textual, a partir de Bunzen (2006) e Marcuschi (2010); em concepções de gênero textual/discursivo, apresentados por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), Marcuschi (2010); em abordagem do gênero memórias, por Altenfelder e Clara ([2016]), Köche e Boff (2009); em conceito de memória discutido por Brandão (2008), Le Goff (2013), Maciel (2004), Prado e Soligo (2007); nas relações entre oralidade e escrita apresentadas por Marcuschi (2007); em discussões acerca de retextualização, apresentado por Dell’Isola (2007), Marcuschi (2010), Matencio (2002) e Silva (2013); e de reescrita, por Matencio (2002). Trata-se de uma pesquisa-ação, de natureza qualitativa, cujo foco é a análise de retextualizações de entrevistas prévias que os participantes (alunos) da pesquisa realizaram com moradores de sua comunidade para a escrita de memórias. A análise, bem como a reescrita apontam nas memórias produzidas, a apropriação do conteúdo relatado por meio das entrevistas, assim como uma adequação ao gênero memórias no que diz respeito à estrutura composicional. Contudo, aspectos linguísticos referentes ao gênero em estudo merecem atenção na produção inicial, sendo melhorados na produção final. Além disso, os participantes também vivenciaram vários eventos: aula de campo, premiação (Fase escolar da OLP), entre outros. Verificamos, assim, a importância de proporcionar aos alunos práticas sociais que ultrapassam os muros da escola, promovendo uma educação para a vida.

Palavras-chave: Retextualizações. Reescrita(s). Memórias. Sequência didática.

ABSTRACT

Considering practices that guide the teaching of textual production as well as seeking a teaching that goes "beyond normative grammar", this work presents the analysis of the memoirs produced from the application of a didactic sequence in a 7th grade class in a state school in the city of Natal (RN). Thus, by re-signifying pedagogical practices to develop language skills and abilities, we went through seven phases of activities designed to promote at different levels, in particular, the writing competence of the students involved. To support the work, we used the didactic sequence model presented by Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011). The choice of the genre memoirs came from the fact that it was one of the genres requested in the 5th edition of the Portuguese Language Olympic (OLP) *Writing the Future*, and especially for difficulties revealed in the students' productions in previous editions of the program. In this sense, the proposal focuses on the systematic work with the (re)textualization of texts that give base to the content of the memoirs and has as general objective to contribute with reflections about the teaching-learning of textual production. The theoretical framework that guides this dissertation is based on studies on conceptions of language carried out by Geraldi(2012), Koch (2006); on teaching-learning of textual production by Bunzen (2006) e Marcuschi (2010); on conceptions of textual/discursive gender, presented by Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), Marcuschi (2010); on the approach to the genre of memoirs by Altenfelder e Clara ([2016]), Köche e Boff (2009); on the concept of memoirs discussed by Brandão (2008), Le Goff (2013), Maciel (2004), Prado e Soligo (2007); on the relations between orality and writing presented by Marcuschi (2007); on discussions about re-textualization, presented by Dell'Isola (2007), Marcuschi (2010), Matencio (2002) e Silva (2013); and rewriting by Matencio (2002). It is a research-action, of qualitative nature, whose focus is on the analysis of re-textualizations of previous interviews that the participants (students) of the research carried out with residents of their community for the writing of memoirs. The analysis, along with the rewriting, pointed out in the produced memoirs the appropriation of the content reported through the interviews, as well as an adaptation to the genre memoirs regarding the compositional structure. However, linguistic aspects related to the genre under study deserve attention in the initial production, being improved in the final production. In addition, the participants also experienced several events: field class, awards (OLP School Phase), among others. Thus, we verify the importance of providing the students with social practices that go beyond the walls of the school, promoting an education for life.

Keywords: (Re)textualizations. Rewriting(s). Memoirs. Didactic sequence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011)	29
Figura 2 - Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita	35
Figura 3 - As operações de retextualizações	38
Figura 4 - Esquema da sequência didática do gênero memórias	47
Figura 5 - Confeção do portfólio	48
Figura 6 - Confeção do portfólio	48
Figura 7 - O início da viagem – aula de campo – Ruy Barbosa	48
Figura 8 - Entrevista com trabalhador rural - Aula de campo – Ruy Barbosa/RN	48
Figura 9 - Entrevista com proprietário de terras - Aula de campo – Ruy Barbosa/RN.....	49
Figura 10 – Conhecendo o espaço geográfico - Aula de campo – Ruy Barbosa/RN.....	49
Figura 11 - Comissão de Avaliadores/2016 - Gênero memórias	51
Figura 12 - Os bastidores da Mostra	52
Figura 13 - Mostra do conhecimento.	52
Figura 14 - Imagens da produção inicial do aluno José.....	62
Figura 15 - Roteiro para revisão.....	63
Figura 16 - Exemplo 1: Mensagem escrita para a aluna Bruna	64
Figura 17 - Exemplo 2: Mensagens entre o aluno José e a professora-pesquisadora	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Situação da turma: sexo	41
Gráfico 2 - Situação da turma: idade	41
Gráfico 3 – Situação da turma: frequência	42
Gráfico 4 - Situação da turma: reprovações	42
Gráfico 5 - Etapas para a produção do gênero memórias no contexto escolar.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese da sequência didática do gênero memórias	53
Quadro 2 – Dados para realização das análises.....	66
Quadro 3 - 1º momento da análise	69
Quadro 4 - 2º momento da análise	70
Quadro 5 - 3º momento de análise	72
Quadro 6 - 4º momento de análise	74
Quadro 7 - 5º momento da análise	76
Quadro 8 - 6º momento da análise	79
Quadro 9 - 7º momento da análise	82
Quadro 10 - 8º momento da análise	84
Quadro 11 - 9º momento da análise	87
Quadro 12 - 10º momento da análise	89
Quadro 13 - 11º momento da análise	91
Quadro 14 - 12º momento da análise	92
Quadro 15 - 13º momento da análise	94
Quadro 16 - Orientações para reescrita.....	95
Quadro 17 - 14º momento da Análise	96
Quadro 18 - 15º momento da análise	97
Quadro 19 - 16º momento da análise	98
Quadro 20 - 17º momento da análise	98
Quadro 21 - Orientações para reescrita.....	99

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
Consed	Conselho Nacional dos Secretários de Educação
DIREC	Diretoria Regional de Educação e Cultura
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FECITEC	Feira de Ciências, Tecnologia, Educação e Cultura
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LDP	Livro Didático Pedagógico
OLP	Olimpíada de Língua Portuguesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PCNLP	Parâmetros Curriculares Nacional de Língua Portuguesa
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RN	Rio Grande do Norte
SD	Sequência didática
TCLE	Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento
Undime	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA OLP	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 Concepções de linguagem: uma abordagem para o ensino	21
2.2 Concepções de ensino-aprendizagem de produção textual	23
2.3 Os gêneros textuais: instrumentos para o ensino	26
2.3.1 Sequência didática: conjunto de atividades para o ensino dos gêneros textuais	28
2.4 Memória: um lugar de refúgio	31
2.5 Memórias: um gênero textual confessional	32
2.6 Relações entre oralidade e escrita: a perspectiva do contínuo	33
2.7 Retextualização: a transformação de um texto em outro	36
2.8 Reescrita: um trabalho sobre o mesmo texto	39
3 METODOLOGIA	41
3.1 Abordagem da pesquisa	41
3.2 O campo de pesquisa	42
3.3 Caracterização dos participantes	45
3.4 Geração dos dados	46
3.4.1 Quadro-síntese da SD do gênero memórias	52
3.5 Organização dos dados	59
3.5.1. Momentos de produção em uma SD: retextualizar e reescrever	61
3.5.2. Práticas pedagógicas: orientações pra reescrita.....	63
3.5.1 Categorias de análise	65
4 ANÁLISE DOS DADOS	69
4.1 Retextualização: a retomada de trechos dos textos motivadores	69
4.2 Retextualização: das entrevistas às memórias	72
4.3 Questões de reescritas nas produções do gênero memórias	93
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	107
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE	108
APÊNDICE B – Questionário – perfil dos alunos pesquisados	110
APÊNDICE C - Atividade complementar (1ª etapa da SD – parte 1)	113

APÊNDICE D – Confeção do portfólio	114
APÊNDICE E – Atividade oral (PowerPoint)	115
APÊNDICE F - Correção da atividade fotocopiada (PowerPoint)	115
APÊNDICE G – Figuras de linguagem (PowerPoint)	116
APÊNDICE H – Atividade lúdica (4ª etapa da SD – Módulo 3)	117
APÊNDICE I – Perguntas motivadoras (5ª etapa – Módulo 4).	118
APÊNDICE J – Perguntas para entrevista – (5ª etapa – Módulo 5)	118
APÊNDICE K - O gênero entrevista (5ª etapa – Módulo 6).....	121
APÊNDICE L - Produção do gênero textual convite (5ª etapa – Módulo 6).....	121
APÊNDICE M – Memórias (5ª etapa – Módulo 9)	122
APÊNDICE N - Atividade lúdica (5ª etapa – Módulo 9).....	123
APÊNDICE O - Tabela de correção (6ª etapa)	124
ANEXOS	125
ANEXO A - Recursos didáticos para aplicação da sequência didática	126
ANEXO B - Exposição de filme – Seção pipoca.....	131
ANEXO C - Atividades realizadas durante a aplicação da sequência didática	132
ANEXO D - Textos finalistas – OLP/2012	136
ANEXO E - Atividade realizada durante a aplicação da sequência didática	137
ANEXO F – Material fotocopiado com algumas figuras de linguagem.....	139
ANEXO G - Imagens do vídeo produzido pelos organizadores da OLP/2016	140
ANEXO H - Coletânea de memórias.....	140
ANEXO I - Versão final do gênero memórias.....	141
ANEXO J - Imagens das produções em vídeo dos alunos – Mostra do conhecimento 2016	154

INTRODUÇÃO

Adentrar no universo da leitura e da escrita dos gêneros textuais que constituem as atividades de linguagem ainda permanece um desafio nas escolas públicas brasileiras, não obstante, ao longo de várias décadas, o governo busca reverter esse quadro por meio de várias ações. Dentre as ações governamentais, é necessário ressaltar a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos anos 90. Segundo Antunes (2003, p. 22-23), “não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao documento privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua”.

Ainda em relação aos PCN, tendo consciência das dificuldades encontradas na Educação e além dela, não se pode desconsiderar uma nova perspectiva de ensino-aprendizagem, a partir de sua publicação, principalmente, ao estabelecer as orientações curriculares acerca das competências e habilidades que os estudantes precisam desenvolver no decorrer da Educação Básica.

Nesse contexto, decidimos utilizar como motivação a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLP), a qual proporciona, desde 2002, diversas modalidades de formação presencial e a distância para educadores, além de um concurso de textos que premia as melhores produções dos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, contemplando os seguintes gêneros textuais: poema (5º e 6º anos); memórias literárias (7º e 8º anos), crônica (9º ano e 1ª série) e artigo de opinião (2ª e 3ª séries).

A nossa experiência com a OLP, no Ensino Fundamental Anos Finais, indica que, em edições anteriores do concurso (2012, 2014), alguns alunos apresentaram dificuldades ao produzir o gênero “memórias”. Ademais, foram constatadas dificuldades quanto às operações necessárias no processo de retextualização de entrevistas que antecederam a produção do referido gênero textual. Dell’Isola (2007) ressalta a importância de trabalhar a retextualização em sala de aula, pois essa é uma possibilidade de pôr em prática as habilidades linguísticas necessárias para desenvolver a competência discursiva, que é também uma competência reflexiva e criativa.

Assim, tendo como ponto de partida uma pesquisa-ação, aplicamos uma sequência didática (doravante, SD) na turma do 7º Ano, na E.E. Estadual Professor José Fernandes Machado, localizada em Natal/RN. Considerando os gêneros textuais ferramentas para o desenvolvimento de capacidades individuais, a SD foi organizada em sete fases e, em cada uma delas, os alunos realizaram atividades direcionadas ao desenvolvimento da competência textual. Nesse caso, em uma das fases denominada Módulo, foram trabalhados problemas identificados

na primeira escrita dos alunos, por exemplo, estrutura global do gênero, repetições, marcas da oralidade etc.

A proposta de intervenção em foco não se esgota em trabalhar apenas questões gramaticais, mas promover práticas sociais que possibilitem desenvolver habilidades e competências comunicativas, por meio dos gêneros textuais (oral e escrito) trabalhados durante a sequência didática. Por exemplo, os alunos também são motivados a resgatar, através de entrevistas produzidas, momentos históricos, emoções vividas e mudanças ocorridas no espaço em que vivem.

Esta dissertação é norteada pelas seguintes questões a serem respondidas com a análise:

- Que operações de retextualização são identificadas em textos de estudantes do 7º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais produzidos a partir de uma proposta com o gênero “memórias”?
- Quais possíveis contribuições de uma proposta de intervenção com o gênero memórias literárias para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, especificamente no tocante à reescrita de textos?

Face a essas questões, o objetivo geral é contribuir com reflexões acerca do ensino-aprendizagem do gênero memórias, com enfoque na retextualização e na reescrita. Sendo assim, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos:

- analisar operações de retextualização e reescrita identificadas nas produções dos alunos, buscando observar nessas produções características gerais do gênero memórias;
- problematizar, a partir da comparação das produções com o conteúdo dos textos trabalhados em sala e, principalmente, com o conteúdo das entrevistas realizadas, possíveis relações entre as operações identificadas;
- sistematizar uma proposta de intervenção de modo a apresentar contribuições para a aprendizagem do aluno.

Além da *introdução*, que apresenta a contextualização da pesquisa, as questões problemas e os objetivos, esta dissertação está pautada em cinco seções.

Na primeira seção - Um passeio pela história da OLP - encontram-se uma breve contextualização da criação do Programa Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* e algumas críticas acerca do Programa.

Na segunda seção - Fundamentação teórica - apresentamos temas centrais que fundamentam nossa pesquisa: concepções de linguagem, produção textual, gêneros textuais, sequência didática, memória, o gênero memórias, relações entre oralidade e escrita, retextualização e reescrita.

Em seguida, na terceira seção – Metodologia – descrevemos *o locus* em que a pesquisa-ação foi realizada; o perfil dos participantes; apresentamos detalhadamente o processo de aplicação da sequência didática e o quadro-síntese da SD, explicamos como se deu a organização de dados, de que forma eles foram categorizados e, por fim, compartilhamos algumas práticas pedagógicas desenvolvidas no decorrer da sequência didática.

Na quarta seção – Análise dos dados – apresentamos as análises realizadas com ênfase inicialmente na retextualização e depois, na reescrita, relacionando a análise ao gênero-alvo e à sequência didática.

Finalizando, na quinta seção – Considerações finais – retomamos as questões e objetivos, indicando seu alcance com o trabalho.

1 UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA OLP

Os jogos Olímpicos foram criados pelos gregos, por volta do século VIII a.C., com o objetivo de homenagear os deuses do Olimpo. No entanto, devido a questões sociopolíticas ocorridas no mundo antigo, as Olimpíadas caíram no esquecimento durante séculos.

Na era Moderna, um aristocrata e pedagogo suíço chamado Pierre de Frédy, conhecido como Barão de Coubertin (1868-1937), acreditava que o esporte deveria ser estimulado, sobretudo entre os jovens. Além disso, esperava que as Olimpíadas pudessem promover a “paz entre as nações”. Imbuído por esses ideais desportivos, o Barão concebeu a primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, ocorrida em Atenas, em 1896.

Assim, com o mesmo espírito esportivo do Barão de Coubertin, em 2002, o Programa Escrevendo o Futuro foi criado pela Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), com o objetivo de contribuir para melhoria da leitura e escrita de alunos de escolas públicas brasileiras de todo Brasil. Em mais de 16 anos, o programa já sofreu algumas alterações. Por exemplo, em 2004, o gênero “reportagem” foi substituído por “memórias” (FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL, [2016?]).

Segundo os organizadores, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* não está em busca de talentos, porque o principal objetivo é contribuir para a melhoria da escrita de todos os estudantes. Diante dessa concepção, a sequência didática é considerada o principal dispositivo para proporcionar aos alunos as competências necessárias referentes ao gênero estudado. Assim, por meio das oficinas, buscam-se estratégias metodológicas que facilitem a progressão na aprendizagem da escrita.

Nessa trajetória, conforme registra o Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa, o programa seguiu sua realização em duas vertentes: o concurso, nos anos pares, e as ações de formação presenciais e a distância, nos anos ímpares. Nas formações a distância, os professores são convidados a participarem de diversos cursos na plataforma da OLP, por exemplo, “Caminhos da escrita”, enquanto a formação presencial pode acontecer em diversos estados brasileiros, em parceria com a Secretaria de Educação.

Criou-se em 2005 a Revista *Na Ponta do Lápis*, distribuída a todos os professores participantes, e a Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro*. Em 2006, surgiu outra novidade: o programa passou a premiar também os professores. No caso, até a edição de 2007, apenas professores e alunos do 5º e 6º anos podiam participar do Concurso de Gêneros, escolhendo um dos gêneros: poema, memórias literárias ou artigo de opinião.

No ano de 2008, foram incluídos os 8º e 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais e duas turmas do Ensino Médio (2ª e 3ª séries). Vale ressaltar que essa foi uma parceria com o Ministério da Educação que ampliou a abrangência das ações e a quantidade de anos escolares atendidos. Nesse caso, o programa foi incluído como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação e o concurso passou a ser denominado Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, aumentando sua abrangência. Também são parceiros do programa na execução das ações o Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Canal Futura.

O Programa, em 2009, seguiu com os encontros de formação presencial, pautados pela *Maleta do professor*. Além disso, também foi produzido o Jogo *Q.P. Brasil*, com o objetivo de trabalhar a argumentação com os alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

Na 2ª edição da OLP (2010), foram enviadas a todas as escolas públicas - que atendem um ou mais anos escolares entre o 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais à 3ª série do Ensino Médio - a "Coleção da Olimpíada", material com Cadernos do Professor nos gêneros: poema, crônica, memórias literárias e artigo de opinião. O material apresentou uma sequência didática, organizada em oficinas e planejada para estimular a vivência de uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais.

A 3ª edição da OLP lançou, em 2012, o Caderno Virtual *Ponto de vista*, com a sequência didática do gênero artigo de opinião. A comunidade virtual passou a se chamar *Portal Escrevendo o Futuro*. No ano de 2014, a 4ª edição do Programa lançou os Cadernos Virtuais, adaptação da Coleção da Olimpíada ao suporte digital, com diversos recursos multimídia (áudios, textos para projeção, vídeos e jogos).

Nos anos subsequentes, o Programa *Escrevendo o Futuro* continuou motivando os estudantes das escolas públicas brasileiras a melhorarem suas práticas de escrita por meio de uma sequência didática. Além disso, concentrou o foco nas ações de formação de educadores, por meio do Portal e das parcerias com secretarias de educação de todo o Brasil. As ações do Programa estão reunidas no Portal *Escrevendo o Futuro*, um ambiente de formação a distância para educadores, que promove interação entre os usuários, disponibiliza materiais, metodologias, notícias e divulga as ações do Programa.

Em seu formato desde 2010 até 2016, a Olimpíada de Língua Portuguesa promove um concurso de produção de textos para alunos de escolas públicas de todo o país, do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais à 3ª série do Ensino Médio. O tema escolhido, desde sua primeira edição, é "O lugar onde vivo", o qual possibilita aos estudantes envolvidos perceber com um outro olhar o lugar em que vive.

No entanto, apesar da importante contribuição da OLP no combate ao Illeticismo no Brasil, o programa sofre críticas. Segundo Barros (2007, p. 179), “as escolhas dos textos para a oficina do gênero deveria considerar que as crianças participantes representam regiões de todo país, o que faz crer que nem todos possuem jornais, revistas, periódicos e Internet”. Outro fator complicador, segundo estudos, refere-se ao desgaste e ao cansaço dos professores e alunos por a sequência ser considerada longa demais, tal como propõe o Caderno do professor. Associado a isso, há algumas atividades de transcrição na lousa, que exigem muito tempo, dado a extensão do texto. Nesse caso, é verdade que alguns municípios não possuem recursos materiais para reprodução dos textos, contudo o tempo gasto com a escrita na lousa poderia ser dedicado a atividades propriamente linguísticas. Além disso, há oficinas que são inviáveis para realidade de algumas escolas públicas, pois não há recursos tecnológicos para execução das atividades planejadas na escola.

Ademais, para dificultar, os materiais impressos não são mais distribuídos, porque encontram-se disponíveis no Portal da OLP. Esses fatores complicadores desestimulam os professores a aderirem ao programa, já que inviabilizam as atividades que poderiam propiciar aos estudantes a oportunidade de enveredarem pelo universo da leitura e escrita dos gêneros textuais.

Sabemos que existem realidades diferentes entre as escolas públicas brasileiras, principalmente, nas regiões em que os investimentos são precários para que a escola funcione conforme as exigências do mundo contemporâneo. Nesse contexto, um recurso tecnológico que poderia facilitar o ensino-aprendizagem, na verdade, torna-se um empecilho para os professores por não poderem utilizar tais ferramentas.

Não obstante, é visível que algumas escolas públicas, apesar de não contar com tais recursos, conseguem desenvolver excelentes trabalhos, porém são casos isolados em que outros fatores corroboram para o sucesso do programa, por exemplo, o apoio dos familiares, além, é claro, do envolvimento dos educadores, das coordenadoras e das gestoras para superar os obstáculos referentes à falta de investimento e de estrutura, sem contar também com o interesse do educando, por compreender que é uma oportunidade ímpar para mudar o desfecho de sua história.

Diante das críticas, após 16 anos de atuação, conforme publicação no Portal da Língua Portuguesa, o Programa Escrevendo o Futuro será redesenhado ao longo de 2018, por consequência o concurso de produção textual acontecerá em 2019.

Enfim, esperamos que as mudanças realizadas no Programa Escrevendo o Futuro contribuam para sua permanência.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepções de linguagem: abordagem para o ensino

Neste trabalho, compreendemos língua como atividade social, histórica e cognitiva, privilegiando sua natureza funcional e interativa em detrimento do aspecto formal e estrutural. Nesse sentido, a língua, produzida por sujeitos que interagem por meio dos textos e que constroem sentidos, não espelha a realidade, nem deve ser compreendida como mero instrumento de representação dos fatos (MARCUSCHI, 2010).

Segundo Geraldi (2012), ao ensino de Língua Portuguesa, subjaz uma concepção de linguagem que pode influenciar a situação de aprendizagem dos estudantes, a partir da adoção de metodologias e da seleção de determinados conteúdos. Portanto, um olhar inovador, que colabore, inclusive, para a minimização do fracasso escolar, pode direcionar o professor para uma nova metodologia e afastá-lo de um ensino-aprendizagem pautado apenas no estudo da gramática normativa, ou seja, do certo e errado, o qual enfatiza a variedade padrão, desconsiderando outras variedades menos privilegiadas socialmente. Nas palavras de Geraldi (2012, p. 45):

A alteração atual do ensino de língua portuguesa não passa apenas por uma mudança nas técnicas e nos métodos empregados na sala de aula. Uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas principalmente um 'novo conteúdo' de ensino.

Geraldi (2012, p. 41), a partir do entendimento de linguagem de Volochinov, considera três concepções de linguagem: a linguagem como expressão do pensamento; a linguagem como instrumento de comunicação; a linguagem como uma forma de interação.

A primeira concepção, ainda a mais prestigiada no âmbito escolar, norteia o ensino tradicional e, conforme o autor, “se concebemos a linguagem como tal, somos levados a afirmação de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam” (GERALDI, 2012, p.42). Ao adotar essa concepção, o texto é visto como um produto do autor, cabendo ao leitor apenas captar essa representação mental, ou seja, ele exerce um papel passivo (KOCH, 2006, p. 17).

A segunda concepção de linguagem está ligada à teoria da comunicação e considera a língua como um código, capaz de transmitir ao leitor certa mensagem, portanto, um mero instrumento de comunicação e de sujeito como (pre)determinado pelo sistema. Nessa

concepção, o texto é visto como simples produto de codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor, para tanto, basta conhecer o código. Além disso, o papel do leitor é também essencialmente passivo (KOCH, 2006).

Em oposição as duas primeiras concepções de linguagem, a concepção de linguagem como interação implicará uma postura educacional diferenciada, já que situa linguagem como lugar de interação, em que os falantes se tornam sujeitos. A língua só tem existência na interação, portanto, estudar a língua vai além do estudo da metalinguagem; trata-se de detectar os compromissos que se criam por meio do jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E, é no interior do funcionamento da língua que se pode procurar estabelecer as regras desse jogo (GERALDI, 2012). Nesse sentido, o professor, ao adotar a concepção de linguagem como interação, deve oportunizar a reflexão e o domínio de variadas possibilidades de uso da linguagem, bem como a formação de leitores críticos e de cidadãos capazes de produzir textos de modo proficiente.

Em consonância com a concepção interacional da linguagem, observamos que, nos documentos oficiais como os PCN – 1998, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - 2016, as orientações para o ensino de Língua Portuguesa devem contemplar a modalidade oral e escrita, para que os estudantes aprendam a ler e desenvolver a escuta, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação diversas; a apropriar-se de conhecimentos e recursos linguísticos – textuais, discursivos, expressivos e estéticos – que contribuam para o uso adequado da língua oral e da língua escrita na diversidade das situações comunicativas de que participam.

Nessa perspectiva, acreditamos que a sequência didática é uma ferramenta que pode propiciar aos alunos atividades linguísticas nas situações mais diversas do dia a dia, oferecendo-lhes instrumentos precisos para aprimorar suas capacidades de escrever e falar. Uma das propostas pertinentes é inserir a atividade de retextualização na SD, porque as operações envolvidas nesse processo de transformação exigem que sejam considerados fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional.

Enfim, através de um ensino pautado na linguagem como interação, o docente, em parceria com outros profissionais envolvidos no ensino-aprendizagem, tais como gestores, coordenadores, poderá contribuir para a minimização do quadro desanimador em que se encontra o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, isto é, proporcionando aos alunos uma aprendizagem significativa, em que não se encontrem, nos cadernos dos alunos de Ensino Fundamental Anos Finais, anotações vagas e exercícios realizados sem a devida reflexão nem compreensão dos fenômenos inerentes aos usos da língua.

2.2 Concepções de ensino-aprendizagem de produção textual

Para chegarmos à denominação “produção textual”, é necessário conhecermos a historicidade do texto como objeto de ensino. Segundo Bunzen (2006, p.141), durante o séc. XVIII até meados do século XX, o ensino do texto encontrava-se em último plano, priorizava-se o ensino da gramática e da leitura. O ensino da “composição” era reservado apenas para os alunos secundaristas nas aulas de retórica, poética e literatura. Nelas, os alunos imitavam as principais obras literárias nacionais da época; a concepção que predominava era a língua como expressão do pensamento.

A partir dos anos 1960 e 1970, houve uma mudança crucial no ensino de Língua Portuguesa, em especial, nos anos 1970, devido às publicações significativas dos livros didáticos, em que se voltava para o ensino de “redação”. Algumas mudanças foram consequências da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5692/71. Nessa época, a concepção de língua como código orientou a aprovação do Decreto Federal nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977, o qual inseriu, obrigatoriamente, a partir de janeiro de 1978, a prova de redação em Língua Portuguesa nos vestibulares. Diante desse contexto, as escolas começaram a adotar a prática de ensino de redação, porém, com ênfase nas regras gramaticais. No entanto, a partir dos anos 1980 e 1990, surge uma oposição a essa prática de ensino; dessa forma, passa-se a ser utilizada a expressão “produção textual”.

Em 1998, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), foi proposta uma mudança de concepção de ensino-aprendizagem, defendendo, para o ensino de Língua Portuguesa, os gêneros textuais como fio condutor do trabalho em sala de aula.

O conceito de texto que orienta a base curricular de Língua Portuguesa nos PCN (1998) passa a considerar esse objeto como próprio lugar de interação e os interlocutores como sujeitos ativos. O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito; desse modo, a coerência textual, segundo Koch (2006, p. 17), “deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto”. Considera-se, portanto, que os elementos presentes na superfície textual, aliados aos elementos do contexto sociocognitivo, corroboram para uma configuração veiculadora de sentido.

É verdade que, apesar de todo avanço teórico em relação à concepção de língua e texto,

a concepção de língua como código figura como a concepção dominante sobre seu funcionamento, já que aparece com muita frequência, implícita ou explicitamente nos enunciados dos professores, dos autores do Livro Didático Pedagógico (LDP) e dos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), 1999, ao definir língua, leitura, escrita e texto (Bunzen, 2006, p. 145).

Ademais, ainda há nas escolas brasileiras um ensino pautado na visão aristotélica da linguagem, que a concebe como uma manifestação do pensamento interior dos homens, logo, se não se imita mais um modelo padrão, querem ensinar aos alunos fórmulas milagrosas de como produzir um texto; um retrato desse quadro são os famosos cursinhos que prometem transformar alunos em escritores de excelência.

Para fugir dessa realidade superficial de produção textual, o professor Geraldí (2012) propõe um ensino pautado em experiências reais, ou seja, os alunos escrevem textos com um propósito, por exemplo, a publicação, impressa, de uma antologia das histórias produzidas (6º e 7º Anos), organização de jornal impresso (8º Ano) e organização de antologia no final do ano e/ou remessa dos melhores textos para publicação (9º Ano). Ou seja, “o importante é abandonar a escrita vazia, de palavras soltas, de frases soltas, de frases inventadas que não dizem nada” (ANTUNES, 2003).

Outra proposta defendida pelo autor é um trabalho progressivo com os textos narrativos, descritivos/dissertativos, normativos e correspondência. Além disso, o professor apresenta uma proposta de análise linguística, a partir das produções dos alunos, com problemas de estrutura textual, de ordem sintática, de ordem morfológica, de ordem fonológica e/ou de ordem semântica. Para tanto, a escolha dos problemas dar-se-á a partir da análise desses textos. No caso, o pesquisador apresenta alguns métodos de correção, como: o professor escolhe uma redação para correção compartilhada ou organiza uma correção em grupo (dupla).

É interessante frisar que o grupo de Genebra (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011) também defende um ensino de produção textual a partir do agrupamento de gêneros e progressão. Para os autores, não se deve considerar a aprendizagem da expressão com um procedimento unitário, mas sim como um conjunto de aprendizagem específicas de gêneros textuais variados.

Segundo Marcuschi (2010), todas as manifestações verbais mediante a língua se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados. Por meio de um estudo sistemático, o professor pode propiciar aos discentes o contato com diferentes textos para que eles possam apropriar-se da escrita na perspectiva de que o texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em gênero textual o qual circula em esferas de produção discursiva, acrescenta o autor.

Conforme Koch (2006), o texto é o próprio lugar de interação, isto é, construído na interação texto-sujeito e não algo que preexista a essa interação; questões textuais não podem ser vistas como mera propriedade ou qualidade do texto, deve se aliar a todos os elementos do contexto sociocognitivo para constituir uma configuração.

Diante disso, é evidente que, ao se estudar a produção textual, a análise linguística também deve fazer parte do ensino de Língua Portuguesa, o que não implica em um estudo do “texto como pretexto” para a abordagem gramatical (WACHOWICZ, 2012). A autora complementa, afirmando, “não se pode analisar um texto como uma fotografia congelada de formas gramaticais fixas, que justifiquem o trabalho com a gramática” (WACHOWICZ, 2012, p. 23). Por exemplo, o aluno precisa compreender que a escolha da voz passiva em determinados textos vai além de uma questão estilística, isto é, muitas vezes o produtor não quer enfatizar quem praticou a ação expressa pelo verbo.

Ou seja, as situações sociais proporcionam determinadas escolhas linguísticas pelos indivíduos. Assim, as propostas de trabalho com o texto convergem para o trabalho com os gêneros. Do ponto de vista do uso da aprendizagem, verificamos que uma proposta de produção no âmbito escolar, por meio de um sequência didática, direciona o aprendiz para múltiplas situações de produção. Nesse contexto, adotando uma perspectiva textual, a SD propõe várias atividades de observação, de manipulação e de análise linguísticas centradas nas marcas de organização de um gênero, não podendo assumir o trabalho total para o domínio da língua, por conseguinte questões gramaticais devem ser contempladas em outros momentos.

Nesta dissertação, apresentamos uma experiência com a sequência didática do gênero memórias, na qual foram contempladas atividades de retextualização e de reescrita e, em cada uma delas, o aluno realizou práticas linguísticas com o objetivo de desenvolver a competência textual. É importante frisar que as análises linguísticas das produções dos alunos não serviram de pretexto para o ensino da gramática pela gramática, na verdade, elas foram objetos de estudo para uma abordagem significativa acerca das questões linguísticas próprias do gênero em estudo, além disso, os textos dos alunos deram-nos pistas para um ensino específico de questões gramáticas em outros momentos de estudo.

Em suma, não podemos negar que a escolha de um gênero textual na escola é o resultado de uma decisão didática, contudo, ao propor uma sequência didática para trabalhar o gênero, colocamos os alunos em situações de produções que têm um significado para eles, mesmo o professor sabendo que os objetivos, na escola, também são outros.

2.3 Os gêneros textuais: instrumentos para o ensino

O conceito de gênero remonta à Antiguidade. O filósofo Aristóteles classifica as obras em função dos objetos representados, distingue as modalidades de representação que retoma de Platão, e os meios utilizados. Assim, o filósofo caracterizou três gêneros do discurso: o judiciário, o epidítico e o deliberativo. Nesse período histórico, os grandes gêneros são fixados e estabilizados: epopeia, elegia, tragédia, comédia, paródia, romance, conto, fábula, máxima, lei, poema lírico etc (DOLZ; GAGNON, 2015).

Seguindo o tempo cronológico, assim como na cultura antiga, a Idade Média é dominada pela oralidade. Surgem os épicos, as canções de ninar, as cantigas, entre outros. Com o Renascimento, o hábito de agrupar os textos em gêneros se espalha e ganha uma função classificatória. O Classicismo reforça essa tendência em estabilizar as regras em nome da razão. Já no Romantismo, os gêneros retomam um sentido que segue a evolução da sociedade cultural, a arte autêntica passa a ser a expressão de um indivíduo sobre a vida. Os irmãos Schlegel mostram a historicidade da noção de gênero e distinguem as formas subjetivas das formas objetivas.

No século XIX, Bakhtin, reconhecido na França em 1963, principalmente, devido ao trabalho de Todorov e de Kristeva, afirma que o gênero do discurso funciona como uma norma que intervém na estruturação dos enunciados e permite a estruturação de formas da linguagem, destacando o caráter movente dos gêneros (DOLZ; GAGNON, 2015).

Em nossa pesquisa, adotamos o termo “gênero textual”, já que se encontra baseada em estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly(2011), como também em Marcuschi (2010). Os gêneros são concebidos como objetos de ensino-aprendizagem da produção escrita e oral.

O gênero textual é um instrumento que intermedeia uma atividade, dando-lhe uma forma; contudo esse mesmo instrumento representa também essa atividade, materializa-a. Na escola, o professor deve trabalhar os gêneros textuais a partir de práticas sociais que favoreçam a aprendizagem do aluno, devendo perceber que os gêneros primários (simples) não precisam ser ensinados aos alunos sistematicamente, por pertencerem ao universo linguísticos desses educandos, enquanto os gêneros secundários devido ao seu grau de complexidade (conto, artigo de opinião, resenha crítica, memórias literárias etc.) precisam ser trabalhados de maneira sistematizada (MARCUSCHI, 2010).

Marcuschi (2010, p. 23) cita que “os gêneros textuais se constituem como ações discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo”, ou seja, apesar de serem eventos linguísticos, eles se definem por meio de atividades sociodiscursivas. Por exemplo, o gênero

memórias, produzido pelos alunos a partir de uma sequência didática, pode ser compreendido como um objeto de estudo para o aluno apropriar-se de conhecimentos linguísticos. No entanto, ao ser lido pelos estudantes, professores e demais presentes em uma exposição de textos literários, passa a exercer sua principal intenção comunicativa: emocionar os leitores.

Para Bakhtin (2011, p.285), “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livres os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade”. Diante disso, na escola, precisamos oportunizar aos alunos momentos de práticas sociais que promovam a produção de diversos gêneros textuais, dessa forma, eles poderão torna-se capazes de agir para transformar o espaço em que vive. Para tanto, o professor deve compreender, aliás, a sociedade, que não basta conhecer regras gramaticais e possuir um rico vocabulário para produzir textos, é preciso saber utilizar as formas de enunciados adequadas a situações comunicativas diversas. Por exemplo, se alguém almeja uma vaga em curso de Especialização, poderá ser solicitado a escrever uma carta de intenção, justificando os motivos para ser aceito.

O gênero permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos, se ele não existisse, seria impossível a comunicação verbal. Escolhe-se o gênero a partir da necessidade de comunicação, por isso determinados gêneros desaparecem ou se transformam, enquanto outros surgem nas diversas esferas sociais. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo (BAKHTIN, 2016, p. 12). Retomando a Bakhtin (2011, p. 283), “a diversidade de gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação”.

Confluindo com o pensamento de Bakhtin, Schneuwly (2011) comenta que as práticas efetivas de exposição que emergem de diferentes situações de comunicação é que fazem, de certa forma, que o gênero exista num contexto cultural dado, diferenciando-se de acordo com sua finalidade, em cada uma das esferas sociais em que tramita, portanto pode-se conceber o gênero como tendo duas faces: por um lado, o artefato material ou simbólico, por outro lado – o do sujeito.

Em síntese, é inegável a importância de estudar os gêneros no âmbito escolar. Contudo, sabemos também que, no âmbito escolar, eles apresentam propósitos diferentes, já que, ao fazerem parte do ensino na escola, tornam-se objetos para aprender e escrever, ainda que tragam elementos da prática social. Por exemplo, as memórias produzidas pelos alunos na esfera

escolar, não apresentam o mesmo propósito das memórias produzidas por escritores famosos na esfera literária, todavia podemos transformar o espaço escolar o mais próximo do real, por exemplo, em uma exposição dos textos produzidos pelos alunos.

Logo, verificamos que cabe ao professor de Língua Portuguesa, em especial, fomentar no estudante a compreensão de que os gêneros textuais não são apenas um instrumento para se estudar a metalinguagem, ou mesmo questões referentes as suas características. Ou seja, os gêneros promovem a interação em diversas situações de comunicação, por isso a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é permitir ao aluno o contato com os diversos gêneros textuais dificilmente acessíveis em seu dia a dia, para que ele possa utilizá-lo de acordo com as exigências de um determinado contexto social, caso contrário, possivelmente, não conseguirá atingir os objetivos esperados.

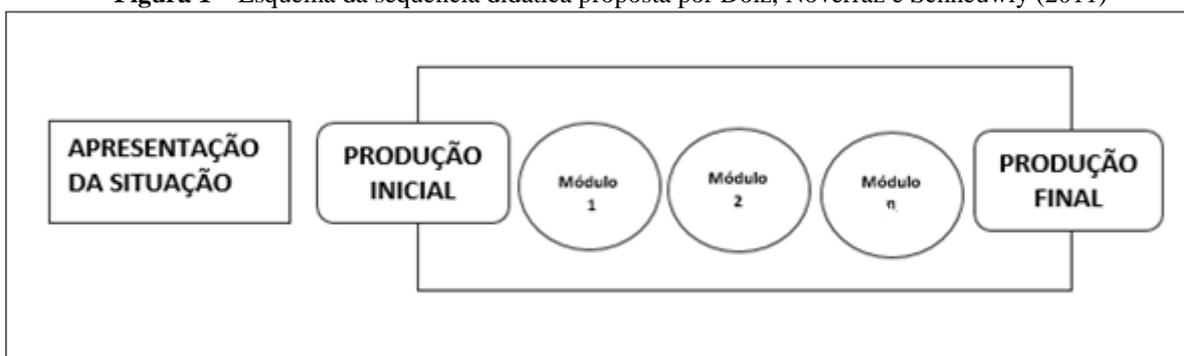
2.3.1 Sequência didática: conjunto de atividades para o ensino dos gêneros textuais

Parece-nos que, para a maioria dos alunos, o ambiente escolar não apresenta os mesmos atrativos encontrados além dos muros da escola, em que eles têm contatos com múltiplas linguagens. Nesse contexto, como o professor de Língua Portuguesa pode ministrar aulas que estimulem seus alunos a lerem e a escreverem alguns gêneros textuais?

Segundo Dell’Isola (2007), os alunos deveriam ser conduzidos a compreender melhor a dinâmica social em que os gêneros textuais estão presentes, assim, sentir-se-iam motivados a estudar os gêneros devido ao seu valor pragmático. Além disso, para Marcuschi (2011), o professor precisa respeitar as motivações e a afetividade dos alunos, a complexidade do tema, o projeto político pedagógico da escola e o projeto de classe. Assim, uma das possibilidades, em meio a esse contexto, é a aplicação de uma sequência didática, a partir da proposta apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011).

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p.82), “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito”, com o objetivo de ajudar os alunos a dominarem textos orais e escritos, dessa forma, permitindo-lhes escrever ou falar de uma maneira mais adequada às situações comunicativas. Os autores propõem o seguinte esquema para organização da sequência didática:

Figura 1 – Esquema da sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011)



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 83).

Observemos que, no esquema elaborado pelos pesquisadores (Fig. 1), as atividades são realizadas em várias etapas. Na primeira etapa (Apresentação da situação), o professor apresentará detalhadamente o projeto de produção de um gênero oral ou escrito. Após a apresentação da situação inicial, a turma é convidada a produzir o primeiro texto, cuja produção servirá de objeto de análise para a elaboração dos módulos. Neles, são trabalhados os problemas identificados na primeira escrita. Por fim, no último momento, denominado *Produção final*, o aluno é convidado a pôr em prática os conhecimentos adquiridos, e, com o professor verificar os progressos alcançados. Nesse caso, é preciso frisar que o aluno poderá reescrever seu texto até chegar a uma “versão desejável”.

É importante destacar que, na elaboração de uma sequência didática, o professor deve basear-se em um destes três critérios: gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre gêneros públicos e não privados, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011).

Diante dessa perspectiva, aplicamos a SD do gênero memórias, porque, além de ser o gênero textual solicitado na OLP, também é considerado um gênero textual de difícil acesso no cotidiano dos alunos. Ademais, para produção do gênero memórias, eles também tiveram a oportunidade de entrevistarem pessoas mais experientes da comunidade com o objetivo de utilizarem as informações coletadas na produção do gênero memórias.

O papel do professor na aplicação da sequência didática deve ir além do aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral, deve ser deixado um espaço para atividades mais informais e menos exigentes, visto que “as sequências não podem assumir a totalidade do trabalho necessário para levar os alunos a um melhor domínio da língua e devem apoiar-se em certos conhecimentos construídos em outros momentos” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 97).

Nessa concepção, o professor precisa compreender língua como lugar de interação, o falante como ator/construtor social e os textos como unidades comunicativas globais utilizados em uma situação comunicativa. Portanto, o “engessamento” do estudo dos gêneros, por meio de uma sequência didática, dependerá exclusivamente da concepção que o docente tem de língua, de sujeito e de texto.

Assim, adotando a concepção de língua como lugar de interação, durante as atividades propostas na sequência didática, principalmente, nas fases em que se trabalha a leitura, a produção e a reflexão linguística, o docente deve proporcionar ao aluno a possibilidade de trabalhar uma série de conteúdos de Língua Portuguesa. Nesse sentido, os conteúdos abordados em cada módulo devem priorizar as dificuldades verificadas na *Produção inicial* para que o discente aproprie-se significativamente das competências necessárias para produção do gênero proposto.

Sendo assim, o docente precisa considerar os avanços dos alunos em cada fase da SD. Para tanto, deve realizar uma avaliação formativa. Ademais, tendo em vista as orientações dos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), é preciso revisar e reescrever os textos produzidos. Os estudiosos também afirmam que, no decorrer dessas produções, é recorrente os problemas de ortografia, contudo eles sugerem enfatizar essas questões apenas na última produção, porque a questão da correção ortográfica não deve obscurecer as outras dimensões que entram em jogo na produção textual, por exemplo, marcas de organização características de um gênero, emprego de tempos verbais etc. Enfim, o trabalho deve ser centrado em questões referentes ao gênero proposto, por conseguinte as questões de ortografia, gramática e sintaxe podem ser trabalhadas paralelamente e enfatizadas no momento da reescrita.

A *Produção final* é considerada pelos autores o momento para a avaliação de tipo somativo. Para isso, o docente deve explicitar seus critérios, isto é, a avaliação é uma questão de comunicação e de trocas, portanto, é necessário usá-la de maneira responsiva, pois, dessa forma, evitar-se-ão comentários e julgamentos equivocados dos alunos.

Para finalizar, cabe ao professor encontrar estratégias eficientes para realizar as correções ortográficas nos textos produzidos pelos alunos, principalmente, quando serão lidos por outros. Segundo os autores, a revisão ortográfica pode ser realizada pelo próprio aluno que seja bom em ortografia. Por outro lado, se o aluno tiver dificuldades, o ideal será uma correção colaborativa, isto é, dar seu texto para outros lerem, pois, com efeito, as inadequações linguísticas dos textos alheios são mais facilmente percebidas.

2.4 Memória: um lugar de refúgio

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir (SARAMAGO, 1994, p.146).

O tema memória pode ser abordado de diferentes perspectivas. De forma mítica, a origem da palavra remete à mitologia greco-romana, especificamente à deusa Mnemosine, personificação da memória ou lembrança, filha do Céu e da Terra, irmã de Cronos, o deus que preside o tempo. Segundo Brandão (2008, p.8), nessa perspectiva, há “uma articulação importante que permeia e amplia o tema, entre memória, tempo e narrativa, como arte de expressão”.

Se a mitologia explica de forma poética a origem e o significado da memória, encontramos em outras áreas do conhecimento o conceito para memória. Por exemplo, o dicionário Houaiss define memória como “a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1271). Segundo o historiador Jacques Le Goff (1990, p. 387), “a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações, ou que ele representa como passadas”, nesse caso, a memória consiste nas percepções individuais de cada ser humano ao resgatar suas lembranças; elas não são, necessariamente, o fato vivido, mas sim a forma como cada um enxerga-o.

Assim, observamos que, desde os tempos mitológicos até os dias atuais, passando por diversos intelectuais como Le Goff, Ecléa Bosi, entre outros, o tema memória tem sido objeto de reflexão. Dentre algumas reflexões, podemos afirmar que, assim como não haveria comunicação verbal, se não existissem os gêneros textuais, é “na memória” em que surge a possibilidade de narrar histórias reais ou fictícias, porque “a história é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 45).

A memória constitui-se de dois tipos: memória de conservação e memória de recordação. A memória de conservação compreende a possibilidade de preservar todas as coisas que queremos guardar, e, de algum modo, como estão guardadas, é possível recuperá-la. Já a memória-recordação é a possibilidade de ativar os guardados da memória-conservação, que se atualiza, por evocação, no ato de recordar. Logo, recordar pode ser compreendido como reviver

as memórias guardadas (PRADO; SOLIGO, 2007); essa ação possibilita ao homem expor suas memórias, narrar suas histórias.

Outro aspecto importante é que a memória pode ser coletiva ou individual; sendo assim, está evidentemente vinculada a escolhas individuais, todavia sempre dentro de um contexto sociocultural, de uma circunstância coletiva. Pressupõe também, por oposição, o esquecimento (PRADO; SOLIGO, 2007).

Em síntese, poderíamos dizer que a memória é o lugar de refúgio no qual articulamos consciente ou inconscientemente momentos vividos. Ela nos permite relembrar fatos do passados meio ficção, meio realidade.

2.5 Memórias: um gênero textual confessional

Os gêneros textuais do domínio discursivo confessional (diários, autobiografias etc.) foram, por muito tempo, considerados obras menores. Dessa forma, seguiram afastados dos textos classificados como literários (MACIEL, 2004). No entanto, é preciso enfatizar que, conforme Maciel (2004, p. 1), “a separação entre Literatura propriamente dita e as obras confessionais é fruto de uma visão simplista que considera estas narrativas como formas de não ficção”. A autora reforça que tanto os textos confessionais apresentam elementos da realidade, quanto os textos classificados como literários. Além disso, assim como os textos literários, os confessionais não estão isentos de desvios da linguagem, portanto, os textos confessionais são também uma produção humana entrecortada de ficção.

O gênero textual memórias, que também pode se situar no domínio confessional, apresenta o registro das lembranças de escritores que têm a capacidade de recuperar suas experiências de vida, verbalizando-as por meio de uma linguagem literária (ALTENFELDER; CLARA [2016?]). Assim, mais do que lembrar o passado em que viveu, o memorialista relata sua história, desdobrando-se em um narrador personagem. As memórias literárias podem ser construídas a partir de uma vivência pessoal ou com base no depoimento de alguém. Geralmente, o “autor-narrador” apropria-se da voz do outro, como se os fatos tivessem acontecido com ele.

Ademais, vale frisar que, por meio de suas lembranças ou de depoimentos, o autor relata episódios, a partir de uma visão em que a ficção e realidade se entrelaçam. Por um lado, as memórias se aproximam dos textos históricos; por outro, aproximam-se do texto literário. Como, ao utilizar a memória, sempre se faz um jogo do "agora" com o "ontem", do "aqui" com

o "lá", o texto ficará marcado por esse vai e vem, com uma contínua comparação do passado com o presente (ALTENFELDER; CLARA, [2016?]).

O gênero memórias possui uma estrutura relativamente livre, todavia, quando transposto para fins didáticos, pode constar: apresentação, corpo e desfecho. A sequência textual base é a narrativa, contudo, podem se mesclar outras sequências textuais, em especial, a descritiva, para descrever as personagens e os locais e os diversos cenários de épocas distintas. O estilo, de preferência, deve ser o uso da linguagem poética, pois uma das principais intenções comunicativas é emocionar os leitores.

Uma vez que o autor lembra de fatos passados, ele emprega verbos que expressam o ato de lembrar para mostrar esse vai-e-vem da memória. Também emprega pronomes possessivos ou oblíquos da primeira pessoa, retoma palavras utilizadas na época evocada e usa expressões que ajudam a localizar o leitor no momento em que os fatos ocorreram. Além disso, pode trazer para o texto o discurso direto, dando voz ao(s) personagem (s) criado(s) (ALTENFELDER; CLARA, [2016?]).

Na escola, ao considerar o tema da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, qual seja, *O lugar onde vivo*, o processo de escrita de memórias se inicia a partir de informações coletadas com adultos mais jovens ou idosos da comunidade. Atuando como leitor e produtor de textos orais, por meio de entrevistas, e como autores de memórias, cabe ao aluno retextualizar as informações coletadas e dar “vida” ao texto, imprimindo marcas autorais e utilizando a criatividade. Nessa experiência, é possível o discente observar que cada ser humano possui uma história capaz de transformar o espaço onde vive, bem como valorizar histórias de pessoas que constituem esse lugar.

2.6 Relações entre oralidade e escrita: a perspectiva do contínuo

Considerando a proposta de produção apresentada na sequência didática, em que os alunos foram convidados a transformarem o gênero entrevista no gênero memórias, enfatizaremos, neste tópico, as contribuições propostas por Marcuschi (2007, 2010) referentes ao estudo das modalidades oral e escrita.

No estudo da oralidade e escrita, uma visão equivocada correlacionada às duas modalidades seria colocá-las em blocos distintos, atribuindo-lhes propriedades opostas. Por exemplo, é incoerente considerar a escrita como descontextualizada e a fala como contextualizada, pois todos os usos da língua (oral ou escrito) são situados, sociais e históricos,

bem como mantêm alto grau de implicitude e heterogeneidade com enorme potencial de envolvimento (MARCUSCHI, 2010, p. 25-27).

Para melhor compreensão sobre o tema oralidade, letramento, fala e escrita, registramos o que discorre Marcuschi (2010, p. 26) sobre o assunto: a oralidade seria como uma prática social interativa para fins comunicativos que se manifestam sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora, enquanto o letramento envolve as mais diversas práticas da escrita, que pode ir desde a apropriação mínima da escrita, até uma apropriação profunda. Já a fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral ou escrita, sem a necessidade de uma tecnologia além do amparo disponível pelo próprio ser humano. A escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais, e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora apresente recursos de ordem pictórica e outros. Refere-se a uma modalidade de uso da língua complementar à fala.

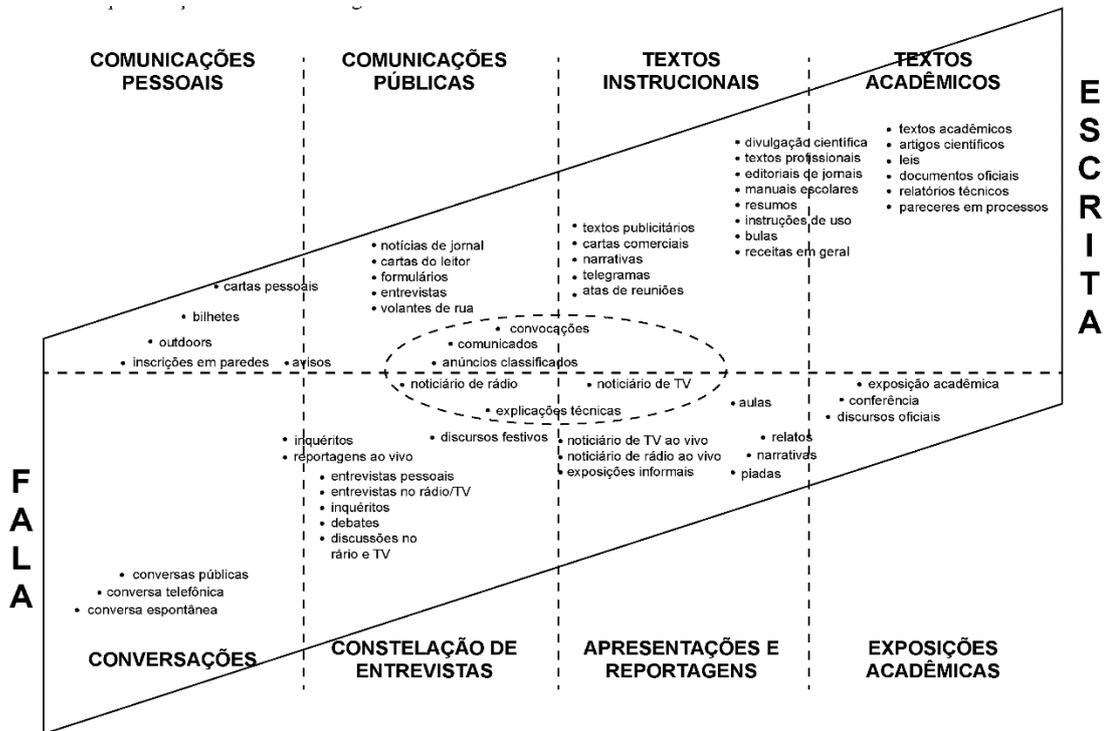
De acordo com Marcuschi (2010, p. 37), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sócias de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”, portanto, deve-se rejeitar essa visão dicotômica da língua.

Neste sentido, não podemos situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diferentes, elas pertencem ao mesmo sistema de língua, são realizações de uma gramática única; todavia, considerando o ponto de vista semiológico, podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala. Além disso, os textos orais têm uma realização multissistêmica (palavras, gestos, mímicas etc.) e os textos escritos também não se circunscrevem apenas do alfabeto (envolvem fotos, ideogramas).

A perspectiva da dicotomia estrita oferece um modelo muito difundido nos manuais escolares, o qual sugere dicotomias estanques com separação entre forma e conteúdo, separação entre língua e uso. Nesse caso, verifica-se um ensino pautado em regras gramaticais, as quais, embora apresente bons resultados na descrição estritamente empírica, desconsidera os fenômenos dialógicos e discursivos.

As modalidades oral e escrita, quando observadas no contínuo dos gêneros textuais, podem ser mais bem compreendidas, isto é, há gêneros similares nas duas modalidades, por exemplo, uma conferência publicitária preparada com cuidado terá maior semelhança com textos escritos do que com uma conversação espontânea, portanto uma modalidade não pode ser considerada superior a outra, ou seja, não se pode dizer que apenas a escrita segue normas, enquanto a fala não segue. A figura 2 aponta em detalhes o contínuo dos gêneros orais e escritos.

Figura 2 – Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita



Fonte Marcuschi (2010, p. 41).

A partir da figura 2, considerando o meio de produção (sonoro *versus* gráfico) e a concepção discursiva (oral *versus* escrita) dos gêneros, verificamos que eles podem se situar em pontos bastantes diferentes, ou seja, os gêneros prototípicos da fala encontram-se no meio de produção sonoro (conversa telefônica, conversas espontâneas etc.), enquanto os gêneros prototípicos da escrita pertencem ao meio de produção gráfico (editorial de jornais, bulas etc.); em contrapartida, percebemos que há gêneros mistos (notícias de TV, entrevista em revistas). Nestes gêneros, a produção e o meio são de modalidades diversas.

Nesse sentido, considerando que fala e escrita são duas maneiras das pessoas organizarem seus discursos, praticarem as suas interações no dia a dia, como também que uma modalidade não é mais importante do que a outra, o docente deve realizar um trabalho com os gêneros textuais buscando uma reflexão quanto à concepção discursiva (oral x escrita) e o meio de produção (sonoro x gráfico) em que eles se apresentam. Por exemplo, os gêneros entrevista (publicada em uma revista) e notícia de TV são de modalidades diversas; o primeiro pertence ao meio gráfico e sua concepção discursiva é oral, enquanto o segundo apresenta meio de produção oral e concepção discursiva escrita.

Enfim, diante dessas particularidades, o ensino de língua portuguesa deve levar em conta o contínuo dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas, caso contrário, apesar de todos os avanços teóricos, a comunidade escolar permanecerá privilegiando a escrita, e deixando o ensino da oralidade em segundo plano, de modo contrário ao que já propunham os PCN há aproximadamente vinte anos. Na verdade, já existe uma proposta para trabalhar os gêneros textuais na perspectiva do contínuo: a retextualização, pois ela engloba várias situações de produção que contemplam tanto a modalidade oral, quanto a modalidade escrita.

2.7 Retextualização: a transformação de um texto em outro

Uma das propostas para o ensino de Língua Portuguesa é considerar o contínuo entre oralidade-escrita. Nessa perspectiva, o processo de retextualização apresenta uma excelente oportunidade do aluno colocar em prática as duas modalidades.

A retextualização é um processo que envolve a produção de um texto com base no conteúdo global ou parcial de outro. Esse processo, conforme Marcuschi (2010, p. 46), realiza-se por meio de operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre compreendidos da relação oralidade-escrita”. A transformação de uma modalidade para outra implicará interferências mais ou menos acentuadas, mantendo-se o tema geral do texto-base, mas adaptando-o à nova situação de produção. Assim, dependendo da intenção do produtor, ocorrerão mudanças nitidamente definidas, enquanto outras serão opcionais.

Para Marcuschi (2010), os aspectos envolvidos nos processos de retextualização são divididos em quatro blocos:

- bloco A: idealização (eliminação, completude, regularização);
- bloco B: reformulação (acréscimo, substituição, reordenação);
- bloco C: adaptação (tratamento da sequência dos turnos);
- bloco D: compreensão (inferências, inversão, generalização).

Os blocos A e B dizem respeito a aspectos linguísticos-textuais-discursivos, o bloco C refere-se a operações de citação (tratamento de turnos) e o bloco D a aspectos cognitivos,

Segundo Marcuschi (2010), para executar as operações envolvidas no bloco C, deve-se considerar incluídas as operações envolvidas nos blocos A, B e D.

Sabemos que, na transformação de um texto para outro, há uma série de operações e decisões a serem tomadas na condução do processamento da escrita. Para tanto, o produtor deve considerar as seguintes variáveis intervenientes apresentadas por Marcuschi (2010):

- o propósito ou objetivo da retextualização;
- a relação entre o produtor do texto original e o transformador;
- a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- os processos de formulação típicos de cada modalidade.

Referente *ao propósito ou objetivo da retextualização*, dependendo da intenção do produtor, haverá uma diferença bastante significativa no nível de linguagem do texto, ou seja, é comum um gênero informal receber uma transformação mais descontraída, e o gênero formal receber uma transformação mais formal. Na verdade, uma retextualização não é indiferente aos seus objetivos ou ao seu propósito.

Quanto *à relação entre o produtor do texto original e o transformador*, um texto pode ser retextualizado pelo mesmo produtor do texto original ou outro produtor.

No que diz respeito *à relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero retextualizado*, verifica-se que a retextualização de um texto situado em um gênero com predominância de um mesmo tipo textual apresente alterações formais menos variáveis em relação a gêneros de tipologias predominantemente distintas. Uma narrativa oral transformada em uma narrativa escrita tende a apresentar menos modificações formais de que um gênero transformado em outro, por exemplo, uma entrevista transformada em memórias.

Por fim, a variável relacionada *aos processos de formulação* típicos de cada modalidade, trata-se das questões de produção textual vinculadas a cada modalidade, os quais resultam de operações que, além de estruturas discursivas, do léxico, do estilo, da ordenação tópica, da argumentatividade, envolvem ordenação cognitiva, características dos gêneros como ação social e transformação propriamente dita que culminam na qualidade do texto retextualizado (DELL'ISOLA, 2007). De acordo com Marcuschi (2010, p. 55), “considerando as quatro variáveis intervenientes, pode-se sustentar que as operações de retextualização são atividades conscientes que seguem variados tipos de estratégias”.

Para uma melhor compreensão, observemos as nove operações e as operações especiais apresentadas no modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito, de acordo com Marcuschi (2010):

Figura 3 - As operações de retextualização

- 1ª Operação:** Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégias de eliminação baseada na idealização linguística).
- 2ª Operação:** Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).
- 3ª Operação:** Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação linguística).
- 4ª Operação:** Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção).
- 5ª Operação:** Introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalizações de contextos expressos por dêiticos (estratégia de reformulação objetivando explicitude).
- 6ª Reconstrução:** de estruturas truncadas, concordância, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de reconstrução em função da norma escrita).
- 7ª Operação:** Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções lexicais (estratégia de substituição visando uma maior formalidade).
- 8ª Operação:** Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa).
- 9ª Operação:** Agrupamento de argumentos condensando as ideais (estratégia de condensação).
- Operações especiais:** readaptação dos turnos (nos diálogos) para formas monologadas ou dialogadas.

Fonte: Marcuschi (2010, p. 75).

Marcuschi (2010) organizou essas operações de retextualização em dois grupos: I - regras de regularização e idealização (operações de 1-4) e II - regras de transformação (operações de 5-9 e as operações especiais).

No primeiro grupo, as operações conduzem a uma primeira aproximação da idealização linguística e, no segundo grupo, as operações dizem respeito a um tratamento da fala, de natureza sintática, semântica, pragmática e cognitiva.

Ressaltamos que a 9ª operação de retextualização (estratégia de condensação) não constava nas primeiras versões do modelo apresentado pelo pesquisador (MARCUSCHI, 2010, p. 86-87), mas surge como uma estratégia significativa para diferenciar a atividade de resumir e de transformar, porque, apesar de ambas atividades serem retextualizadoras, não apresentam o mesmo objetivo, isto é, enquanto no resumo predomina as operações ligadas à seleção de conteúdos e a condensação pela eliminação de informações secundárias; a transformação ocorre não necessariamente por razões de seleção de informações importantes, e sim pela regularização linguística que implica redução no volume de linguagem. Além disso, a manutenção integral do conteúdo não é vista como uma condição da retextualização, pois, segundo Marcuschi (2010, p. 87), “seria impossível, porque qualquer interferência na forma é também uma interferência no conteúdo”. Ainda no segundo grupo, encontram-se as operações especiais, as quais se referem ao tratamento dos turnos para o caso da retextualização de conversações.

Em resumo, as operações propostas correspondem a uma escala contínua de estratégias, desde os fenômenos típicos da oralidade até os mais específicos da escrita, assim o domínio da escrita manifesta-se progressivamente, conforme as estratégias que são realizadas, isto é, para a produção do gênero memórias a partir do gênero entrevista, os alunos realizaram operações de retextualização com um intuito de adequar a linguagem ao gênero textual memórias. Para tanto, ativou os conhecimentos prévios acerca do gênero e colocou em prática a atividade linguística, considerando os aspectos textuais do gênero em estudo.

Por fim, outro aspecto que devemos ressaltar é que há gêneros textuais que não contemplam todas as operações apresentadas no modelo de Marcuschi (Fig. 3), por exemplo, para produção do gênero memórias a partir do gênero entrevistas, os alunos não utilizaram a 8ª e 9ª operações, por não se tratar de um gênero do âmbito da argumentação, além disso algumas operações apresentadas mesclaram-se no momento da retextualização, essa atividade linguística será explicada na análise das produções dos alunos.

2.8 Reescrita: um trabalho sobre o mesmo texto

Uma proposta de produção textual deve reservar um espaço para a reescrita, porque, através dessa atividade, o aluno aprimora seu texto até chegar a uma versão considerada final. Seguindo essa proposição, reafirmamos que não foi à toa que o momento da reescrita também teve um lugar especial na sequência didática do gênero memórias.

Verificamos que há divergência entre os estudos de Marcuschi e os de Matencio referente à concepção de reescrita. Para Matencio (2002, p. 112), “embora a atividade de retextualização envolva operações linguísticas similares àquelas envolvidas no que se tem denominado reescrita”, o propósito não é o mesmo, pois, enquanto as variáveis intervenientes sugeridas por Marcuschi (2010) são determinantes para a atividade de retextualização, em que se opera com novos parâmetros de ação da linguagem, verificamos que, na reescrita, o que encontra-se em jogo é o aprimoramento da escrita, isto é, é um trabalho sobre o mesmo texto para aperfeiçoá-lo. Sendo assim, “através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto” (MATENCIO, 2002, p. 113). Portanto, para Matencio, reescrita não é retextualização.

Em contraposição, segundo Marcuschi (2010), as quatro primeiras operações de retextualização podem ser consideradas reescritas, porque em seu conjunto elas conduzem para uma idealização linguística.

Neste trabalho, optamos por diferenciar a atividade de retextualização e a atividade de reescrita, porque, como já abordado, a primeira é a transformação de um texto em outro levando em consideração, em especial, o propósito da retextualização, a relação entre o produtor do texto original e o transformador, a relação tipológica entre o texto-base e o texto-alvo e, por fim, as estratégias de produção textual típica de cada modalidade, enquanto a segunda refere-se a operações de reelaboração da escrita de um mesmo texto considerando os aspectos ortográficos, gramaticais e sintático-semânticos.

Para finalizar, ressaltamos que, em nossa sequência didática, a atividade de retextualização e reescrita tiveram um papel importante, visto que os alunos entrevistaram pessoas mais velhas da comunidade para apropriarem-se das informações adquiridas e produzirem o gênero memórias. Para isso, colocaram em prática algumas operações de retextualização. Ademais, também houve aprimoramento da escrita sobre o mesmo texto.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem da pesquisa

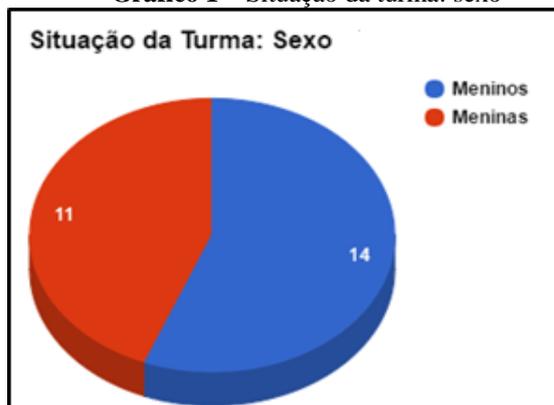
Esta dissertação resulta de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), de cunho qualitativo, realizada por meio de uma sequência didática do gênero memórias, com ênfase nas operações de retextualização e na(s) reescrita(s) realizadas pelos alunos participantes.

A pesquisa-ação vem sendo discutida por diversos estudiosos há décadas, entre os quais muitos reconhecem Kurt Lewin como o criador dessa linha de investigação, o qual pretendia investigar as relações sociais e conseguir mudanças em atitudes e comportamentos dos indivíduos (ANDRÉ, 2008). Uma particularidade importante nessa abordagem de pesquisa é que o pesquisador não é apenas um mero observador, ele deve interagir com o grupo, estudando cientificamente os problemas para poder corrigir e avaliar suas decisões. Para corroborar com essa ideia, podemos exemplificar a necessidade que surgiu de redesenhar a sequência didática do gênero memórias aplicada na turma do 7º Ano “B”, considerando-se, em especial, os objetivos propostos neste trabalho.

É necessário ressaltar que, apesar do tema e problemas metodológicos serem limitados ao contexto da pesquisa voltada para a descrição de situações concretas, o referencial teórico não é desconsiderado no decorrer da aplicação, senão, conforme Thiollent (2011, p. 16), “a pesquisa empírica – de pesquisa-ação ou não – não faria sentido”.

Desse modo, tendo em vista os objetivos de uma pesquisa-ação, resolvemos elaborar um questionário para aplicar em sala de aula com o intuito de obter informações significativas e, conseqüentemente, analisar o perfil dos participantes. Assim, com os dados coletados, foi possível a produção dos gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Situação da turma: sexo



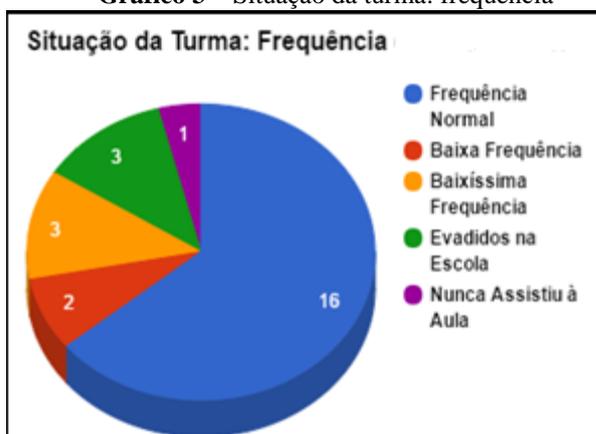
Fonte: autoria própria (2017).

Gráfico 2 - Situação da turma: idade



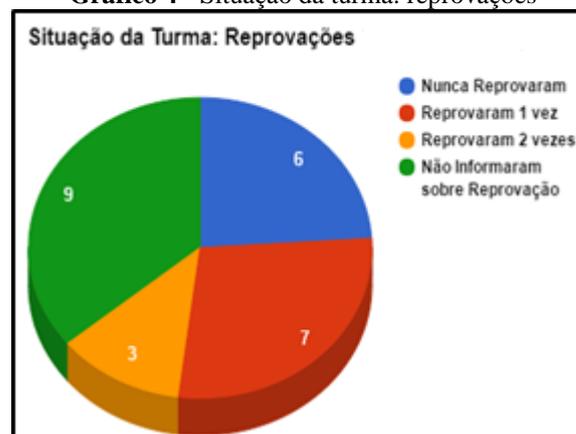
Fonte: autoria própria (2017).

Gráfico 3 – Situação da turma: frequência



Fonte: autoria própria (2017).

Gráfico 4 - Situação da turma: reprovações



Fonte: autoria própria (2017).

Nos gráficos apresentados, é possível avaliar dados importantes referentes ao perfil da turma. Em relação à frequência normal, verificamos que o índice é 69%, contudo os índices dos alunos com baixa frequência, baixíssima frequência e “evadidos na própria escola” revelaram-nos um problema em uma sala de aula com apenas vinte cinco estudantes efetivamente matriculados, um deles é a falta de motivação da turma, conforme depoimento. Além disso, seria a possibilidade da Secretaria de Educação solicitar à gestora o remanejamento desses alunos para outra turma de 7º Ano, devido à quantidade insuficiente de estudantes.

Diante dessa realidade, delineamos o percurso da pesquisa-ação para trazer benefícios concretos aos envolvidos. Para tanto, utilizamos estratégias metodológicas no decorrer da sequência didática, dessa forma, foi possível minimizar as dificuldades que vão além do muro da escola.

Enfim, é verdade que não houve um resultado significativo em relação aos alunos “evadidos na própria escola”, contudo, de um total de vinte cinco alunos, dezenove alunos chegaram ao final da pesquisa. Nessa trajetória, oito atropelaram algumas fases, enquanto onze participaram de todas as etapas.

3.2 O campo de pesquisa

A pesquisa-ação foi realizada na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado e teve como ponto de partida a aplicação de uma sequência didática do gênero memórias literárias, realizada na turma do 7º Ano “B” – Matutino, proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, para participação dos alunos no Concurso de gêneros textuais.

Criada através do Decreto nº 8.531, de 09/11/1982 do governo do Estado, publicado no Diário oficial de 12/11/1982, a Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, localizada no bairro de Ponta Negra, em Natal/RN, situa-se em uma área de 36.600m², tendo apenas 3.587m² de área construída. Atende a cerca de 900 alunos em três turnos, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa modalidade funciona apenas no turno noturno. Conta com 24 salas de aula; 01 laboratório de Física, 01 laboratório de Química; 01 laboratório de informática (desativado); 01 sala de Internet, com ponto para acesso à rede, sem computadores; 02 banheiros para os docentes (masculino/feminino); 02 banheiros e 02 vestiários para os discentes (masculino/feminino); 01 banheiro para os funcionários (unissex); 01 sala de recursos multifuncionais (atendimento aos alunos especiais), 01 biblioteca com acervo razoável (aberta também à comunidade); 01 sala de professores, 03 almoxarifados; 01 sala da merenda; 01 sala prática (PRONATEC), 01 quadra coberta; 01 campinho de areia; 01 espaço coberto (pátio); 01 auditório; 01 cozinha; 01 refeitório; entre outros.

A maior parte das salas de aula possui tetos com infiltrações, instalações elétricas precárias, janelas e portas quebradas. Além disso, os banheiros também se encontram em condições desfavoráveis, com alguns vasos quebrados e pias em estado inadequado de conservação. Há também problemas hidráulicos e de saneamento básico; alguns locais tornam-se inapropriados para circulação em períodos pluviais devido ao odor.

Pertencem ao quadro de funcionários: 47 professores, alguns são Especialistas, Mestres ou Doutores, 06 professores readaptados (professores que, por motivos particulares, executam funções diferentes das atividades legais dos cargos públicos que ocupam), 13 funcionários com cargos administrativos (gestoras, coordenadoras e secretários). Também compõem o quadro 04 auxiliares de serviços gerais (terceirizados), 04 merendeiras (03 terceirizadas e 01 efetiva), 04 porteiros (02 terceirizados e 02 efetivos).

Vale ressaltar que, apesar de localizada no conjunto Ponta Negra, cujos moradores, em geral, pertencem à classe média, a escola atende, principalmente, aos estudantes oriundos da Vila de Ponta Negra, um local bastante vulnerável socioeconomicamente. Em relação aos alunos, supõem-se que três fatores, em especial, contribuem para uma considerável taxa de reprovação ou evasão escolar. Primeiramente, devido à baixa-renda familiar, uma parte desses estudantes precisa ajudar aos pais. Dessa forma, aos poucos, abandonam a escola, ou começam a apresentar um baixo rendimento escolar. Em segundo lugar, outro problema persiste: as drogas. Esses fatores podem não ser determinantes para o desencanto visível dos educandos

em relação à escola, mas podem contribuir significativamente. Ademais, há um índice alto de estudantes gestantes, o que também contribui para o alto índice de evasão escolar.

Por fim, uma realidade vivenciada na escola é a insegurança, pois, devido à enorme área não construída e à ausência de muro na parte anterior e nas laterais, a escola encontra-se também vulnerável ao vandalismo por parte de pessoas externas.

É notório que, apesar dos problemas expostos, as instituições governamentais responsáveis pela Educação, em parceria com os profissionais da educação, buscam modificar o quadro atual por meio de algumas ações, como: projeto Mais Educação, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), de Língua Portuguesa, História e Física, a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, o Concurso de gêneros discursivos, entre outros.

Sendo assim, embora o resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) tenha ficado abaixo do esperado na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, os profissionais, comprometidos com uma educação transformadora, buscam estratégias para melhorar tanto o IDEB da escola, quanto a qualidade da permanência do alunado, porque, conforme os PCN 1998, o principal objetivo é educar para cidadania. Nessa concepção, é necessário compreender que, durante o processo ensino-aprendizagem, a avaliação deverá ser um instrumento de inclusão, ou seja:

[...] a decisão de aprovar ou reprovar não deve ser a expressão de um “castigo” nem ser unicamente pautada no quanto se aprendeu ou se deixou de aprender dos conteúdos propostos. Para tal decisão é importante considerar, simultaneamente aos critérios de avaliação, os aspectos de sociabilidade e de ordem emocional, para que a decisão seja a melhor possível, tendo em vista a continuidade da escolaridade sem fracassos. (BRASIL, 1998a, p. 59).

Portanto, é considerável analisar criteriosamente o quanto os fatores internos e externos contribuem para o índice atual do IDEB. Obviamente, não podemos desprezar o resultado quantitativo, todavia é preciso compreender que a realidade socioeconômica de uma parcela significativa dos estudantes das escolas públicas brasileiras corrobora para os índices apresentados. Além disso, outro fator negativo encontra-se no ciclo vicioso presente em algumas esferas do poder público, o qual atrapalha substancialmente o desejo de alguns profissionais em mudar o quadro desestimulador presente na maioria dessas escolas. Enfim, é preciso que haja uma interação entre os Programas com o contexto real da comunidade escolar. Dessa forma, conseguiremos desenvolver um ensino de qualidade, o qual influenciará de

maneira satisfatória no resultado das avaliações quantitativas, entre elas, a Prova Brasil e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

3.3 Caracterização dos participantes

A pesquisa-ação é voltada para descrição das situações concretas e para a intervenção ou ação orientada para solucionar os problemas detectados no grupo. As informações adquiridas tornam-se valiosos para o planejamento das atividades desenvolvidas com o objetivo de fomentar nos alunos, em especial, o desejo de participarem da pesquisa.

Assim, para responder às perguntas relacionadas ao tema dessa pesquisa, desenvolvemos atividades com a finalidade de “preparar os alunos para dominar sua língua nas situações mais diversas do cotidiano, oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para melhorar suas capacidades de escrever e de falar” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 83).

É necessário ressaltar o envolvimento direto de bolsistas do PIBID de Língua Portuguesa, que auxiliaram na aplicação da sequência didática, e também da professora de História, que trabalhou questões relacionadas ao tema memória e participou de todas as atividades motivadoras; por exemplo, aula de campo, Feira de Ciências da Direc, Feira de Ciências Estadual, Mostra do Conhecimento na Escola, entre outros. Dessa forma, podemos dizer que ocorreu uma pesquisa-ação compartilhada, uma vez que atores com funções diversas participaram do processo.

A sequência didática foi aplicada de abril a outubro de 2016, na turma do 7º Ano “B” - Matutino, composta por 25 alunos (10 meninas e 15 meninos), na faixa etária média de 13 anos - 88% dos participantes, conforme questionário aplicado, oriundos da Vila de Ponta Negra, em Natal/RN. Em relação à turma, apesar de constar oficialmente vinte e cinco alunos na lista de chamada, participaram das atividades dezenove alunos. Nesse caso, onze alunos participaram de todas as fases da SD, três alunos produziram apenas a entrevista e cinco alunos produziram a primeira versão do gênero memórias. Em relação aos outros discentes, uma aluna chegou à escola no final da fase de produção, dois alunos faltavam frequentemente a aula e três alunos encontravam-se “evadidos na própria escola”. Nesse caso, vale ressaltar que, no momento da primeira Culminância do projeto (Mostra do Conhecimento 2016), apenas os alunos “evadidos na própria escola” não participaram.

Com base nos dados informados, por meio do questionário aplicado (Apêndice B), aproximadamente 50% dos alunos já foram reprovados, alguns mais de uma vez. Além desse

dado, conforme já exposto, há três alunos da turma que se encontram “evadidos na própria escola”. Essa é uma situação comum em outras turmas e foi registrada pelos bolsistas do PIBID de História no relatório final, em 2014.

Algo também bastante comum é a falta de interesse em relação às atividades solicitadas, principalmente, às tarefas de casa, não respondida pela maioria. Um fator que corrobora para essa situação, segundo os próprios alunos, é a falta de uma rotina de estudo; a maioria não possui o hábito de realizar as atividades, tampouco estudar. Isso se reflete na avaliação dos resultados de cada bimestre. Em contrapartida, não há problemas sérios de disciplina. Nesse aspecto, a maioria é respeitosa, atendendo aos pedidos do professor referente a atitudes comportamentais.

Diante desse contexto, a pesquisa-ação aplicada na E.E. Professor José Fernandes Machado foi desenvolvida com base no modelo de sequência didática para trabalhar o gênero memórias. Para tanto, utilizamos como base teórica a proposta apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011). No entanto, conforme os próprios pesquisadores sugerem, procuramos ir além da aplicação proposta por eles; buscamos desenvolver práticas sociais que possibilitassem os participantes compreenderem a importância de adquirir habilidades e competências leitoras e de produção oral e escrita. Além disso, buscamos promover a interação entre os participantes da pesquisa.

Thiollent (2011, p. 81) orienta que, “além do retorno da informação aos grupos implicados, também é possível, mediante acordo prévio dos participantes, divulgar a informação externamente em diferentes setores”, pois são importantes para estender o conhecimento e fortalecer a convicção, ou seja, trata-se de divulgar o resultado da pesquisa e, dessa forma, gerar reações que podem contribuir em outro ciclo de ação e de investigação. Assim, seguindo essas orientações, foram realizadas três ações na sétima fase da SD (Fig. 4, p. 48), as quais coincidiram com o encerramento da pesquisa-ação.

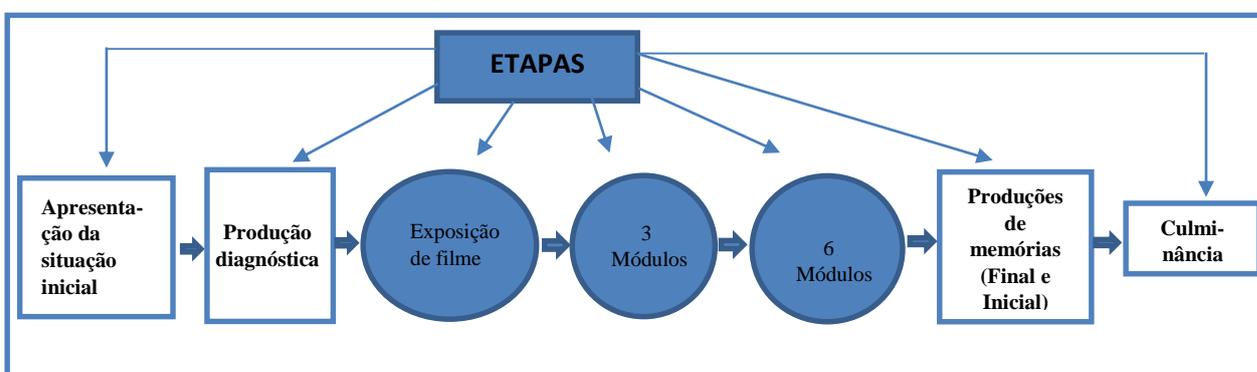
3.4 Geração dos dados

Para a aplicação da sequência didática, elaboramos procedimentos e atividades considerando o tema proposto pela Olimpíada de Língua Portuguesa, a realidade dos estudantes e suas necessidades de aprendizagem. Para tanto, foram realizadas algumas atividades sugeridas no Caderno do professor da OLP. Nesse caderno, em que é apresentada uma forma ampliada do modelo de sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), encontram-

se dezesseis oficinas a serem aplicadas, as quais contemplam a leitura e a escrita do gênero memórias.

É necessário ressaltar que, a fim de alcançarmos os objetivos propostos em nossa SD, adaptamos algumas oficinas sugeridas pela OLP, outras foram substituídas ou excluídas. Além disso, buscando motivar os alunos e, desse modo, contribuir para a minimização da baixa-frequência e a “evasão escolar na própria escola”, inserimos algumas atividades extras. Por exemplo, confecção do portfólio, aula de campo, projeção de um filme (etapa 1), produção de vídeos e exposição dos trabalhos na Mostra do Conhecimento (culminância), como ilustrado na Figura 4:

Figura 4 – Esquema da seqüência didática do gênero memórias



Fonte: autoria própria - Adaptado de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 83).

Na primeira etapa (Apresentação da situação inicial – Parte 1), foi apresentada aos alunos a pesquisa-ação e como seria desenvolvida em sala de aula. Para tanto, explicamos aos participantes que a OLP seria nossa principal motivação. Em seguida, foram projetados vídeos sobre a OLP (Anexo A), feitas perguntas orais relativas ao gênero em estudo e foram lidas memórias produzidas por ex-alunas (Anexo A). Ao final, os alunos realizaram uma atividade complementar (Apêndice C). Ainda na primeira etapa da SD (Apresentação da situação inicial – Parte 2), os participantes confeccionaram um portfólio para arquivar o material como também realizaram uma leitura individual do gênero memórias, produzidas pelos finalistas da OLP/2012 (Anexo A).

Figura 5 - Confeção do portfólio

Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Figura 6 - Confeção do portfólio

Fonte: acervo da pesquisa(2016).

Prosseguindo as atividades na primeira etapa, com o apoio das gestoras, proporcionamos aos alunos, em parceria com a professora de História, uma aula de campo. Na oportunidade, como a professora abordava, em sala de aula, as várias formas de trabalho existentes desde a Idade Média até os dias atuais, surgiu a ideia de realizar a referida aula, para os participantes conhecerem a realidade do trabalhador rural. A aula encaixou-se perfeitamente com o tema da OLP: “O lugar onde vivo”, todavia numa perspectiva mais ampla.

Em relação à sequência didática, a aula de campo foi importante porque proporcionou aos participantes realizarem uma entrevista com dois nativos do município de Ruy Barbosa/RN: um proprietário de terras e um trabalhador rural em regime de parceria, uma prática comum em alguns municípios do Rio Grande do Norte.

Figura 7 – O início da viagem
Aula de campo – Ruy Barbosa/RN

Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Figura 8 - Entrevista com trabalhador rural
Aula de campo – Ruy Barbosa/RN

Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Figura 9 - Entrevista com proprietário de terras
Aula de campo – Ruy Barbosa/RN



Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Figura 10 – Um passeio pelos pontos históricos
Aula de campo- Ruy Barbosa/RN



Fonte: acervo da pesquisa (2016).

A ideia foi propiciar aos educandos uma visão de outra comunidade para perceberem como as pessoas são agentes construtores de seus espaços e, desta forma, perceberem-se também agentes transformadores. É necessário frisar que a aula de campo, inserida na etapa inicial da sequência didática, serviu de motivação para a produção da entrevista (oral e escrita), porque oportunizou aos alunos desenvolverem habilidades necessárias para realização da atividade de produção na etapa 6.

O interessante foi que não houve uma orientação sistemática para a atividade de produção na aula de campo, porque o objetivo era verificar o conhecimento prévio do aluno referente ao gênero entrevista. Na verdade, o único material disponibilizado foi um questionário produzido pela professora de História para orientá-los no momento da entrevista.

Para a realização da *Produção diagnóstica* (2ª etapa da SD), havíamos solicitado aos alunos que trouxessem para sala de aula um objeto significativo em suas vidas. A professora iria guardá-lo em uma caixinha de recordações para que eles narrassem em sala de aula, a partir de suas lembranças, o episódio referente ao dia em que o recebeu. Após a narração oral, os alunos foram convidados a produzirem o texto escrito. No caso, solicitamos aos participantes permissão para gravar, pois serviria de recurso para a produção escrita, a qual utilizaríamos como objeto de análise para elaboração dos módulos.

Na terceira etapa (Exposição de filme), convidamos os alunos a participarem de uma *Seção Pipoca*. Nela, eles assistiram ao filme *Vermelho como Céu*. É verdade que o principal objetivo era apresentar outras formas de contar uma história verídica e também encerrar, momentaneamente, as atividades devido ao recesso escolar. Contudo, o filme, que retrata a história real do italiano Mirco Mencacci, um renomado editor de som, com deficiência visual, foi muito além do objetivo proposto. Quando tinha 10 anos, a personagem sofreu um acidente

e perdeu a visão. Na Itália dos anos 70, as crianças com essa deficiência não podiam frequentar as escolas regulares, logo eram enviadas para estudarem em internatos para pessoas com essa deficiência. Mirco era um garoto apaixonado por cinema e, ao chegar à sua nova escola, encontra um gravador e começa a desvendar seus outros sentidos, em especial, a audição. A partir desse instante, junto com seus novos amigos, começa a construir histórias maravilhosas. Assim, apesar dos obstáculos, o poder de superação da personagem ao não desistir de seus sonhos.

Na quarta etapa da sequência didática, após o recesso, iniciamos a aplicação dos módulos. Para tanto, foram utilizados os dados identificados na produção diagnóstica. Assim, a partir das informações obtidas referente aos problemas textuais próprios de um texto narrativo, elaboramos três módulos com o objetivo de trabalharmos alguns pontos considerados essenciais para o avanço dos alunos. Seguindo as orientações de Dolz, Noverraz e Schneuwly(2011), deixamos as questões ortográficas para serem analisadas mais criteriosamente no texto final, não obstante, no decorrer da sequência, essas questões foram abordadas de forma mais superficial.

As questões gramaticais e de sintaxe, conforme os pesquisadores, podem ser abordadas de maneira paralela ao trabalho realizado, visando à reescrita do texto. O problema torna-se mais complexo quando as frases construídas pelos alunos apresentam: incompletude; falta de variedade na construção da frase; utilização de coordenação mais que subordinação, pontuação insuficiente. Para tanto, os estudiosos sugerem que sejam abordadas questões pontuais considerando a reescrita do texto.

Ao finalizar os três módulos, iniciamos a quinta etapa da SD, que foi dividida em mais seis módulos, quais sejam: conhecer a estrutura do gênero entrevista, conhecer as etapas para elaboração da entrevista, reconhecer a estrutura do gênero entrevista, produção do gênero convite, transcrição das informações do áudio, revisão das principais características do gênero memórias. Nessa etapa, foram realizadas diversas atividades importantes para a produção intermediária, isto é, a escrita de memórias com base em entrevistas realizadas com habitantes da Vila de Ponta Negra, como também da professora entrevistada.

Primeiramente, trabalhamos as características do gênero entrevista (oral e escrita). Em seguida, os alunos sugeriram a produção do gênero convite, pois gostariam de formalizar o convite feito aos moradores da Vila de Ponta Negra e a Professora de Ciências.

Em segundo, devido a alguns imprevistos na escola, houve um tempo considerável para realização das entrevistas. Dessa forma, resolvemos realizar uma revisão sobre o gênero entrevista como também explicar todo processo para a produção do gênero memórias. Após

esse momento, os alunos se dividiram em três grupos para elaborarem as perguntas da entrevista, apenas um aluno realizou a atividade individualmente. Nesse caso, como o educando apresentava uma baixa frequência escolar, acatamos sua decisão, porque um dos objetivos da pesquisa-ação era envolver os estudantes nas atividades propostas.

Para finalizar a quinta etapa, retomamos as características do gênero memórias e relembramos a proposta de produção da OLP, ou seja, produzir um texto a partir do tema: *O lugar onde vivo*, utilizando, para isso, os dados gerados nas entrevistas. A fim de motivar os discentes, apresentamos aos participantes um vídeo produzido pelos organizadores da OLP/2012 (Anexo D – imagem do vídeo).

Na sexta etapa, ao produzir o gênero memórias, os alunos colocaram em prática estratégias presentes no processo de retextualização. Nessa etapa, eles também realizaram a reescrita de seus textos a partir das orientações da professora. A produção inicial e a produção final constituem o *corpus* do nosso trabalho.

Em síntese, para os alunos, também foi a oportunidade de participarem de um Concurso de gênero textual de âmbito nacional. Assim, em agosto de 2016, a Comissão de Avaliadores (fase escolar) selecionou os três melhores textos, na categoria memórias, assim como nas outras categorias. Os alunos selecionados foram homenageados em uma cerimônia de premiação na biblioteca da escola, e o texto classificado em primeiro lugar passou para a fase municipal. A seguir, os momentos registrados na última etapa da da SD: a Culminância.

Figura 11- Comissão de Avaliadores/2016
Gênero memórias



Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Além da premiação, foram realizadas outras atividades de motivação, as quais se encontram inseridas nessa etapa. Uma delas foi a exposição das memórias produzidas pelos alunos, apresentada na Mostra do Conhecimento 2016. Esse trabalho foi escolhido para ser

apresentado na Feira de Ciências e Tecnologia (Fecitec) – 1ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC) e na Fecitec Estadual do RN, exposição em *banner*.

Figura 12 - Os bastidores da Mostra/2016



Fonte: acervo da pesquisa (2016)

Figura 13 - Mostra do conhecimento/2016



Fonte: acervo da pesquisa (2016)

É necessário ressaltar que, corroborando com o ideal dos organizadores da OLP, as etapas realizadas na sequência didática foram além do ensino do gênero memórias com o objetivo de participar de um concurso de gênero textual. Na verdade, no decorrer de algumas etapas, foram realizadas atividades que possibilitaram aos participantes outras experiências. Por exemplo, por meio das entrevistas, foi possível que eles percebessem que a história de um povo encontra-se registrada nas memórias individuais e coletivas, portanto, constituem a sua formação social. Além disso, foram motivados a produzirem outros gêneros textuais orais e escritos. Essas atividades, dentre outros conhecimentos, propiciaram aos alunos a oportunidade de compreender a importância do trabalho coletivo.

Por fim, observamos que, em cada etapa da sequência didática, os discentes envolviam-se nas atividades propostas, em especial, os alunos faltosos, comprovando que a pesquisa-ação, cuja motivação foi a OLP, além de propiciar-lhes o ensino do gênero memórias, contribuiu para diminuir o índice de reprovação.

3.4.1 Quadro-síntese da SD do gênero memórias

O quadro-síntese a seguir, apresenta as etapas planejadas para a realização da sequência didática do gênero textual memórias, detalhadas em 3.4.

Quadro 1 - Síntese da sequência didática do gênero memórias no contexto escolar

1ª etapa (Parte 1)	Apresentação o da situação inicial	Contextualização da pesquisa-ação e da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLP).
	Objetivo	1. Incentivar os alunos a participarem da pesquisa. 2. Promover familiaridade com o gênero memórias.
	Metodologia	1. Apresentação do projeto aos participantes. 2. Projeção de um vídeo motivador sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa (Canal <i>YouTube</i>) e apresentação em slides (<i>PowerPoint</i>) com fotos das Olimpíadas anteriores. 3. Perguntas orais sobre o gênero memórias. 4. Leitura coletiva do gênero memórias literárias. 5. Comentário sobre o texto lido. 6. Atividade complementar (em anexo). 7. Orientações para a próxima aula.
	Avaliação	Formativa
1ª etapa (Parte 2)	Apresentação da situação inicial	Confecção do portfólio. Aula de campo: um olhar ampliado do espaço em que vivemos.
	Objetivo	1. Promover a socialização entre os participantes envolvidos no projeto. 2. Estimular a participação em trabalhos coletivos. 3. Promover a familiarização do gênero memórias. 4. Instigar um olhar diferenciado em relação ao lugar em que vivemos.
	Metodologia	1. Divisão da turma em grupos. 2. Distribuição do material. 3. Orientações para confecção do portfólio. 4. Organização do material no portfólio. 5. Leitura individual. 6. Discussão acerca do contexto de produção do texto lido e orientações sobre as etapas da sequência até o momento de produção do gênero proposto. 7. Aula de campo (Município: Ruy Barbosa/RN)
	Avaliação	Formativa

2ª etapa	Produção diagnóstica	Produção diagnóstica: caixinha das recordações.
	Objetivo	1. Perceber como objetos podem trazer lembranças de um tempo passado. 2. Identificar os conhecimentos prévios acerca do gênero relato de pessoal.
	Metodologia	1. Produção oral e escrita do relato de memória.
	Avaliação	Formativa
3ª etapa	1º momento	Exposição de filme (Filme: “Vermelho como o céu”).
	Objetivo	1. Conhecer outras formas de linguagem que contam histórias baseadas em fatos. 2. Perceber outras realidades por meio de um filme. 3. Instigar a criticidade do aluno.
	Metodologia	1. Projeção do filme Vermelho como o céu (CD).
	Avaliação	Formativa
4ª etapa	Módulo 1	Tema: Plano global do gênero memórias literárias
	Objetivo	1. Explorar o plano global do texto de memórias literárias (início, meio e fim). 2. Identificar cada parte que compõe o gênero em estudo. 3. Organizar em parágrafos as partes que compõem o gênero memórias. 4. Utilizar os operadores de coesão temporais. 5. Incentivar a leitura prazerosa.

	Metodologia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atividade oral (<i>PowerPoint</i>). 2. Leitura compartilhada, trecho do livro de memórias de Zélia Gattai. 3. Atividades: estudo do texto, parte 1(classe) e Interpretação, parte 2 (classe). 4. Orientações finais. 5. Correção oral: parte 1 e 2. 6. Momento livre: leitura de memórias. 7. Orientações para a próxima aula.
	Avaliação	Formativa/Somativa
4ª etapa	Módulo 2	Tema: Paragrafação, marcadores de coesão temporais, marcas da oralidade, verbos que expressam a ação de lembrar e pontuação
	Objetivo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar as marcas da oralidade no texto escrito. 2. Utilizar os verbos que expressam a ação de lembrar. 3. Verificar a importância da pontuação para coerência textual. 4. Analisar alguns problemas de pontuação nas produções dos alunos.
	Metodologia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aula expositiva-dialogal. (<i>PowerPoint</i>). 2. Atividade compartilhada: retextualização/reescrita. 3. Leitura compartilhada do texto produzido por uma aluna na 1ª etapa da SD (Projeção do texto). 4. Orientações para o próximo encontro.
	Avaliação	Formativa
4ª etapa	Módulo 3	Tema: A linguagem ressignificada
	Objetivo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Perceber a linguagem poética no gênero memórias. 2. Identificar as figuras de linguagem em trechos literários. 3. Reconhecer a importância da ressignificação das palavras ou expressões do gênero memórias literárias.
	Metodologia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aula expositiva-dialogal. 2. Atividade lúdica. 3. Orientações para o próximo encontro. 4. Momento de leitura.

	Avaliação	Formativa
5ª etapa	Módulo 4	Tema: Os passos para produção do gênero memórias
	Objetivo	1. Conhecer a estrutura do gênero entrevista. 2. Perceber diferenças e semelhanças entre a oralidade e a escrita do gênero em estudo.
	Metodologia	1. Aula expositiva-dialogal. 2. Leitura compartilhada. 3. Apresentação de um vídeo. 4. Discussão. 5. Orientações para o próximo encontro.
	Avaliação	Formativa
	Módulo 5	Tema: O gênero textual entrevista
5ª etapa	Objetivo	1. Conhecer as etapas para elaboração da entrevista. 2. Definir as perguntas a partir do perfil do entrevistado.
	Metodologia	1. Vídeo motivador (o link encontra-se nos anexos). 2. Aula expositiva-dialogal (<i>PowerPoint</i>). 3. Atividade em grupo. 4. Orientações para o próximo encontro.
	Avaliação	Formativa/somativa
5ª etapa	Módulo 6	Tema: O gênero entrevista (continuação)

5ª etapa	Objetivo	1. Reconhecer a estrutura do gênero entrevista. 2. Verificar as partes que compõem o gênero em estudo.
	Metodologia	1. Aula expositiva-dialogal. 2. Orientações finais.
	Avaliação	Formativa
	Módulo 7	Tema: Uma pausa para o gênero convite
	Objetivo	1. Produzir o gênero convite. 2. Perceber os passos para a produção do gênero entrevista. 3. Conhecer algumas convenções sociais.
	Metodologia	1. Atividade em grupo. 2. Orientações finais.
	Avaliação	Formativa
5ª etapa	Módulo 8	Tema: Momento do registro escrito em sala de aula
	Objetivo	1. Utilizar as estratégias necessárias para editar as informações do áudio. 2. Perceber as eliminações realizadas no momento do registro escrito.
	Metodologia	1. Atividade em grupo. 2. Orientações finais.
	Avaliação	Formativa

5ª etapa	Módulo 9	Tema: As características do gênero memórias
	Objetivo	1. Relembrar as características do gênero memórias. 2. Compreender como o texto se organiza. 3. Reconhecer as principais sequências textuais presentes na composição do gênero em estudo.
	Metodologia	1. Aula expositiva-dialogal. 2. Atividade lúdica: jogo dos ditos populares. Orientações finais.
	Avaliação	Formativa
6ª etapa	Produções de memórias (Inicial e final)	Tema: Momento de produção (retextualização/reescrita)
	Objetivo	1. Produção do gênero memórias literárias a partir do gênero textual entrevista. (Momento da retextualização/reescrita).
	Metodologia	1. Produção individual. 2. Atividade para casa, leitura. (Coletânea de textos, material impresso – OLP).
	Avaliação	Somativa
7ª etapa	Culminância	Tema: Culminância da sequência (da pesquisa-ação)
	Objetivo	1. Promover a socialização dos textos produzidos. 2. Incentivar os alunos a lerem seus textos. 3. Valorizar as produções dos alunos.

	Metodologia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Exposição das produções escritas e projeção em vídeos das memórias produzidas pelos alunos (Mostra do Conhecimento/2016). 2. Fecitec – 1ª Direc/2016 (Exposição em banner). 3. Fecitec Estadual/ 2016 (Exposição em banner).
	Avaliação	Formativa/Somativa

Fonte: autoria própria (2016).

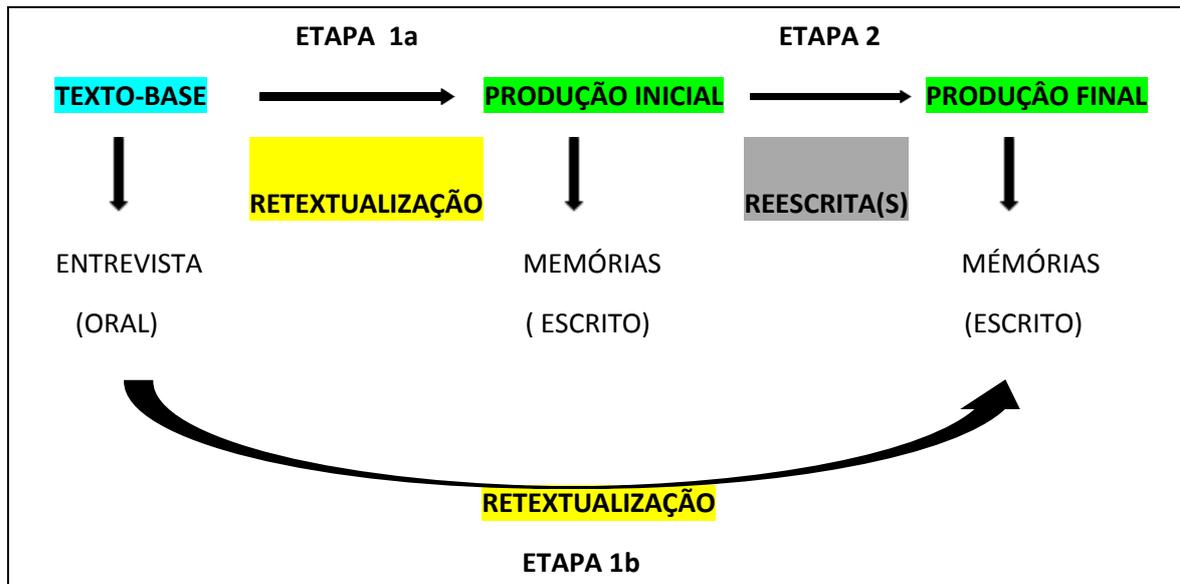
Enfim, salientamos que, no **Quadro 1**, não foram registrados o tempo utilizado em cada etapa, tampouco os recursos didáticos, porque cada sequência didática, ainda que apresente um modelo preestabelecido, segue sua própria trajetória, devido a dois fatores: os participantes envolvidos e o contexto.

3.5 Organização dos dados

Nesta dissertação, por meio da aplicação de uma SD, analisamos as operações utilizadas pelos alunos no momento da retextualização, com base em Marcuschi (2010), como também avaliamos a atividade de reescrita. Para tanto, consideramos que a adequação do conteúdo transformado do texto-base para os textos-alvo (produção inicial e produção final) constituem retextualizações. Observamos, nessas produções, operações que interferem tanto na estrutura composicional, quanto nas escolhas linguísticas próprias do gênero em estudo. Já a atividade de produção final, que teve por base o aprimoramento da produção inicial dos próprios alunos, foi considerada reescrita.

O gráfico 5, a seguir, ilustra os momentos da retextualização e também da reescrita que compreenderam a produção das memórias analisadas.

Gráfico 5 - Etapas para a produção do gênero memórias no contexto escolar



Fonte: autoria própria (2017).

Em cada momento apresentado no gráfico 5, os participantes seguiram passos importantes. Primeiramente, foram formados três grupos, apenas um aluno preferiu realizar as atividades de produção propostas na SD individualmente. Para a realização da entrevista, o critério era escolher uma pessoa mais velha na comunidade. Em segundo, para realização da entrevista, os participantes elaboraram as perguntas em sala de aula e, em dias distintos, as entrevistas foram realizadas pelos grupos e pelo aluno. Na oportunidade, eles registraram as informações no caderno e também gravaram (vídeo e/ou áudio).

Neste trabalho, para facilitar a compreensão, denominamos cada grupo com um pseudônimo das pessoas entrevistadas e o aluno, o qual realizou a atividade individualmente, denominamos de Jonas¹. O grupo 1, de dona Isaura; o grupo 2, do senhor Lúcio e o grupo 3 da professora Jacinta, todos eram compostos por seis integrantes. Assim, no total, incluindo Jonas, que entrevistou a avó Josefina, participaram 19 integrantes.

É necessário expor alguns imprevistos ocorridos no momento da entrevista: apenas um aluno realizou a entrevista com senhor Lúcio; no grupo de dona Isaura, um aluno não participou e, por fim, no grupo da professora Jacinta, dois alunos não participaram da entrevista, porque chegaram atrasados.

Ainda em relação à produção do gênero entrevista, aplicamos uma atividade sugerida no Caderno do Professor da OLP. Na oportunidade, os alunos deveriam ouvir a entrevista

¹ Foram atribuídos pseudônimos a cada um dos participantes referenciados nesta dissertação, preservando sua identidade.

gravada e registrarem as perguntas e as respostas no caderno, porém, como alguns participantes não participaram da entrevista, ocorreram alguns contratempos no momento da editoração em sala de aula, por consequência, a atividade foi desconsiderada. Diante dessa situação, foram consideradas as repostas do entrevistado, registradas no caderno do aluno e/ou o áudio (vídeo) das entrevistas. O aluno Jonas optou por retextualizar a entrevista escrita, o grupo do senhor Lúcio utilizou a entrevista oral (vídeo), os grupos de dona Isaura e o da professora Jacinta optaram por retextualizar utilizando dois recursos (entrevista escrita e áudio). Nessa etapa da SD, três alunos não participaram da produção individual do gênero memórias.

Em relação às produções das memórias, constatamos que os alunos utilizaram operações diversas de retextualização, sendo observadas, em especial, a *reformulação*, a *eliminação*, a *retirada*, o *acréscimo*, a *retomada* e a *paráfrase*. Tendo em vista o objetivo da pesquisa-ação, enfatizamos essas operações, porque se referem aos conteúdos trabalhados nos três primeiros módulos da SD como também às operações identificadas na produção inicial do gênero memórias.

Por fim, é necessário destacar o momento da reescrita, no qual, com as orientações da professora e das bolsistas do PIBID, os discentes aperfeiçoaram a produção inicial até chegar à produção final. Para isso, foram corrigidos e também destacados, na produção inicial, os problemas ortográficos, gramaticais e sintáticos, tais desvios foram abordados também paralelamente à SD, a partir das produções dos próprios alunos.

3.5.1 Momentos de produção em uma SD: retextualizar e reescrever

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 86), “no momento da produção inicial, os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito, e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm dessa atividade”. Ou seja, é o momento em que o professor verifica o conhecimento prévio do aluno em relação ao gênero a ser trabalhado.

Neste sentido, os alunos do 7º ano que participaram da pesquisa foram convidados a produzirem um relato pessoal (oral e escrito), na 2ª etapa da SD. Nas produções, foram analisadas as questões textuais referentes ao gênero, por conseguinte, os problemas identificados foram abordados nos Módulos da SD, levando em conta os diferentes níveis do processo de elaboração do texto, isto é, o foco era os aspectos linguísticos referentes ao gênero memórias

Na sexta etapa (Produções de memórias), houve, primeiramente, o momento da operação de retextualização (produção inicial). Em segundo, o momento da produção final, no

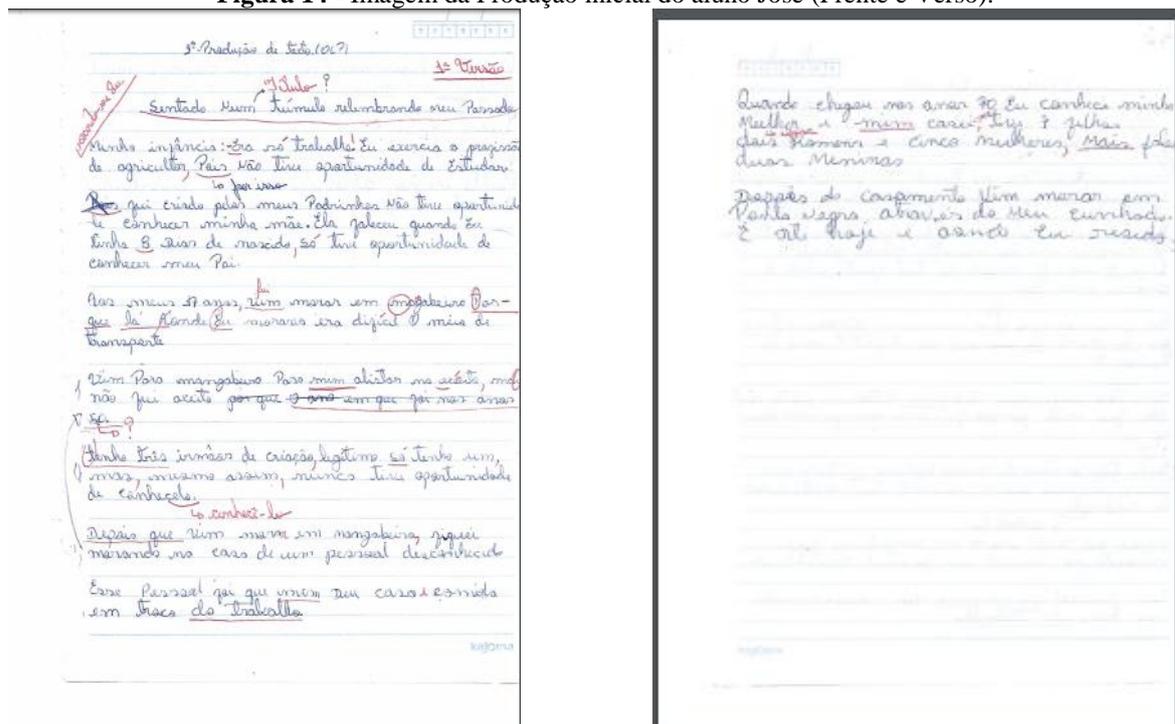
qual ocorreram duas atividades paralelas: a retextualização e a reescrita, aquela, ao considerarmos o texto-base (entrevista) em relação à última versão do texto-alvo (memórias), esta, ao percebermos o aprimoramento linguístico sobre o mesmo texto.

Sabemos que a reescrita refere-se às mudanças ocorridas no texto, relativas ao aprimoramento de questões ortográficas, gramaticais e sintáticas sobre o mesmo texto. No entanto, ressaltamos que não é possível englobar em uma sequência didática todos os problemas linguísticos identificados nas produções, contudo eles servem de indícios para que o professor planeje suas aulas paralelas como também possa obter um norte para a escolha do gênero textual a ser trabalhado em uma próxima atividade de produção. Em relação à reescrita, além das aulas ministradas paralelamente à SD, foram utilizados três procedimentos para aprimorar o texto, conforme as regras da língua escrita formal:

- correção das inadequações no próprio texto;
- destacar as inadequações ortográficas, gramaticais e sintáticas;
- correção realizada em grupo.

Para ilustrar o primeiro e segundo procedimentos, segue a Figura 14 com a primeira versão do texto produzido pelo aluno José. Em seguida, o Roteiro para revisão (Figura 15), entregue aos discentes para que verificassem se suas produções apresentavam as características do gênero proposto e problemas epilinguísticos.

Figura 14 - Imagem da Produção inicial do aluno José (Frente e Verso).



Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Figura 15 - Roteiro para revisão²

ROTEIRO PARA REVISÃO	
➤	O título do texto é sugestivo? Instiga o leitor?
➤	O narrador usa a primeira pessoa para contar as lembranças do entrevistado? O que pode ser feito para que o texto seja narrado seja em primeira pessoa?
➤	O texto traz palavras e expressões que situam o leitor no tempo passado? Há outros trechos em que é possível acrescentá-las?
➤	O autor descreve objetos antigos, lugares que se modificaram ou já não existem?
➤	O texto estabelece relações entre a narrativa do entrevistado e o lugar onde vive? O que pode ser feito para reforçar essa ligação?
➤	O autor expressa em seu texto sensações, emoções e sentimentos do entrevistado? É possível encontrar no depoimento outras impressões que possam ser inseridas no texto?
➤	Há no texto trechos com marcas da linguagem oral informal (“né”, “daí” etc.), que devem ser substituídos por expressões mais adequadas ao gênero em questão?
➤	Os verbos no pretérito perfeito e imperfeito estão usados corretamente?
➤	O texto consegue envolver o leitor? Ele desperta interesse e prende a atenção?
➤	Há alguma palavra que não esteja escrita corretamente? E a pontuação está correta?

Fonte: Se bem me lembro... (2014, p. 147)

Observemos que, em relação ao último procedimento, ocorreram, tanto operações de retextualização como também atividades de reescrita.

Enfim, frisamos que “cabe ao professor desenvolver, na análise das produções, a sensibilidade para os fatos linguísticos, perguntando-se sempre: o que me leva corrigir esta ou aquela forma? O que me leva a sugerir mudanças no texto [...]” (BRASIL, 1998b, p. 80).

3.5.2 Práticas pedagógicas: orientações para escrita

Nesta subseção, apresentaremos práticas pedagógicas utilizadas com a intenção de auxiliar os alunos a melhorarem suas produções finais. No caso, a primeira prática foi escrever avisos no texto inicial do aluno, já a segunda utilizamos como ferramentas os gêneros

² Material utilizado em sala de aula (revisão em grupo).

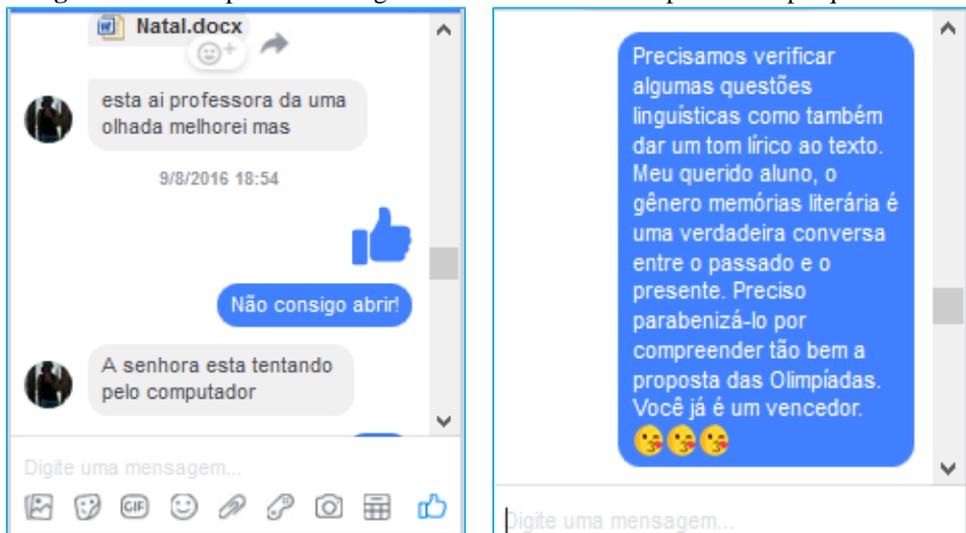
mensagem no *WhatsApp* e *Messenger* com o intuito de o aluno aprimorar questões inerentes ao gênero memórias. Para ilustrar, observemos os exemplos:

Figura 16 - Exemplo 1 - Mensagem escrita para a aluna Bruna no Produção inicial

- Sugiro que escreva mais sobre o ambiente que a entrevistada vivia;
- Comparar mais o passado com o presente;
- Sugiro que faça a comparação do passado com o presente no final do texto, expressando mais sentimentos da entrevistada.
- Use de sua criatividade para a escolha do título. Busque relacioná-lo com a realidade do texto.

Fonte: autoria própria (2016).

Figura 17 - Exemplo 2 - Mensagens entre o aluno José e a professora-pesquisadora



Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Fonte: acervo da pesquisa (2016).

Como podemos verificar, uma sequência didática precisa ir além das fronteiras da sala de aula, todavia, para isso acontecer, o professor não pode engessá-la. Ademais, observemos que as práticas pedagógicas enfatizam dois momentos importantes na etapa de produção: a retextualização e a reescrita.

As operações envolvidas nesse processo exigem dos alunos-produtores, muito mais do que a prática da leitura e da escrita. É preciso que sejam observados fatores linguísticos, cognitivos, interacional etc. Para Dell’Isola (2007, p. 11), “ensinar português é preparar nossos alunos para lidar com as diversas linguagens, para renovar o prazer de utilizar o idioma que falam, recuperando sua historicidade e função social”. Nessa perspectiva, o ensino dos gêneros

textuais a partir do trabalho com a retextualização e a reescrita, organizados a partir de uma SD torna-se um excelente recurso para aprimorar o ensino-aprendizagem da língua.

Por fim, é evidente em nossas práticas pedagógicas que algumas atividades, além de auxiliar no aprimoramento das competências escritoras, também promove um envolvimento afetivo entre professor e aluno capaz de transformar positivamente o ambiente da escolar.

3.5.3 Categorias de análise

Marcuschi (2010) comenta que é sempre temerário construir um modelo das operações de retextualização, pois ele pode passar imediatamente a ser tomado como uma fórmula, ou seja, é possível acreditar que, em qualquer atividade de retextualização, todas as operações propostas pelo autor serão realizadas de forma linear. Contudo, conforme nosso estudo, sabemos que, na transformação de um gênero em outro, dependendo do texto-base e do texto-alvo, as operações propostas por Marcuschi (2010) podem ocorrer de forma linear, podem se mesclar e/ou algumas não serão utilizadas, por exemplo, em nossa sequência, não utilizamos as operações 8ª e 9ª, apresentadas no modelo proposto, por se tratar de questões de argumentação.

Diante desse fato, considerando os conteúdos trabalhados nos módulos da SD, evidenciamos nas produções dos textos as seguintes operações propostas por Marcuschi (2010) em “a”, “b” e “c”; Silva (2013) em “d” e “e”. Também, com base nos estudos de Marcuschi (2010), inserimos, neste trabalho, a operação “f”.

a: eliminação de marcas estritamente interacionais e hesitações (MARCUSCHI, 2010).

b: retirada de repetições, redundâncias, reduplicações e pronomes egóticos. (MARCUSCHI, 2010).

c: acréscimo de uma palavra, expressão, sintagmas ou enunciado que revele nova informação em relação ao texto-base. (MARCUSCHI, 2001 apud SILVA, 2013).

d: retomada constituída, principalmente, pela retomada integral ou quase integral de trechos do texto-base. (SILVA, 2013).

e: paráfrase de uma parte do texto de uma forma linguística para outra semanticamente análoga (MARCUSCHI, 2001 apud SILVA, 2013).

f: reformulação: apropriação da estrutura composicional e da linguagem própria do gênero em estudo, a partir de atividades cognitivas realizadas no momento da transformação.

Além disso, analisaremos questões de reescrita a partir dos dados da produção inicial (6ª etapa da SD), com objetivo do aprimoramento do mesmo gênero textual, até chegar à produção final.

Após uma análise inicial dos textos produzidos pelos alunos, elegemos o nosso *corpus*. Foram produzidas dezesseis memórias, destas, onze apresentaram a produção inicial e a produção final, totalizando, ao final, vinte e duas produções em nosso *corpus*, já cinco produções foram desconsideradas por apresentarem apenas a produção inicial e, para a nossa análise, consideramos dois momentos de retextualização, conforme apresentado no Gráfico 05, p. 60. Ressaltamos que as reescritas realizadas pelos alunos no intervalo entre a produção inicial e a produção final também foram descartadas, por não serem o objeto de estudo.

Em relação à reescrita, a produção final foi o momento em que enfatizamos também o aprimoramento linguístico do mesmo texto ao compará-lo com a produção inicial.

Assim, foram selecionados quatro textos, um deles para ilustrar a operação de retomada a partir do texto motivador e os outros textos para ilustrarem as operações de retextualização a partir da entrevista (texto-base). Desse modo, conforme os critérios definidos, as produções foram categorizados a partir das operações de retextualização identificadas.

No Quadro 2, a seguir, para uma melhor compreensão, na primeira coluna, apresentamos as operações de retextualização analisadas. Na segunda, o nome dos participantes (pseudônimos). Na terceira, a denominação em código para a produção inicial e final de cada participante. Ressaltamos que os quatro textos selecionados para ilustrar a análise encontram-se destacados no Quadro 2. Além disso, apenas para fins de análise, foram digitados conforme o original.

Enfim, salientamos que os textos de Ana e Bruna também foram utilizados para ilustrar o trabalho com a reescrita.

Quadro 2 – Dados para realização das análises

OPERAÇÃO(ÕES) DE RETEXTUALIZAÇÃO	PARTICIPANTES	PRODUÇÃO	
		INICIAL	FINAL
Retomada do texto motivador	Alessandro	P1 – A	P1 – B
	José	P2 - A	P2 – B
	Bruna	P3 – A	P3 – B
	Ana	P4 – A	P4 – B
	André	P5 – A	P5 – B
	Bianca	P6 – A	P6 - B

	Jonas	P7 – A	P7 - B
	Pedro	P8 – A	P8 - B
	Luísa	P9 – A	P9 - B
Reformulação	Alessandro	P1– A	P1 – B
	José	P2 – A	P2 – B
	Bruna	P3 – A	P3 – B
	Ana	P4 – A	P4 – B
	André	P5 – A	P5 – B
	Bianca	P6 – A	P6 – B
	Jonas	P7 – A	P7 – B
	Pedro	P8 – A	P8 – B
	Luísa	P9 – A	P9 - B
	Geraldo	P10 - A	P10 - B
	Vinícius	P11 – A	P11- B
Eliminação e retirada	Alessandro	P1 – A	P1 - B
	José	P2 – A	P2 - B
	Bruna	P3 – A	P3 - B
	Ana	P4 – A	P4 – B
	André	P5 – A	P5 - B
	Bianca	P6 – A	P6 – B
	Jonas	P7 – A	P7 – B
	Pedro	P8 – A	P8 – B
	Luísa	P9 – A	P9 – B
	Geraldo	P10 - A	P10 – B
	Vinícius	P11 - A	P11 – B
Acréscimo	Alessandro	P1 - A	P1 – B
	José	P2 - A	P2 – B
	Bruna	P3 - A	P3 – B
	Ana	P4 - A	P4 – B
	André	P5 - A	P5 – B
	Bianca	P6 - A	P6 – B

	Jonas	P7 - A	P7 - B
	Pedro	P8 - A	P8 - B
	Luísa	P9 - A	P9 - B
	Geraldo	P10 - A	P10 - B
	Vinícius	P11 - A	P11 - B
Retomada do texto-base	Alessandro	P1 - A	P1 - B
	José	P2 - A	P2 - B
	Bruna	P3 - A	P3 - B
	Ana	P4 - A	P4 - B
	André	P5 - A	P5 - B
	Bianca	P6 - A	P6 - B
	Jonas	P7 - A	P7 - B
	Pedro	P8 - A	P8 - B
	Luísa	P9 - A	P9 - B
	Geraldo	P10 - A	P10 - B
	Vinícius	P11 - A	P11 - B
Paráfrase	Alessandro	P1 - A	P1 - B
	José	P2 - A	P2 - B
	Bruna	P3 - A	P3 - B
	Ana	P4 - A	P4 - B
	Bianca	P6 - A	P6 - B
	Jonas	P7 - A	P7 - B
	Pedro	P8 - A	P8 - B
	Luísa	P9 - A	P9 - B
	Geraldo	P10 - A	P10 - B

Fonte: autoria própria (2018).

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, analisamos as operações de retextualização em textos de estudantes do 7º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais, produzidos a partir de uma proposta com o gênero memórias como também as atividades de reescrita com o intuito de aprimorar a produção de um mesmo gênero textual. Foram escolhidos quatro textos representativos das categorias analisadas em nosso *corpus*. Com isso, pretendemos comprovar que as atividades escolares organizadas de maneira sistemáticas em torno de um gênero textual propiciam aos alunos habilidades e competências linguísticas possíveis de serem aplicadas em produções futuras.

4.1 Retextualização: a retomada de trechos dos textos motivadores

Iniciaremos esta subseção, contemplando a operação denominada “retomada de trechos do texto motivador”, porque, ainda que não seja o principal foco da análise, mostra-nos a relevância da aplicação de uma sequência didática para o ensino de um gênero textual com ênfase na retextualização e na reescrita.

Nesse caso, constatamos que sete produções (aproximadamente 64%) apresentaram trechos dos textos motivadores. Esse dado indica a importância do discente em conhecer previamente o gênero textual, portanto, reforçamos a relevância de trabalhar o gênero textual a partir de uma SD, em especial, na primeira etapa: “Apresentação da situação inicial”, porque é o momento de envolver os participantes, exibindo o gênero textual em foco.

Observemos, nos quadros 3 e 4 a seguir, um fragmento do texto, produzido por Taynara Leszczynski, aluna finalista da OLP/2010, e a produção de memórias escrito pelo aluno Alessandro.

Quadro 3 - 1º momento da análise

TRECHO DO TEXTO MOTIVADOR	<p><i>Como nos velhos tempos</i></p> <p><i>Os momentos passam, as pessoas se vão, a vida muda, o progresso aumenta, e de minha tão amada época só ficaram lembranças. Minha casa era pequena, um berço de humildade, construída com madeira lascada de pinheiro, não existia energia elétrica, tínhamos apenas um lampião de querosene. Éramos pobres, mas vivíamos num lar feliz, apesar das dificuldades em até conseguir o que comer.</i></p> <p>[...]</p> <p><i>Taynara Leszczynski, aluna finalista da OLP Escrevendo o futuro, em 2010.</i></p>
--------------------------------------	---

	Disponível em: < http://textoemmovimento.blogspot.com.br/2014/07/memorias-literarias-como-nos-velhos.html#more >. Acesso em: 3 jul. 2016.
PRODUÇÃO INICIAL P1 – A	<p style="text-align: center;">(Sem título)</p> <p><u>Os momentos passam, as pessoas se vão, a vida muda, o progresso aumenta, e de minha infância só ficaram lembranças.</u> /Vou começar falando um pouco da minha infância./</p> <p>Minha infância era mais trabalhos, ele exercia a função de agricultor, pois eu não tive a oportunidade de estudar, comecei a trabalhar com sete anos de idade, às vezes carregava água para o roçado.</p> <p>Aos meus dezessete anos vim morar em Mangabeira por que onde eu morava, era difícil o meio de transporte. Para me alistar no exercito. Mas fui dispensado.</p> <p>Fui criado pelo os meus padrinhos, pois não conheci meus pais verdadeiros.</p> <p>Quando eu fui para mangabeira, fiquei morando na casa de pessoas desconhecidas, esse pessoal me ofereceu casa e comida em troca do trabalho, aos anos 72, passei quatro anos na casa deles, eles me deram uma gaita so que estava muito velha e não presto mais, mas até hoje eu tenho ela em casa.</p> <p style="text-align: right;"><i>Texto do aluno do 7º B (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>

Fonte: autoria própria (2017).

Quadro 4 – 2º momento da análise

TRECHO DO TEXTO MOTIVADOR	<p style="text-align: center;"><i>Como nos velhos tempos</i></p> <p><i>Os momentos passam, as pessoas se vão, a vida muda, o progresso aumenta, e de minha tão amada época só ficaram lembranças. Minha casa era pequena, um berço de humildade, construída com madeira lascada de pinheiro, não existia energia elétrica, tínhamos apenas um lampião de querosene. Éramos pobres, mas vivíamos num lar feliz, apesar das dificuldades em até conseguir o que comer.</i></p> <p style="text-align: center;">[...]</p> <p style="text-align: center;"><i>Taynara Leszczynski, aluna finalista da OLP Escrevendo o futuro, em 2010.</i></p> <p>Disponível em: <http://textoemmovimento.blogspot.com.br/2014/07/memorias-literarias-como-nos-velhos.html#more>. Acesso em: 3 jul. 2016.</p>
PRODUÇÃO FINAL P1 – B	<p style="text-align: center;">Minha amada infância</p> <p><u>Os momentos passam, as pessoas se vão, a vida muda, o progresso aumenta, e de minha amada infância só ficaram lembranças.</u></p> <p>Minha infância era mais trabalho, eu exercia a profissão de agricultor, por isso eu não tive a oportunidade de estudar, comecei a trabalhar com sete anos de idade, às vezes, eu carregava água para o roçado.</p> <p>Com dezessete anos, fui morar em Mangabeira/RN fui me alistar no Exército, Infelizmente, como eu era das casa dos 50, não pude entrar no Exercito, Em Mangabeira,</p>

nos anos 70, morei na casa de estranho, para conseguir comida e moradia, fiquei quatro anos na casa desses estranhos.

Ao relembrar todos esses momentos vividos, lembrei de uma gaita da época que tinha 16 anos, só que ela estava muito velha e quebrou.

Hoje, aos 65 anos, comprei uma gaita nova pra lembrar da quela época tão amada.

Texto do aluno do 7º B (fase escolar 2016).

E.E. Prof. José Fernandes Machado.

Fonte: autoria própria (2017).

Primeiramente, observemos na P1 – A (**Quadro 3**), que o aluno Alessandro retoma literalmente um trecho do texto motivador. A primeira vista essa retomada poderia ser considerada plágio, entretanto ela tem a função de introduzir, em um novo contexto enunciativo, a história do senhor Lúcio (*in memoriam*), o coveiro do cemitério da Vila de Ponta Negra.

Em segundo, vale destacar o avanço do aluno na P1 – B (**Quadro 4**), pois, além da retomada de informações, constatamos que ele eliminou a frase que se encontra entre barras (/) na P1 – A, por considerar uma informação desnecessária. Também é importante evidenciar a operação de reformulação, essa atividade cognitiva foi realizada, porque o produtor já tinha um conhecimento prévio acerca do gênero memórias. Notemos que, ao realizar essa operação, o retextualizador utiliza simultaneamente a operação de eliminação de turnos e de introdução da paragrafação, considerando a estrutura composicional.

Diante disso, percebemos que as atividades de leitura realizadas no decorrer da SD possibilitaram aos alunos a apropriação das características do gênero memórias, tais conhecimentos foram ativados no momento da produção.

Em conclusão, ao compararmos P1 – A e P1 – B, compreendemos que o processo de apropriação de um gênero textual perpassa por várias etapas. Portanto, uma proposta de produção a partir de uma SD, em que a retextualização seja realizada com o fim de desenvolver a competência textual, promoverá uma aprendizagem realmente significativa. Em se tratando da sequência que foi desenvolvida, os alunos tiveram a possibilidade de compreender que a modalidade oral e escrita, situadas em um contínuo dos gêneros textuais, possuem características próprias, cumprindo seu papel social nas diversas situações comunicativas. Portanto, compete ao produtor escolher a melhor forma de utilizá-la, diante das situações de comunicação.

4.2 Retextualização: das entrevistas às memórias

Em princípio, antes de apresentar as operações de retextualização enfatizadas em nossa análise, ressaltamos, na produção inicial (P2 – A) do aluno José, as operações de regularização e idealização apresentadas por Marcuschi (2010), porque elas foram utilizadas, ainda que de maneira elementar, pelos alunos no momento da retextualização. Para corroborar com a análise, observemos em P2 – A e P2 - B (Quadro 5), a seguir, as operações sugeridas no modelo de Marcuschi (2010, p. 75): eliminação de marcas estritamente interacional, hesitações (1ª operação); introdução de pontuação com base na intuição (2ª operação); retiradas de repetições (3ª operação); inserção de parágrafos e de pontuação (4ª operação). Para o pesquisador (2010, p. 80), essas operações “não são propriamente de transformação e sim de idealização linguística”, porque o aluno, nessa etapa, busca dar ao texto uma aparência mínima de escrita.

Dando início as categorias de análise identificadas em nosso *corpus*, destacamos a operação denominada “reformulação”, como nos quadros 5 e 6, a seguir. “Trata-se de uma retextualização bastante acentuada, envolvendo quase todas as operações e neutralizando as falas e os turnos individuais” (MARCUSCHI, 2010, p. 91).

Quadro 5 – 3º momento da análise

TEXTO-BASE (transcrição)	<p>Entrevistador 1: Qual o seu nome completo? Entrevistado: Lúcio Entrevistador 1: A sua idade? Entrevistado: 65.</p> <p>[...]</p> <p>Entrevistador 2: Como foi sua infância e a sua adolescência? Entrevistado: A minha infância foi o seguinte <u>é</u>, primeiro de tudo que eu não conheci meus pais legítimos, <u>né</u> [Marca da oralidade]? <u>É</u>, segundo, quem me criou foi o pessoal que ia ser meus padrinhos e, minha infância digamos assim, <u>é</u>, eu <u>num</u> [marca da oralidade] tive nem oportunidade de estudar, era só trabalho, comecei a trabalhar com a idade de 7 anos. <u>É</u>, naquele tempo, [...] ainda <u>é</u> hoje, <u>chama</u>, <u>chama</u> [repetição] agricultura, <u>era</u>, <u>era</u> [repetição] em roçado, carregando água, <u>é</u> [...] em animal e era... minha infância foi assim, de trabalho. Isso é hoje.</p> <p><u>Entrevistador 1: Mas não, não, o senhor não conheceu seus pais? Assim, não morou com seus pais?</u> [Eliminação de turno]</p> <p>Entrevistado: Eu cheguei a conhecer o meu pai, mas a minha mãe não. Ela faleceu, eu tinha 8 dias de nascido.</p> <p>[...]</p>
------------------------------------	--

RETEXTUALIZAÇÃO (Produção inicial) – P2 – A	Sentando num túmulo relembrado meu passado
	Minha infância Era só trabalho. Eu exercia a profissão de agricultor Pois não tive oportunidade de Estudar.
	Pois fui criado pelos meus padrinhos Não tive oportunidade de conhecer minha mãe. Ela faleceu quando Eu tinha 8 Dias de nascido só tive oportunidade de conhecer meu Pai.
	Aos meus 17 anos vim morar em mangabeira Porque lá aonde Eu morava era difícil O meio de transporte Vim Para Mangabeira Para mim alistar no exercito, mais não fui aceito por que o ano em que foi nos anos 50.
	Tenho três irmãos de criação legitimo so tenho um mas mesmo assim nunca tive oportunidade de cenhece-lo.
	Depois que vim mora em Mangabeira fiquei morando na cada de um pessoal desconhecido
	Esse Pessoal foi que mim Deu casa comida em troca de trabalho.
	Quando chegou nos anos 70 Eu conheci minha Mulher e mim casei tive filhas dois homens e cinco mulheres mais faleceu duas Meninas.
	Depois do casamento Vim morar em Ponta Negra através do Meu cunhado. E até hoje e onde Eu resido.

Fonte: autoria própria (2017).

Observemos que, para realizar a operação de reformulação, o participante modifica a forma composicional do “texto-base” (entrevista) e também se apropria da linguagem própria do gênero memórias. Nesse caso, a regularização e a idealização mesclaram-se à operação de reformulação e, como resultado, temos a produção do gênero textual memórias.

Também é preciso frisar uma redução da produção inicial em relação ao texto-base, devido, em especial, à eliminação de termos desnecessários. De acordo com Marcuschi (2010, p.77), “um texto falado, ao passar para um texto escrito, diminui em volume e extensão”. Tratam-se das eliminações de termos próprios da linguagem oral, por exemplo, repetições desnecessárias. Um aspecto relevante que nos chamou atenção foi a organização dos parágrafos. Verifiquemos que o aluno utiliza um espaço em branco para delimitar cada parágrafo do texto, não o delimitando por meio de um recuo, conforme regras da escrita.

Ao compararmos a produção inicial (P2 – A) e a produção final (P2 – B), a seguir, observemos um acréscimo significativo de conteúdo em P2-B.

Quadro 6 – 4º momento da análise

<p style="text-align: center;">TEXTO-BASE (transcrição)</p>	<p>Entrevistador 1: Qual o seu nome completo? Entrevistado: Lúcio... Entrevistador 1: A sua idade? Entrevistado: 65. [...]</p> <p>Entrevistador 2: Como foi sua infância e a sua adolescência? Entrevistado: A minha infância foi o seguinte <u>é</u>, primeiro de tudo que eu não conheci meus pais legítimos, <u>né?</u> <u>É</u>, segundo, quem me criou foi o pessoal que ia ser meus padrinhos e, minha infância digamos assim, <u>é</u>, eu <u>num</u> tive nem oportunidade de estudar, era só trabalho, comecei a trabalhar com a idade de 7 anos. <u>É</u>, naquele tempo, [...] ainda <u>é</u> hoje, <u>chama</u>, <u>chama</u> agricultura, <u>era</u>, <u>era</u> em roçado, carregando água, <u>é</u> [...] em animal e era... minha infância foi assim, de trabalho. Isso é hoje. Entrevistador 1: <u>Mas não, não, o senhor não conheceu seus pais? Assim, não morou com seus pais?</u> Entrevistado: Eu cheguei a conhecer o meu pai, mas a minha mãe não. Ela faleceu, eu tinha 8 dias de nascido. [...]</p>
<p style="text-align: center;">RETEXTUALIZAÇÃO Produção Final – P2 – B</p>	<p style="text-align: center;">Sete palmos de lembranças</p> <p>Sentado num túmulo, relembrando meu passado, recordo-me da minha infância. Ah! Aquele sol feito brasa fazendo meu rosto arder, enquanto a enxada cortava a terra queimada. Era muito trabalho, Por isso não tive oportunidade de estudar.</p> <p>Fui criado pelos meus padrinhos, pois minha mãe falecera quando eu era um recém-nascido. Somente aos oito anos, conheci meu pai.</p> <p>Aos dezessete anos decidi construir uma outra história. Assim, resolvi ir embora para mangabeira, um distrito de Macaíba, cidade vizinha a Natal.</p> <p>Seria uma oportunidade de concretizar meu sonho: servir ao Exército Brasileiro. No início dessa história morei por algum tempo na cada de um Pessoal desconhecido. Trabalhava em troca de moradia e alimentação. Enquanto isso, aguardava desesperadamente me alistar no Exército. Infelizmente, como já era da “casa dos cinquenta”, não me aceitaram.</p> <p>Hoje percebo que cada ser humano percorre sua estrada a partir de seus sonho e objetivo.</p> <p>O meu sempre foi cheio de muita emoção. Uma delas, aconteceu nos anos setenta quando conheci a garota mais bonita da vida: minha esposa.</p> <p>Após o nosso casamento, um novo lar surgiu em minha vida, Meu cunhado convidou-me para morar na Vila de Ponta Negra. Naquela época era um lugar tranquilo e acolhedor. Nele, meus filhos e netos nasceram.</p> <p><u>Atualmente a violência encontra-se em quase todos os lugares. Apesar disso, a vila não perde seu encanto. O Morro do Careca, a bela praia, os pescadores, as rendeiras, as tapioqueiras e as “mangabeiras”, com, certeza são o nosso cartão-Postal.</u></p> <p>A profissão de coveiro proporcionou-me uma vida recheada de histórias instigantes. Por isso, mesmo sendo um funcionário aposentado, continuo trabalhando aqui no cemitério.</p> <p>Este é o meu local de lazer, minha granja, minha granja. Nele, encontro o silêncio para reviver momentos inesquecíveis que em nenhuma cova podem ser enterrados.</p> <p style="text-align: right;"><i>Texto do aluno participante (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>

Fonte: autoria própria (2017).

Em P2-B, destacamos novamente as operações de retextualização, por exemplo, a eliminação de turnos, de marcas da oralidade e de repetições; os acréscimos de palavras, de verbos que indicam recordações como também dos adjuntos adverbias de lugar e tempo. Além disso, o aluno apropriou-se da voz do entrevistado e utilizou a linguagem poética (trecho sublinhado em P2-B).

Salientamos que, na 6ª etapa da SD, denominada “Produções de memórias”, embora tenhamos trabalhado as características do gênero nos módulos 1 e 2 e revisado na 5ª etapa (Módulo 9), é visível, na produção inicial do aluno José, problemas quanto à estrutura composicional. Em contrapartida, ao compararmos a produção inicial com a produção final, constatamos um avanço na P2 – B, relativo à estrutura composicional e à linguagem próprias do gênero memórias. Sendo assim, mesmo que em P2 – A, ainda encontremos problemas textuais, é perceptível que houve um avanço referente à operação de reformulação. O produtor, além de melhorar a estrutura composicional, apropriou-se adequadamente da voz do entrevistado para narrar seu texto em primeira pessoa.

Dessa forma, houve uma ampliação na “produção final” ao compararmos com a “produção inicial”, nesse caso, devido ao acréscimo de novas informações a partir do uso da linguagem poética, além de acréscimos de termos próprios do gênero em estudo, como: os marcadores de coesão textual e os verbos que expressam a ação de lembrar.

Ressaltamos que a reformulação, avaliada nas produções dos alunos, é uma atividade de transformação peculiar, pois os participantes, além de estruturarem seus textos conforme as características do gênero estudado, também se apropriam da linguagem inerente a ele. Desse modo a produção textual torna-se “uma recriação completa com ênfase na manutenção do conteúdo” (MARCUSCHI, 2010, p. 91).

Ademais, constatamos que o aluno, por conhecer previamente o gênero memórias, utilizou as primeiras operações apresentadas por Marcuschi (2010) e a operação de reformulação em P2 – A e P2 - B proposta neste trabalho, ainda que em P2 - A de forma elementar e, em P2- B, mais elaborada.

Enfim, nesses casos em que houve a reformulação, observa-se um avanço o qual confirma a relevância da proposta realizada. Além disso, é necessário enfatizar que a produção do aluno resulta de um conjunto de atividades organizadas por meio de várias etapas da SD, onde cada uma delas, com um objetivo específico, contribuiu para um resultado satisfatório.

Para analisar a operação de “eliminação e retirada”, selecionamos as produções da aluna Bruna como ilustração, como nos quadros 7 e 8, a seguir:

Quadro 7 – 5º momento da análise

<p>TEXTO-BASE (Transcrição)</p>	<p><i>Entrevistador 1: Seu nome completo?</i> <i>Entrevistada: Hrm?</i> <i>Entrevistador 1: Seu nome completo?</i> <i>Entrevistada: Isaura...</i> <i>Entrevistador 1: Idade?</i> <i>Entrevistada: é (+) 67. Fiz agora em junho.</i> [...]</p> <p><i>Entrevistador 1: Como foi sua infância e a sua adolescência?</i> <i>Entrevistada: A minha infância foi muito boa, porque eu estudava, eu estudava, minha mãe educou muito a gente, era cinco e cinco filhas, ela educou muito a gente e eu estudei muito mas só que eu não sei ler, so sei assinar o nome (risos.). Aí quando eu cresci mais um pouco, que eu não sou grande, aí eu ia pros forró, ia dançar, ia namorar, tudo eu fazia né!? Aí comecei a trabalhar, trabalho em renda, em mufada né, em bilro né, aí era muito bem, aí eu arrumava namorado, saía com eles, só que quando eu chegava em casa minha mãe não gostava (risos), aí ela (+) aí foi muito bom graças a Deus, eu brincava de (passar anel, lá pinha,)(inaldível) eu dançava.</i> <i>Entrevistador 2: Isso aqui na Vila de Ponta Negra?</i> <i>Entrevistada: Tudinho aqui, eu não saía pra canto nenhum. Eh (+) eu era, não tinha um, um negócio (a la moça de)(inaldível), de comício, aí eu saía pra fora nos comícios nos negócios (de /a la moça)(inaudível), uns carros grandes cheio delas, nera feio não, era muita....</i> <i>Entrevistador 2: Muitas moças.</i> <i>Entrevistada: É (+) aí eu acha bom demais, eu fui muito alegre, fui, gostava de de, das festas que tinha, e era, foi muito bom a minha vida. E agora, depois de idosa, eu vendo mangaba, eu vendo caju, eu vendia tapioca, eu eu trabalho em renda.</i> <i>Entrevistadora 2: A senhora casou-se com quantos anos?</i> <i>Entrevistada: Eu me casei com 18 anos.</i> <i>Entrevistadora 2: 18 anos de idade. (+)Aí teve quantos filhos, dona Isabel?</i> <i>Entrevistada: Dois, três, dois homens e, duas mulher, não três mulheres.</i> [...]</p> <p><i>Entrevistador 1: Qual foi o momento mais marcante da vida da senhora?</i> <i>Entrevistador 2: Um momento especial.</i> <i>Entrevistadora 1: é que a senhora assim ficou gravado na memória, você não consegue apagar por mais que passe os anos, você não consegue esquecer.</i> <i>Entrevistada: é...eu não sei nem dizer porque é a mesma coisa que eu fazia, queria fazer tombém agora, né.</i> <i>Entrevistador 2: A senhora tem assim um momento importante, assim, um momento, um episódio, entendeu? Que aconteceu quando a senhora era mais jovem, precisa fazer muito tempo não. Mas, por exemplo, vou dar só um exemplo, um momento marcante em minha vida, quando era é...criança, né! Minha adolescência, marcante é pode ser, pode ser alegre ou pode ser triste, foi quando é...minha mãe casou novamente.</i> <i>Entrevistada: Tristeza eu nunca tive não, graças a Deus (risos).</i> <i>Entrevistador 2: Oh coisa boa!</i> <i>Entrevistada: Eu queria ser o, o...</i> <i>Entrevistador 2: Por exemplo, o seu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida.</i> <i>Entrevistada: Foi bom demais meu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida.</i> <i>Entrevistador 2: Além do casamento, teve um outro momento assim marcante, o aniversário de sua filha.</i></p>
--	---

	<p><i>Entrevistada: Não, teve sim, o aniversário de 15 anos das minha filha, foi muito bom, foi bastante bom, e, e...e todo mundo gostaram das festas que a gente fazia. [...]</i></p> <p><i>Entrevistadora 2: A senhora gosta de trabalhar com renda de bilro, né!?</i> <i>Entrevistada: Ih, não é meu trabalho!?</i> <i>Entrevistador 2: É, porque tem pessoas que entraram no mundo da arte, mas, assim, porque precisava...né?</i> <i>Entrevistada: É, eu adoro, eu gosto.</i> <i>Entrevistador: Oh coisa boa!</i> <i>Entrevistada: Quando eu tô aqui em casa, quando eu cuido das minhas coisas aqui dentro de casa, quando eu não tenho o que fazer.</i> <i>Entrevistador 3: Terapia...</i> <i>Entrevistador 2: Terapia, né!?</i> <i>Entrevistada: Eu me assento na cadeira e boto a mufada aqui e aja trabalhar, aí eu vou dormir de dez horas da noite, onze hora, tudo fazendo renda! [...]</i></p> <p><i>Entrevistador 1: Como era a Vila de Ponta Negra no passado em comparação a hoje?</i> <i>Entrevistada: A vila de Ponta Negra no passado era boa demais, era bom demais, mas agora não dá não, viu!?</i> <i>Entrevistador 2: Por que era boa dona Isabel?</i> <i>Entrevistada: Porque não tinha essas coisas que tem agora antigamente né? [...]</i></p> <p><i>Entrevistada: Não tinha essas coisas não, aqui não!</i> <i>Entrevistador 2: Num existia?</i> <i>Entrevistada: A gente podia sair a boca da noite, chegar no outro dia, a gente podia dormir com a porta aberta, num tinha essas, né! [...]</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Mas, pro seus filhos e pros seus netos, o que a senhora deseja, assim?</i> <i>Entrevistada: Eu desejo que Deus ajude eles, seja um bom, uma boa pessoa arrume um trabalho bem, estude bem. [...]</i></p> <p><i>Entrevistador 2: é, encerramos as nossas perguntas, né! Encerramos a entrevista e a senhora vai nos mostrar...</i> <i>Entrevistada: Eu vou pegar, já terminou num já:</i> <i>Entrevistador 2: Já, já!</i></p>
<p>RETEXTUALIZAÇÃO Produção Inicial – P3 – A</p>	<p style="text-align: center;">(Sem título)</p> <p><i>Sentada na minha cadeira de balanço olhando para o tempo fico lembrando da minha infância, me lembro que eu brincava muito, mais estudava bastante pois queria ser professora ou doutora. Era meu sonho, sempre fui uma criança muito alegre e sorridente.</i></p> <p><i>Minha adolescência foi maravilhosa, eu saía para as festas: dançava muito forró, fui namoradeira fazia sucesso com os garotos quando fui ficando mais velha minha mãe e minha irmã começaram a me ensinar a render.</i></p> <p><i>Mas desistir dos meus estudos e comecei a trabalhar para ajudar minha mãe, então eu aprendi a render e fiz vários trabalhos.</i></p> <p><i>Durante minha adolescência eu namorava muito até que eu conheci meu marido José Lourenço. Há eu me apaixonei ele é romântico ele era romântico comigo e então namoramos.</i></p>

*O tempo passou e agente resolveu se casar **aí** depois de um tempinho eu engravidei de uma menina, **bom** tivemos cinco filhos três mulheres e dois homens, mais depois de um tempo um de meus filhos morreu foi triste mais agente seguiu em frente.*

Meus momentos mas marcantes eu não me esqueço, foram os nascimentos dos meus filhos, as festas de 15 anos deles, meu casamento e os nascimentos dos meus netos, porquem em todos eles reunimos a família.

Hoje vivo feliz e alegre trabalho fazendo da renda e vendendo tapioca, eu trabalhava também com reciclagem e vendendo mangaba, mais parei pois estou ficando velha e não posso fazer tudo sozinha.

Lembro que a vila de Ponta Negra era mais calma não tinha tanta violência como hoje e espero que meus filhos, netos e futuros bisnetos vivam num lugar melhor sem violência.

Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016).

E.E. Prof. José Fernandes Machado.

Fonte: autoria própria(2017).

Vejamos que, no texto-base, as marcas da oralidade são visíveis, por exemplo, os marcadores conversacionais (*né, pros, pras, aí, viu*); hesitações (*de....de, e, e....e*); repetições de palavras e/ou frases (*educou muito a gente, vendo, já*) e de pronomes egóticos (*eu*). Ao comparar o texto-base com P3 – A, constatamos que houve eliminação e retirada de elementos típicos da oralidade, apesar de ainda constatar uma incidência do termo “aí” e o acréscimo inadequado da palavra “bom”, um registro típico da oralidade. Ademais, percebemos as construções de aglutinações morfológicas (*nera, tô*), as quais não foram utilizadas pela retextualizadora. Em relação a essa operação, segundo Marcuschi (2010), é praticamente impossível distinguir de forma clara entre os procedimentos de idealização linguística e reorganização. No entanto, em nossa análise, levando em consideração o texto-alvo, consideramos que ocorreram os dois procedimentos.

Por fim, dentre as marcas da oralidade identificadas no texto-base (Quadro 7, p. 76-78), resolvemos evidenciar os termos “aí” e “bom”, pois esses registros linguísticos aparecem em P3 - A, enquanto outros registros da modalidade oral foram eliminados.

Quadro 8 – 5º momento da análise

TEXTO-BASE (transcrição)	<p>Entrevistador 1: Seu nome completo? Entrevistada: Hrm? Entrevistador 1: Seu nome completo? Entrevistada: Isaura.... Entrevistador 1: Idade? Entrevistada: é (+) 67. Fiz agora em junho. [...]</p> <p>Entrevistador 1: Como foi sua infância e a sua adolescência? Entrevistada: A minha infância foi muito boa, porque eu estudava, eu estudava, minha mãe educou muito a gente, era cinco e cinco filhas, ela educou muito a gente e eu estudei muito mas só que eu não sei ler, so sei assinar o nome (risos.). Aí quando eu cresci mais um pouco, que eu não sou grande, aí eu ia pros forró, ia dançar, ia namorar, tudo eu fazia né!? Aí comecei a trabalhar, trabalho em renda, em mufada né, em bilro né, aí era muito bem, aí eu arrumava namorado, saía com eles, só que quando eu chegava em casa minha mãe não gostava (risos), aí ela (+)aí foi muito bom graças a Deus, eu brincava de (passar anel, lá pinha,)(inaldível) eu dançava. Entrevistador 2: Isso aqui na Vila de Ponta Negra? Entrevistada: Tudinho aqui, eu não saia pra canto nenhum. Eh (+) eu era, não tinha um, um negócio (a la moça de)(inaldível), de comício, aí eu saía pra fora nos comícios nos negócios (de /a la moça)(inaldível), uns carros grandes cheio delas, nera feio não, era muita.... Entrevistador 2: Muitas moças. Entrevistada: É (+) aí eu acha bom demais, eu fui muito alegre, fui, gostava de de, das festas que tinha, e era, foi muito bom a minha vida. E agora, depois de idosa, eu vendo mangaba, eu vendo caju, eu vendia tapioca, eu eu trabalho em renda. Entrevistadora 2: A senhora casou-se com quantos anos? Entrevistada: Eu me casei com 18 anos. Entrevistadora 2: 18 anos de idade. (+)Aí teve quantos filhos, dona Isabel? Entrevistada: Dois, três, dois homens e, duas mulher, não três mulheres. [...]</p> <p>Entrevistador 1: Qual foi o momento mais marcante da vida da senhora? Entrevistador 2: Um momento especial. Entrevistadora 1: é que a senhora assim ficou gravado na memória, você não consegue apagar por mais que passe os anos, você não consegue esquecer. Entrevistada: é...eu não sei nem dizer porque é a mesma coisa que eu fazia, queria fazer tombém agora, né. Entrevistador 2: A senhora tem assim um momento importante, assim, um momento, um episódio, entendeu? Que aconteceu quando a senhora era mais jovem, precisa fazer muito tempo não. Mas, por exemplo, vou dar só um exemplo, um momento marcante em minha vida, quando era é...criança, né! Minha adolescência, marcante é pode ser, pode ser alegre ou pode ser triste, foi quando é...minha mãe casou novamente. Entrevistada: Tristeza eu nunca tive não, graças a Deus (risos). Entrevistador 2: Oh coisa boa! Entrevistada: Eu queria ser o, o... Entrevistador 2: Por exemplo, o seu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida. Entrevistada: Foi bom demais meu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida. Entrevistador 2: Além do casamento, teve um outro momento assim marcante, o aniversário de sua filha. Entrevistada: Não, teve sim, o aniversário de 15 anos das minha filha, foi muito bom, foi bastante bom, e, e...e todo mundo gostaram das festas que a gente fazia. [...]</p>
------------------------------------	---

	<p><i>Entrevistadora 2: A senhora gosta de trabalhar com renda de bilro, né!?</i> <i>Entrevistada: Ih, não é meu trabalho!?</i> <i>Entrevistador 2: É, porque tem pessoas que entraram no mundo da arte, mas, assim, porque precisava...né?</i> <i>Entrevistada: É, eu adoro, eu gosto.</i> <i>Entrevistador: Oh coisa boa!</i> <i>Entrevistada: Quando eu tô aqui em casa, quando eu cuido das minhas coisas aqui dentro de casa, quando eu não tenho o que fazer.</i> <i>Entrevistador 3: Terapia...</i> <i>Entrevistador 2: Terapia, né!?</i> <i>Entrevistada: Eu me assento na cadeira e boto a mufada aqui e aja trabalhar, aí eu vou dormir de dez horas da noite, onze hora, tudo fazendo renda!</i> [...]</p> <p><i>Entrevistador 1: Como era a Vila de Ponta Negra no passado em comparação a hoje?</i> <i>Entrevistada: A vila de Ponta Negra no passado era boa demais, era bom demais, mas agora não dá não, viu!?</i> <i>Entrevistador 2: Por que era boa dona Isabel?</i> <i>Entrevistada: Porque não tinha essas coisas que tem agora antigamente né?</i> [...]</p> <p><i>Entrevistada: Não tinha essas coisas não, aqui não!</i> <i>Entrevistador 2: Num existia?</i> <i>Entrevistada: A gente podia sair a boca da noite, chegar no outro dia, a gente podia dormir com a porta aberta, num tinha essas, né!</i> [...]</p> <p><i>Entrevistador 2: Mas, pro seus filhos e pros seus netos, o que a senhora deseja, assim?</i> <i>Entrevistada: Eu desejo que Deus ajude eles, seja um bom, uma boa pessoa arrume um trabalho bem, estude bem.</i> [...]</p> <p><i>Entrevistador 2: é, encerramos as nossas perguntas, né! Encerramos a entrevista e a senhora vai nos mostrar...</i> <i>Entrevistada: Eu vou pegar, já terminou num já:</i> <i>Entrevistador 2: Já, já!</i></p>
RETEXTUALIZAÇÃO Produção Final – P3 – B	<p style="text-align: center;"><i>Minha antiga vida</i></p> <p><i>Sentada na minha cadeira de balanço, recordo-me do meu passado. Ah! Lembro-me de minha infância, eu brincava muito, mas estudava bastante, pois queria ser professora ou “doutora”. Era meu sonho! Sempre fui uma criança muito alegre e sorridente.</i></p> <p><i>Minha adolescência foi maravilhosa, eu saía para as festas, dançava muito forró, fui namoradeira e fazia sucesso com os garotos. Quando fui ficando mais velha, minha mãe e minha irmã começaram a me ensinar a render.</i></p> <p><i>Para ajudar minha mãe, desistir dos meus estudos e comecei a trabalhar, aprendi a render e exerci vários trabalhos.</i></p> <p><i>Durante minha adolescência, conheci meu marido José Lorenzo. Ah! Eu me apaixonei, ele era romântico comigo, por isso me encantei e começamos a namorar.</i></p> <p><i>O tempo passou, e a gente resolveu se casar depois de um tempinho, engravidei da minha primeira filha, tivemos cinco filhos: três mulheres e dois homens, mas, depois de um tempo, um de meus filhos morreu, foi triste, mas a gente seguiu em frente.</i></p>

Meus momentos mais marcantes, não me esqueço, foram os nascimentos dos meus filhos, as festas de 15 anos deles, meu casamento e os nascimentos dos meus netos, porque, em todos eles, reunimos a família.

Hoje, vivo feliz e alegre, trabalho fazendo renda e vendendo tapioca, antes trabalhava também com reciclagem e vendendo mangaba, mas parei pois estou ficando velha e não posso fazer tudo sozinha.

Recordo-me que a Vila de Ponta Negra era mais tranquila, não tinha perigo dormir de portas aberta. Naquela época não tinha tecnologia e uma das minhas diversões era ajudar meus pais na agricultura, pois tinha poucas casas e era tudo de areia.

Hoje a violência encontra-se em muitos lugares em nossa vila, mas, ainda assim espero que meus filhos, netos e futuros bisnetos vivam num lugar melhor, sem violência e mais união.

*Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016).
E.E. Prof. José Fernandes Machado.*

Fonte: autoria própria (2017).

Prosseguindo a análise da operação de eliminação das marcas da oralidade, ao contrapormos o texto-base e a produção final (P3 – B), é possível verificar que houve sucesso conforme se vê marcas da oralidade, destacadas no texto-base. Essa operação corrobora para respondermos as duas questões apresentadas em nossa pesquisa-ação: (i) “que operações de retextualização são identificadas em textos de estudantes do 7º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais, produzidos a partir de uma proposta com o gênero memórias?” e (ii) “quais possíveis contribuições de uma proposta com o gênero memórias?”. Além disso, ela ressalta a relevância de uma intervenção, utilizando como ferramenta pedagógica a aplicação de uma sequência didática. Isso aponta para um fato relevante em nossa pesquisa-ação, o quanto esse procedimento pedagógico pode contribuir para o trabalho com os gêneros textuais.

Por fim, ao compararmos o texto-base com P3 - A e P3 - B, observamos que há um contínuo da fala para escrita referente à eliminação das marcas da oralidade, além de que, assim como o aluno José, a aluna Bruna realizou a operação e processos de natureza linguística-textual-discursiva como também operações cognitivas, isto é, houve operações de natureza linguística (eliminação, acréscimos de informações, substituição etc.), além de operações cognitivas (reformulação).

Nos Quadros 9 e 10, a seguir, destacaremos a operação de “acrécimo”. Para tanto, foram sublinhados trechos do texto-base, que serviram de base para retextualizadora em P3 - A e P3 – B inserir novas informações.

Quadro 9 – 7º momento da análise

TEXTO-BASE (transcrição)	<p> <i>Entrevistador 1: Seu nome completo?</i> <i>Entrevistada: Hrm?</i> <i>Entrevistador 1: Seu nome completo?</i> <i>Entrevistada: Isaura....</i> <i>Entrevistador 1: Idade?</i> <i>Entrevistada: é (+) 67. Fiz agora em junho.</i> [...] </p> <p> <i>Entrevistador 1: Como foi sua infância e a sua adolescência?</i> <i>Entrevistada: A minha infância foi muito boa, porque eu estudava, eu estudava, minha mãe educou muito a gente, era cinco e cinco filhas, ela educou muito a gente e eu estudei muito mas só que eu não sei ler, so sei assinar o nome (risos.). Aí quando eu cresci mais um pouco, que eu não sou grande, aí eu ia pros forró, ia dançar, ia namorar, tudo eu fazia né!? Aí comecei a trabalhar, trabalho em renda, em mufada né, em bilro né, aí era muito bem, aí eu arrumava namorado, saía com eles, só que quando eu chegava em casa minha mãe não gostava (risos), aí ela (+)aí foi muito bom graças a Deus, eu brincava de (passar anel, lá pinha,)(indaldível) eu dançava.</i> <i>Entrevistador 2: Isso aqui na Vila de Ponta Negra?</i> <i>Entrevistada: Tudinho aqui, eu não saia pra canto nenhum. Eh (+) eu era, não tinha um, um negócio (a la moça de)(inaldível), de comício, aí eu saía pra fora nos comícios nos negócios (de /a la moça)(inaudível), uns carros grandes cheio delas, nera feio não, era muita....</i> <i>Entrevistador 2: Muitas moças.</i> <i>Entrevistada: É (+) aí eu acha bom demais, eu fui muito alegre, fui, gostava de de, das festas que tinha, e era, foi muito bom a minha vida. E agora, depois de idosa, eu vendo mangaba, eu vendo caju, eu vendia tapioca, eu eu trabalho em renda.</i> <i>Entrevistadora 2: A senhora casou-se com quantos anos?</i> <i>Entrevistada: Eu me casei com 18 anos.</i> <i>Entrevistadora 2: 18 anos de idade. (+)Aí teve quantos filhos, dona Isabel?</i> <i>Entrevistada: Dois, três, dois homens e, duas mulher, não três mulheres.</i> [...] </p> <p> <i>Entrevistador 1: Qual foi o momento mais marcante da vida da senhora?</i> <i>Entrevistador 2: Um momento especial.</i> <i>Entrevistadora 1: é que a senhora assim ficou gravado na memória, você não consegue apagar por mais que passe os anos, você não consegue esquecer.</i> <i>Entrevistada: é...eu não sei nem dizer porque é a mesma coisa que eu fazia, queria fazer tombém agora, né.</i> <i>Entrevistador 2: A senhora tem assim um momento importante, assim, um momento, um episódio, entendeu? Que aconteceu quando a senhora era mais jovem, precisa fazer muito tempo não. Mas, por exemplo, vou dar só um exemplo, um momento marcante em minha vida, quando era é...criança, né! Minha adolescência, marcante é pode ser, pode ser alegre ou pode ser triste, foi quando é...minha mãe casou novamente.</i> <i>Entrevistada: Tristeza eu nunca tive não, graças a Deus (risos).</i> <i>Entrevistador 2: Oh coisa boa!</i> <i>Entrevistada: Eu queria ser o, o...</i> <i>Entrevistador 2: Por exemplo, o seu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida.</i> <i>Entrevistada: Foi bom demais meu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida.</i> <i>Entrevistador 2: Além do casamento, teve um outro momento assim marcante, o aniversário de sua filha.</i> <i>Entrevistada: Não, teve sim, o aniversário de 15 anos das minha filha, foi muito bom, foi bastante bom, e, e...e todo mundo gostaram das festas que a gente fazia.</i> </p>
------------------------------------	---

	<p>[...]</p> <p><i>Entrevistadora 2: A senhora gosta de trabalhar com renda de bilro, né!?</i></p> <p><i>Entrevistada: Ih, não é meu trabalho!?</i></p> <p><i>Entrevistador 2: É, porque tem pessoas que entraram no mundo da arte, mas, assim, porque precisava...né?</i></p> <p><i>Entrevistada: É, eu adoro, eu gosto.</i></p> <p><i>Entrevistador: Oh coisa boa!</i></p> <p><i>Entrevistada: Quando eu tô aqui em casa, quando eu cuido das minhas coisas aqui dentro de casa, quando eu não tenho o que fazer.</i></p> <p><i>Entrevistador 3: Terapia...</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Terapia, né!?</i></p> <p><i>Entrevistada: <u>Eu me assento na cadeira e boto a mufada aqui e aja trabalhar, aí eu vou dormir de dez horas da noite, onze hora, tudo fazendo renda!</u></i></p> <p>[...]</p> <p><i>Entrevistador 1: Como era a Vila de Ponta Negra no passado em comparação a hoje?</i></p> <p><i>Entrevistada: <u>A vila de Ponta Negra no passado era boa demais, era bom demais, mas agora não dá não viu!?</u></i></p> <p><i>Entrevistador 2: Por que era boa dona Isabel?</i></p> <p><i>Entrevistada: <u>Porque não tinha essas coisas que tem agora antigamente né?</u></i></p> <p>[...]</p> <p><i>Entrevistada: Não tinha essas coisas não, aqui não!</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Num existia?</i></p> <p><i>Entrevistada: <u>A gente podia sair a boca da noite, chegar no outro dia, a gente podia dormir com a porta aberta, num tinha essas, né!</u></i></p> <p>[...]</p> <p><i>Entrevistador 2: Mas, pro seus filhos e pros seus netos, o que a senhora deseja, assim?</i></p> <p><i>Entrevistada: Eu desejo que Deus ajude eles, seja um bom, uma boa pessoa arrume um trabalho bem, estude bem.</i></p> <p>[...]</p> <p><i>Entrevistador 2: é, encerramos as nossas perguntas, né! Encerramos a entrevista e a senhora vai nos mostrar...</i></p> <p><i>Entrevistada: Eu vou pegar, já terminou num já:</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Já, já!</i></p>
<p>RETEXTUALIZAÇÃO (Produção inicial) – P3 – A</p>	<p>(Sem título)</p> <p><u>Sentada na minha cadeira de balanço olhando para o tempo fico lembrando da minha infância, me lembro que eu brincava nuito, mais estudava bastante pois queria ser professora ou doutora. Era meu sonho, sempre fui uma criança muito alegre e sorridente.</u></p> <p><u>Minha adolescência foi maravilhosa, eu saía para as festas: dançava muito forró, fui namoradeira fazia sucesso com os garotos quando fui ficando mais velha minha mãe e minha irmã começaram a me ensinar a rendar</u></p> <p><u>Mas desistir dos meus estudos e comecei a trabalhar para ajudar minha mãe, então eu aprendi a rendar e fiz vários trabalhos.</u></p> <p><u>Durante minha adolescência eu namorava muito até que eu conheci meu marido José Lourenço. Há eu me apaixonei ele é romântico ele era romântico comigo e então namoramos.</u></p>

	<p><i>O tempo passou e agente resolveu se casar aí depois de um tempinho eu engravidei de uma menina, bom tivemos cinco filhos três mulheres e dois homens, mais depois de um tempo um de meus filhos morreu foi triste mais agente seguiu em frente.</i></p> <p><i>Meus momentos mas marcantes eu não me esqueço, foram os nascimentos dos meus filhos, as festas de 15 anos deles, meu casamento e os nascimentos dos meus netos, porquem em todos eles reunimos a família.</i></p> <p><i>Hoje vivo feliz e alegre trabalho fazendo da renda e vendendo tapioca, eu trabalhava também com reciclagem e vendendo mangaba, mais parei pois estou ficando velha e não posso fazer tudo sozinha.</i></p> <p><i>Lembro que a vila de Ponta Negra era mais calma não tinha tanta violência como hoje e espero que meus filhos, netos e futuros bisnetos vivam num lugar melhor sem violência.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>
--	---

Fonte: autoria própria (2017).

Observemos que, na P3 – A, a aluna Bruna realizou a operação de acréscimo de informações ao inserir termos próprios do gênero, por exemplo, o operador de coesão temporal (Hoje), os verbos que expressam ação de lembrar (recordo, lembro), além de palavras (maravilha) e expressões e/ou sintagmas (Há eu me apaixonei...). Ainda identificamos na produção da aluna marcas da oralidade (aí, bom), repetições de pronome egótico (eu). Além disso, a aluna não diversifica os operadores de coesão temporal para marcar o “ir” e “vir” das lembranças do narrador-personagem.

No 8º momento, a seguir, apresentaremos a operação de “reformulação”. Verificar Quadro 10, a seguir:

Quadro 10 – 8º momento da análise

TEXTO-BASE (transcrição)	<p><i>Entrevistador 1: Seu nome completo?</i></p> <p><i>Entrevistada: Hrm?</i></p> <p><i>Entrevistador 1: Seu nome completo?</i></p> <p><i>Entrevistada: Isaura....</i></p> <p><i>Entrevistador 1: Idade?</i></p> <p><i>Entrevistada: é (+) 67. Fiz agora em junho.</i></p> <p>[...]</p> <p><i>Entrevistador 1: Como foi sua infância e a sua adolescência?</i></p> <p><i>Entrevistada: A minha infância foi muito boa, porque eu estudava, eu estudava, minha mãe educou muito a gente, era cinco e cinco filhas, ela educou muito a gente e eu estudei muito mas só que eu não sei ler, so sei assinar o nome (risos.). Aí quando eu cresci mais um pouco, que eu não sou grande, aí eu ia pros forró, ia dançar, ia namorar, tudo eu fazia né!? Aí comecei a trabalhar, trabalho em renda, em mufada né, em bilro né, aí era muito bem, aí eu arrumava namorado, saía com eles, só que quando eu chegava em casa minha mãe não gostava (risos), aí ela (+)aí foi muito bom graças a Deus, eu brincava de (passar anel, lá pinha,)(indaldível) eu dançava.</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Isso aqui na vila de Ponta Negra?</i></p>
------------------------------------	---

Entrevistada: Tudinho aqui, eu não saia pra canto nenhum. Eh (+) eu era, não tinha um, um negócio (a lá moça de) (inaudível), de comício, aí eu saía pra fora nos comícios nos negócios (de /a lá moça) (inaudível), uns carros grandes cheio delas, mera feio não, era muita.

Entrevistador 2: Muitas moças.

Entrevistada: É (+) aí eu acha bom demais, eu fui muito alegre, fui, gostava de de, das festas que tinha, e era, foi muito bom a minha vida. E agora, depois de idosa, eu vendo mangaba, eu vendo caju, eu vendia tapioca, eu eu trabalho em renda.

Entrevistador 2: A senhora casou-se com quantos anos?

Entrevistada: Eu me casei com 18 anos.

Entrevistador 2: 18 anos de idade. (+)Aí teve quantos filhos, dona Isabel?

Entrevistada: Dois, três, dois homens e, duas mulher, não três mulheres.

[...]

Entrevistador 1: Qual foi o momento mais marcante da vida da senhora?

Entrevistador 2: Um momento especial.

Entrevistadora 1: é que a senhora assim ficou gravado na memória, você não consegue apagar por mais que passe os anos, você não consegue esquecer.

Entrevistada: é...eu não sei nem dizer porque é a mesma coisa que eu fazia, queria fazer tombém_ agora, né.

Entrevistador 2: A senhora tem assim um momento importante assim, um momento, um episódio, entendeu? Que aconteceu quando a senhora era mais jovem, precisa fazer muito tempo não. Mas, por exemplo, vou dar só um exemplo, um momento marcante em minha vida, quando era é...criança, né! Minha adolescência, marcante é pode ser, pode ser alegre ou pode ser triste, foi quando é...minha mãe casou novamente.

Entrevistada: Tristeza eu nunca tive não, graças a Deus (risos).

Entrevistador 2: Oh coisa boa!

Entrevistada: Eu queria ser o, o...

Entrevistador 2: Por exemplo, o seu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida.

Entrevistada: Foi bom demais meu casamento, teve festa, teve comida, teve bebida.

Entrevistador 2: Além do casamento, teve um outro momento assim marcante, o aniversário de sua filha.

Entrevistada: Não, teve sim, o aniversário de 15 anos das minha filha, foi muito bom, foi bastante bom, e, e...e todo mundo gostaram das festas que a gente fazia.

[...]

Entrevistadora 2: A senhora gosta de trabalhar com renda de bilro, né!?

Entrevistada: Ih, não é meu trabalho!

Entrevistador 2: É, porque tem pessoas que entraram no mundo, na arte, mas assim porque precisava...né?

Entrevistada: É, eu adoro, eu gosto.

Entrevistador: Oh coisa boa!

Entrevistada: Quando eu tô aqui em casa, quando eu cuido das minhas coisas aqui dentro de casa, quando eu não tenho o que fazer.

Entrevistador 3: Terapia...

Entrevistador 2: Terapia, né!?

Entrevistada: Eu me assento na cadeira e boto a mufada aqui e aja trabalhar, aí eu vou dormir de dez horas da noite, onze hora, tudo fazendo renda!

[...]

Entrevistador 1: Como era A

a vila de Ponta Negra no passado em comparação a hoje?

Entrevistada: A vila de Ponta Negra no passado era boa demais, era bom demais, mas agora não dá não viu!?

Entrevistador 2: Por que era boa dona Isabel?

	<p><i>Entrevistada: <u>Porque não tinha essas coisas que tem agora antigamente né?</u></i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Entrevistada: Não tinha essas coisas não, aqui não!</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Num existia?</i></p> <p><i>Entrevistada: <u>A gente podia sair a boca da noite, chegar no outro dia, a gente podia dormir com a porta aberta, num tinha essas, né!</u></i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Mas, pro seus filhos e pros seus netos, o que a senhora deseja assim?</i></p> <p><i>Entrevistada: Eu desejo que Deus ajude eles, seja um bom, uma boa pessoa arrume um trabalho bem, estude bem.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Entrevistador 2: é, encerramos as nossas perguntas, né! Encerramos a entrevista e a senhora vai nos mostrar...</i></p> <p><i>Entrevistada: Eu vou pegar, já terminou num já:</i></p> <p><i>Entrevistador 2: Já, já!</i></p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">RETEXTUALIZAÇÃO (Produção Final) – P3 – B</p>	<p style="text-align: center;"><i>Minha antiga vida</i></p> <p><i><u>Sentada na minha cadeira de balanço, recordo-me do meu passado. Ah! Lembro-me de minha infância, eu brincava muito, mas estudava bastante, pois queria ser professora ou “doutora”. Era meu sonho! Sempre fui uma criança muito alegre e sorridente.</u></i></p> <p><i>Minha adolescência foi <u>maravilhosa</u>, eu saía para as festas, dançava muito forró, fui namoradeira e fazia sucesso com os garotos. Quando fui ficando mais velha, minha mãe e minha irmã começaram a me ensinar a render.</i></p> <p><i>Para ajudar minha mãe, desistir dos meus estudos e comecei a trabalhar, aprendi a render e exerci vários trabalhos.</i></p> <p><i>Durante minha adolescência, conheci meu marido José Lorenço. <u>Ah! Eu me apaixonei, ele era romântico comigo, por isso me encantei e começamos a namorar.</u></i></p> <p><i><u>O tempo passou, e a gente resolveu se casar depois de um tempinho, engravidei da minha primeira filha, tivemos cinco filhos: três mulheres e dois homens, mas, depois de um tempo, um de meus filhos morreu, foi triste, mas a gente seguiu em frente.</u></i></p> <p><i><u>Meus momentos mais marcantes, não me esqueço, foram os nascimentos dos meus filhos, as festas de 15 anos deles, meu casamento e os nascimentos dos meus netos, porque, em todos eles, reunimos a família.</u></i></p> <p><i><u>Hoje, vivo feliz e alegre, trabalho fazendo renda e vendendo tapioca, antes trabalhava também com reciclagem e vendendo mangaba, mas parei pois estou ficando velha e não posso fazer tudo sozinha.</u></i></p> <p><i><u>Recordo-me que a Vila de Ponta Negra era mais tranquila, não tinha perigo dormir de portas abertas. Naquela época não tinha tecnologia e uma das minhas diversões era ajudar meus pais na agricultura, pois tinha poucas casas e era tudo de areia.</u></i></p> <p><i><u>Hoje a violência encontra-se em muitos lugares em nossa vila, mas, ainda assim espero que meus filhos, netos e futuros bisnetos vivam num lugar melhor, sem violência e mais união.</u></i></p> <p style="text-align: right;"><i>Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>

Fonte: autoria própria (2017).

Notemos que, em P3 – B, a aluna acrescenta novas informações a partir do uso da linguagem poética. É preciso enfatizar que essas modificações foram essenciais para o objetivo esperado ao final da SD, ou seja, verificar se os alunos produziram o gênero solicitado. Além disso, percebemos, na transformação da entrevista para as memórias (P2 – B), um acréscimo significativo no conteúdo. Na verdade, a aluna recria os momentos lembrados pela entrevistada, produzindo, dessa forma, um texto próximo a linguagem literária. Salientamos também que a aluna realizou com mais propriedade as operações de retextualização, uma delas a retirada de repetições do pronome égotico (eu).

Enfim, de modo geral, conforme já explicitado, constatamos que a aluna, na passagem do texto-base para P3 - A como também do texto-base para P3 – B, acrescentou verbos que expressam a ação de lembrar (*lembro-me, recordo-me*), operador de coesão temporal (*hoje*), conteúdos trabalhados nos Módulos 2 e 3 da sequência didática. Ademais, é visível em P3 – B que ela organizou melhor os períodos e/ou parágrafos. Assim, numa linha contínua dos gêneros textuais, aproximou o seu texto da norma padrão escrita, conforme o gênero memórias exige.

Para finalizar a análise, destacaremos duas operações: “a retomada do texto-base” e “a paráfrase”. Para tanto, vejamos os quadros 11, 12, 13 e 14, a seguir:

Quadro 11 – 9º momento da análise

TEXTO-BASE (transcrição)	<p><i>Entrevistadora: Nome?</i> <i>Entrevistada: Jacinta...</i> <i>Entrevistadora: Fale mais alto.</i> <i>Entrevistada: Maria de Jesus Pinto Parente.</i> [...]</p> <p><i>Entrevistadora: Como foi sua infância e a sua adolescência?</i> <i>Entrevistada: Aí! A minha infância foi ótima. Então, eu...meus pais eram, tinham um...tem um sítio. Então, a gente passava as férias no sítio, andando a cavalo, tomando leite...mugido. Tudo mais. Então foi muito bom. Tanto a minha infância, como a minha adolescência. Aproveitei muito.</i> <i>Entrevistadora: Tinha muitos amigos?</i> <i>Entrevistada: Muito.</i> <i>Entrevistadora: A senhora possui algum sonho que ainda não realizou?</i> <i>Entrevistada: Acho que não. Eu já realizei todos os meus sonhos.</i> <i>Entrevistadora: Além de professora, já exerceu outra profissão?</i> <i>Entrevistada: Não, só professora mesmo, porque, na época, quando eu era estudante então...os meus pais não permitiam que eu trabalhasse. Só estudasse.</i> <i>Entrevistadora: Sempre sonhou em ser professora?</i> <i>Entrevistada: Não. Eu, no meu...o meu primeiro sonho era ser...me formar em Medicina. Aí foi assim que eu me casei, aí não deu mais. E mudei os meus sonhos (risos).</i> <i>Entrevistadora: Alguma vez já sentiu vontade de mudar de profissão?</i> <i>Entrevistada: Não, eu <u>amo minha profissão.</u></i></p>
------------------------------------	--

	<p><i>Entrevistadora: Há quanto tempo a senhora trabalha na escola?</i> <i>Entrevistada: Nesta escola? Eu trabalho desde 84. Quantos anos? 94. 2000...22 anos.</i> <i>Entrevistadora: Qual a sua motivação em trabalhar como professora?</i> <i>Entrevistada: <u>São vocês. Vocês me motivam a trabalhar e gostar muito mais da minha profissão.</u></i> <i>Entrevistadora: Como a senhora se sente ao saber do sucesso profissional e pessoal dos seus ex-alunos?</i> <i>Entrevistada: <u>Ah! Muito feliz. É como se fosse, assim, um filho meu, que tivesse, assim, tivesse realizado e eu me sinto assim...Ave Maria! Muito, muito, muito, muito feliz mesmo.</u></i> <i>Entrevistadora: Alguma vez já sentiu vontade de mudar de profissão?</i> <i>Entrevistada: Não, eu <u>amo minha profissão.</u></i> [...]</p> <p><i>Entrevistadora: Professora, obrigada por a senhora participar da nossa entrevista. E nós acabamos por aqui. Certo!?</i> <i>Entrevistada: E, obrigada, vocês.</i></p>
RETEXTUALIZAÇÃO (Produção Inicial) – P4 – A	<p style="text-align: center;"><i>Tudo depende de uma escolha!</i></p> <p><i>Dentro de uma sala de aula, lembro-me dos meus momentos mais preciosos, infância, adolescência, brincadeiras com os amigos etc...</i> <i>Ah! Antigamente era um paraíso, recordo-me muito bem das minhas férias. O momento mais esperado! Eu e os meus pais e até mesmo meus amigos íamos para o cívico de mainha e painho, andávamos a cavalo, bebíamos leite fresquinho.</i> <u><i>Minha mãe era muito exigente, nunca me deixou trabalhar quando era jovem, pois ela queria que eu apenas pensasse em estudar, agradeço muito a ela.</i></u> <i>Quando era estudante, meu primeiro sonho era me formar em Medicina, porém casei-me e mudei os meus planos.</i> <i>Hoje sou professora, podem ter certeza! não me arrependo de ter mudado os meus planos, <u>amo minha profissão.</u> Alunos perguntaram-me qual seria minha motivação em ser professora? olhei para eles com um sorriso no rosto e falei: <u>“São vocês”. Vocês me motiva a trabalhar mais e mais e gosta muito mais da minha profissão,</u> o sucesso dos meus ex-alunos? <u>Ave Maria!, fico muito feliz é como se fosse um filho meu realizando seu maior sonho.</u></i> <i>Só em pensar que o aprendizado de hoje não é igual a antigamente, fico muito triste, pois nem todos terão uma vida de sucesso, os jovens de hoje só pensam em ficar na internet, e para essas atitudes têm uma frase “você faz suas escolhas e suas escolhas irão fazer você”.</i> <i>Devemos ter cuidado para que essa escolha não venha ser errada, fiz minhas escolhas e realizei todos os meus sonhos.</i> <i>Espero que todas realizem aqueles pequenos sonhos que agente acha impossível e lembre-se! se não der certo, a vida continua.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Texto da aluna do 7º Ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>

Os textos em análise apresentam a operação de “retomada”, a qual é “constituída, principalmente, pela retomada integral ou quase integral de trechos” (SILVA, 2013, p. 74).

Em P4 - A, verificamos que a retomada é uma operação realizada por meio da apropriação de informações obtidas nas entrevistas, verificar quadro 12, a seguir.

Quadro 12 – 10º momento da análise

<p>TEXTO-BASE (transcrição)</p>	<p><i>Entrevistadora: Nome?</i> <i>Entrevistada: Jacinta...</i> <i>Entrevistadora: Fale mais alto.</i> <i>Entrevistada: Maria de Jesus Pinto Parente.</i> [...]</p> <p><i>Entrevistadora: Como foi sua infância e a sua adolescência?</i> <i>Entrevistada: Aí! A minha infância foi ótima. Então, eu...meus pais eram, tinham um...tem um sítio. Então, a gente passava as férias no sítio, andando a cavalo, tomando leite...mugido. Tudo mais. Então foi muito bom. Tanto a minha infância, como a minha adolescência. Aproveitei muito.</i> <i>Entrevistadora: Tinha muitos amigos?</i> <i>Entrevistada: Muito.</i> <i>Entrevistadora: A senhora possui algum sonho que ainda não realizou?</i> <i>Entrevistada: Acho que não. Eu já realizei todos os meus sonhos.</i> <i>Entrevistadora: Além de professora, já exerceu outra profissão?</i> <i>Entrevistada: Não, só professora mesmo, porque, na época, quando eu era estudante então...os meus pais não permitiam que eu trabalhasse. Só estudasse.</i> <i>Entrevistadora: Sempre sonhou em ser professora?</i> <i>Entrevistada: Não. Eu, no meu...o meu primeiro sonho era ser...me formar em Medicina. Aí foi assim que eu me casei, aí não deu mais. E mudei os meus sonhos (risos).</i> <i>Entrevistadora: Alguma vez já sentiu vontade de mudar de profissão?</i> <i>Entrevistada: Não, eu <u>amo minha profissão.</u></i> <i>Entrevistadora: Há quanto tempo a senhora trabalha na escola?</i> <i>Entrevistada: Nesta escola? Eu trabalho desde 84. Quantos anos? 94. 2000...22 anos.</i> <i>Entrevistadora: Qual a sua motivação em trabalhar como professora?</i> <i>Entrevistada: <u>São vocês. Vocês me motivam a trabalhar e gostar muito mais da minha profissão.</u></i> <i>Entrevistadora: Como a senhora se sente ao saber do sucesso profissional e pessoal dos seus ex-alunos?</i> <i>Entrevistada: <u>Ah! Muito feliz. É como se fosse, assim, um filho meu, que tivesse, assim, tivesse realizado e eu me sinto assim...Ave Maria! Muito, muito, muito, muito feliz mesmo.</u></i> <i>Entrevistadora: Alguma vez já sentiu vontade de mudar de profissão?</i> <i>Entrevistada: Não, eu <u>amo minha profissão.</u></i> [...]</p> <p><i>Entrevistadora: Professora, obrigada por a senhora participar da nossa entrevista. E nós acabamos por aqui. Certo!?</i> <i>Entrevistada: E, obrigada, vocês.</i></p>
--	---

RETEXTUALIZAÇÃO (Produção Final) – P4 – B	<p><i>Tudo depende de uma escolha</i></p> <p><i>Dentro de uma sala de aula, lembro-me dos meus momentos mais preciosos, infância, adolescência, brincadeiras com os amigos etc.</i></p> <p><i>Ah! Antigamente era um paraíso, recordo-me muito bem das minhas férias. O momento mais esperado! Eu e os meus pais e até mesmo meus amigos íamos para o sítio de mainha e painho, andávamos a cavalo, bebíamos leite fresquinho.</i></p> <p><u><i>Minha mãe era muito exigente, nunca me deixou trabalhar quando era jovem, pois ela queria que eu apenas pensasse em estudar, agradeço muito a ela.</i></u></p> <p><i>Quando era estudante, meu primeiro sonho era me formar em Medicina, porém casei-me e mudei os meus planos.</i></p> <p><i>Hoje sou professora, podem ter certeza não me arrependo de ter mudado os meus planos, <u>amo minha profissão</u>, alunos perguntaram-me qual seria minha motivação em ser professora? Olhei para eles com um sorriso no rosto e falei: <u>“São vocês”</u>. <u>Vocês me motiva a trabalhar mais e mais e gosta muito mais da minha profissão</u>, o sucesso dos meus ex-alunos? <u>Ave Maria!, fico muito feliz é como se fosse um filho meu realizando seu maior sonho.</u></i></p> <p><i>Só em pensar que o aprendizado de hoje não é igual a antigamente, fico muito triste, pois nem todos terão uma vida de sucesso, os jovens de hoje só pensam em ficar na internet, e para essas atitudes têm uma frase “você faz suas escolhas e suas escolhas irão fazer você”.</i></p> <p><i>Devemos ter cuidado para que essas escolhas não venha ser errada, fiz minhas escolhas e realizei todos os meus sonhos.</i></p> <p><i>Espero que todas realizem aqueles pequenos sonhos que a gente acha impossível e lembre-se! Se não der certo, a vida continua.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Texto da aluna do 7º Ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>
---	---

Fonte: autoria própria (2017).

Observemos que, em P4 – B, mantem-se a retomada realizada em P4 – A. Além disso, assim como em P2 - A e P2 - B, as operações de natureza linguística-textual-discursiva e a operação de reformulação também foram realizadas pela aluna isto é, elas se mesclam à operação de retomada de informação. Também constatamos que, em geral, a retomada segue a sequência temporal linear dos fatos narrados.

Finalizando, analisaremos a operação denominada paráfrase (SILVA, 2013). Para tanto, vejamos os exemplos nos Quadros 13 e 14, a seguir:

Quadro 13 – 11º momento da análise

Exemplo 1: operação de paráfrase

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Fragmento do Texto-base (Transcrição)</p>	<p>[...] Entrevistadora: A senhora possui algum sonho que ainda não realizou? Entrevistada: Acho que não. Eu já realizei todos os meus sonhos. Entrevistadora: Além de professora, já exerceu outra profissão? Entrevistada: Não, só professora mesmo, porque, na época, quando eu era estudante então...os meus pais não permitiam que eu trabalhasse. Só estudasse. Entrevistadora: Sempre sonhou em ser professora? Entrevistada: Não. Eu, no meu...o meu primeiro sonho era ser...me formar em Medicina. Aí foi assim que eu me casei, aí não deu mais. E mudei os meus sonhos (risos). Entrevistadora: Alguma vez já sentiu vontade de mudar de profissão? Entrevistada: Não, eu amo minha profissão.</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">RETEXTUALIZAÇÃO Produção final – P4 – B</p>	<p style="text-align: center;"><i>Tudo depende de uma escolha</i></p> <p><i>Dentro de uma sala de aula, lembro-me dos meus momentos mais preciosos, infância, adolescência, brincadeiras com os amigos etc.</i></p> <p><i>Ah! Antigamente era um paraíso, recordo-me muito bem das minhas férias. O momento mais esperado! Eu e os meus pais e até mesmo meus amigos íamos para o sítio de mainha e painho, andávamos a cavalo, bebíamos leite fresquinho.</i></p> <p><i>Minha mãe era muito exigente, nunca me deixo trabalhar quando era jovem, pois ela queria que eu apenas pensasse em estudar, agradeço muito a ela.</i></p> <p><i>Quando era estudante, meu primeiro sonho era me formar em Medicina, porém casei-me e mudei os meus planos.</i></p> <p><i>Hoje sou professora, podem ter certeza não me arrependo de ter mudado os meus planos, amo minha profissão, alunos perguntaram-me qual seria minha motivação em ser professora? Olhei para eles com um sorriso no rosto e falei: “São vocês”. Vocês me motiva a trabalhar mais e mais e gosta muito mais da minha profissão, o sucesso dos meus ex-alunos? Ave Maria! fico muito feliz é como se fosse um filho meu realizando seu maior sonho.</i></p> <p><i>Só em pensar que o aprendizado de hoje não é igual a antigamente, fico muito triste, pois nem todos terão uma vida de sucesso, os jovens de hoje só pensam em ficar na internet, e para essas atitudes têm uma frase “você faz suas escolhas e suas escolhas irão fazer você”.</i></p> <p><i>Devemos ter cuidado para que essa escolha não venha ser errada, fiz minhas escolhas e realizei todos os meus sonhos.</i></p> <p><i>Espero que todas realizem aqueles pequenos sonhos que a gente acha impossível e lembre-se! Se não der certo, a vida continua.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Texto da aluna do 7º Ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>

Fonte: autoria própria (2017).

No exemplo 1 (quadros 13), notemos que a aluna Ana apropriou-se das informações da entrevistada para realizar a paráfrase, demonstrando-se que houve uma atividade de compreensão significativa dessas informações, para poder registrar de outro modo o que foi

dito por outra pessoa. Para Marcuschi (2010, p. 47), “antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada *compreensão*”.

Quadro 14 – 12º momento da análise

Exemplo 2: operação de paráfrase

<p style="text-align: center;">Fragmento do Texto-base (Transcrição)</p>	<p><i>Entrevistadora: Fale sobre alguma mudança ocorrida ao redor, ao seu redor. Como as coisas, como as coisas eram antigamente e hoje como elas são?</i></p> <p><i>Entrevistada: <u>Ah!...vou...eu vou me referir aqui em sala de aula. Está certo? Antigamente o que é que acontece, a gente tinha mais aquela vontade de estudar. Tinha mais aquele incentivo. Tanto por parte familiar, como parte da escola. Hoje em dia eu vejo que os alunos não são motivados para o estudo de jeito nenhum. Parece que vem para escola, para sala de aula como uma obrigação...Entendeu?</u></i></p> <p>[...]</p>
<p style="text-align: center;">RETEXTUALIZAÇÃO Produção final – P4 – B</p>	<p style="text-align: center;"><i>Tudo depende de uma escolha</i></p> <p><i>Dentro de uma sala de aula, lembro-me dos meus momentos mais preciosos, infância, adolescência, brincadeiras com os amigos etc.</i></p> <p><i>Ah! Antigamente era um paraíso, recordo-me muito bem das minhas férias. O momento mais esperado! Eu e os meus pais e até mesmo meus amigos íamos para o sítio de mainha e painho, andávamos a cavalo, bebíamos leite fresquinho.</i></p> <p><i>Minha mãe era muito exigente, nunca me deixou trabalhar quando era jovem, pois ela queria que eu apenas pensasse em estudar, agradeço muito a ela.</i></p> <p><i>Quando era estudante, meu primeiro sonho era me formar em Medicina, porém casei-me e mudei os meus planos.</i></p> <p><i>Hoje sou professora, podem ter certeza não me arrependo de ter mudado os meus planos, amo minha profissão, alunos perguntaram-me qual seria minha motivação em ser professora? Olhei para eles com um sorriso no rosto e falei: “São vocês”. Vocês me motiva a trabalhar mais e mais e gosta muito mais da minha profissão, o sucesso dos meus ex-alunos? Ave Maria!, fico muito feliz é como se fosse um filho meu realizando seu maior sonho.</i></p> <p><i>Só em pensar que o aprendizado de hoje não é igual a antigamente, fico muito triste, pois nem todos terão uma vida de sucesso, os jovens de hoje só pensam em ficar na internet, e para essas atitudes têm uma frase “você faz suas escolhas e suas escolhas irão fazer você”.</i></p> <p><i>Devemos ter cuidado para que essas escolhas não venha ser errada, fiz minhas escolhas e realizei todos os meus sonhos.</i></p> <p><i>Espero que todas realizem aqueles pequenos sonhos que a gente acha impossível e lembre-se! Se não der certo, a vida continua.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Texto da aluna do 7º Ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>

Fonte: autoria própria (2017).

No exemplo 2 (Quadro 14), observemos que a aluna também se apropria das informações da entrevistada para realizar a operação denominada paráfrase. É necessário frisar que as marcas de autoria no texto transformado (P4 - B) não podem ser considerados

falseamento de informações. Na verdade, é preciso lembrar que o gênero memórias propicia essa liberdade de criação, pois encontra-se no limiar da realidade e ficção.

Em resumo, o processo de retextualização não acontece de forma linear. É possível “que um indivíduo conclua sua atividade em qualquer ponto do processo” (MARCUSCHI, 2010, p. 76). Destacamos que esse processo ocorre de maneira diferenciada ao considerarmos o texto-base e o texto-alvo, isto é, cada gênero textual exigirá operações específicas.

4.3 Questões de reescritas na produção do gênero memórias

No Brasil, ao longo de muitos anos, uma crítica relativa ao Ensino de Língua Portuguesa com a ênfase nos aspectos metalinguísticos, fomentou uma visão mais funcional da língua, considerando os seus aspectos discursivos, todavia, não podemos ter uma visão radical sob tal questão, porque segundo os PCNLP - Ensino Fundamental),

não se podem desprezar as possibilidades que a reflexão linguística apresenta para o desenvolvimento dos processos mentais do sujeito, por meio da capacidade de formular explicações para explicitar as regularidades dos dados que se observam a partir do conhecimento gramatical implícito (BRASIL, 1998b, p.78).

Nesse caso, é preciso ter consciência de que ensinar Língua Portuguesa não se restringe somente em trabalhar regras gramaticais com os nossos alunos, porque “há conteúdos relacionados às dimensões pragmáticas e semânticas da linguagem, que precisam ser trabalhadas de maneira articulada e simultânea no desenvolvimento das práticas de produção e recepção de textos” (PCNLP, 1988, p. 78).

Assim, para resolver qualquer impasse, sugerimos o ensino de produção textual, por meio de uma Sequência Didática, na qual sejam organizadas atividades que contemplem a retextualização e a reescrita, pois dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa abrangerá tanto os aspectos epilinguísticos como também questões textuais próprias de cada gênero.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 98), os problemas encontrados pelos alunos ao escreverem textos não podem ser diretamente relacionados à questão dos gêneros textuais”. Em nossa sequência, seguindo as orientações dos pesquisadores, reservamos momentos paralelos à SD para abordamos os desvios mais recorrentes nas produções dos alunos.

Explicaremos, a seguir, como foram trabalhados os problemas mais recorrentes de convenções da escrita (letras maiúsculas e minúsculas, uso do “mas” e “mais”) e os problemas

gramaticais e de sintaxe (repetições de palavras e colocação pronominal). Para ilustrar a primeira análise, observemos o texto final, produzido pelo aluno José.

Quadro 15 – 13º momento da análise

(PRODUÇÃO FINAL) – P2 – B

Sete palmos de lembranças

Sentado num túmulo, relembro meu passado, recordo-me da minha infância. Ah! Aquele sol feito brasa fazendo meu rosto arder, enquanto a enxada cortava a terra queimada. Era muito trabalho, Por isso não tive oportunidade de estudar.

Fui criado pelos meus padrinhos, pois minha mãe falecera quando eu era um recém-nascido. Somente aos oito anos, conheci meu pai.

Aos dezessete anos decidi construir uma outra história. Assim, resolvi ir embora para mangabeira, um distrito de Macaíba, cidade vizinha a Natal.

Seria uma oportunidade de concretizar meu sonho: servir ao Exército Brasileiro. No início dessa história morei por algum tempo na casa de um Pessoal desconhecido. Trabalhava em troca de moradia e alimentação. Enquanto isso, aguardava desesperadamente me alistar no Exército. Infelizmente, como já era da “casa dos cinquenta”, não me aceitaram.

Hoje percebo que cada ser humano percorre sua estrada a partir de seus sonhos e objetivos.

O meu sempre foi cheio de muita emoção. Uma delas, aconteceu nos anos setenta quando conheci a garota mais bonita da vida: minha esposa.

Após o nosso casamento, um novo lar surgiu em minha vida. Meu cunhado convidou-me para morar na Vila de Ponta Negra. Naquela época era um lugar tranquilo e acolhedor. Nele, meus filhos e netos nasceram.

Atualmente a violência encontra-se em quase todos os lugares. Apesar disso, a vila não perde seu encanto. O Morro do Careca, a bela praia, os pescadores, as rendeiras, as tapioqueiras e as “mangabeiras”, com, certeza são o nosso cartão-Postal.

A profissão de coveiro proporcionou-me uma vida recheada de histórias instigantes.

Por isso, mesmo sendo um funcionário aposentado, continuo trabalhando aqui no cemitério.

Este é o meu local de lazer, minha granja, minha granja. Nele, encontro o silêncio para reviver momentos inesquecíveis que em nenhuma cova podem ser enterrados.

Texto do aluno participante (fase escolar 2016).

E.E. Prof. José Fernandes Machado.

Fonte: autoria própria (2017).

Notemos que, em um contínuo da fala para a escrita, o aluno já demonstra a apropriação das marcas da escrita formal, apesar de ainda identificarmos problemas de ortografia, de pontuação e de paragrafação. Nesse caso, é necessário ressaltar que tais desvios foram identificados ainda no texto inicial e, conseqüentemente, trabalhados em sala de aula. Sendo assim, parafraseando os pesquisadores de Genebra, frisamos que essas questões ultrapassam o ensino de um gênero textual, pois elas surgirão em diversos momentos de produção, portanto, cabe ao professor elaborar suas aulas de Gramática a partir dos problemas identificados nas produções de seus alunos, para que o ensino de gramática não permaneça um ensino “gramaticista”.

Dando continuidade, detalharemos como realizamos o estudo das regras do uso de letra maiúscula e minúscula, após identificarmos tais problemas. Primeiramente, entregamos aos alunos suas produções; nelas, circulamos os desvios recorrentes, também optamos em corrigir as inadequações no próprio texto.

Em segundo, em uma aula paralela à SD, utilizamos fragmentos dos textos dos alunos (sem identificar o nome) para abordarmos os problemas mais recorrentes do uso de letras maiúsculas e minúsculas. Para isso, projetamos os textos em slides, destacando as inadequações, em seguida, foram registradas as normas na lousa para os alunos copiarem em seus cadernos, como se verifica no quadro a seguir.

É necessário ressaltar que, como era o momento de discussão coletiva dos textos produzidos, foi preciso pedir autorização antecedente aos respectivos produtores para não provocar estigmas e constrangimentos.

Quadro 16 - Orientações para reescrita

<p>Registrar no Caderno</p> <p>Para lembrar!</p> <p>Emprega-se a letra inicial maiúscula:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ No começo do período; ➤ Nos substantivos próprios de qualquer espécie; ➤ Nos nomes de vias e lugares públicos; ➤ Nos nomes próprios de eras históricas; ➤ Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares; ➤ Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres fictícios.

Fonte: Bechara (2015, p. 108-110).

Por fim, em outros encontros, os alunos realizaram a(s) reescrita(s) da produção inicial. De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), problema de ortografia “deve ser tratado, de preferência, no final do percurso, após o aperfeiçoamento de outros níveis textuais”. No caso, os autores sugerem também que deve ser realizada uma revisão criteriosa do ponto de vista ortográfico, contudo, somente na versão final do texto.

Em síntese, em nossa análise, o resultado da produção final do aluno comprova um avanço em relação ao assunto abordado, porém é preciso destacar que, apesar das normas apresentadas, ainda identificamos alguns desvios cometidos na produção inicial, conforme sublinhado no Quadro 15. Todavia, não podemos considerar um insucesso. Na verdade, esses equívocos reafirmam a proposição de que as produções dos alunos, realizadas no decorrer de

uma SD, são objetos de análise para o professor (re)elaborar suas intervenções tanto no que se refere às questões linguísticas relativas ao gênero em estudo, quanto a problemas comuns de ortografia, gramaticais e de sintaxe, encontrados nessas produções.

Na segunda análise a seguir, utilizaremos fragmentos do texto da aluna Bruna para abordar outra questão de ortografia: o uso do *mas* ou *mais*. Preferimos também realizar uma aula paralela à sequência didática, na qual utilizamos como recurso uma apresentação em *PowerPoint*, além de uma atividade fotocopiada. Ademais, para ampliar o conhecimento dos alunos referente às questões de ortografia, foi proposta uma exposição oral (atividade avaliativa), em grupo, destes assuntos: *onde* ou *aonde*; *pronomes demonstrativos*; *mal* ou *mau*.

Quadro 17 – 14º momento da análise

PRODUÇÃO INICIAL – P3 – A	PRODUÇÃO FINAL – P3 – B
<i>(Sem título)</i>	<i>Minha antiga vida</i>
<i>Sentada na minha cadeira de balanço olhando para o tempo fico lembrando da minha infância, me lembro que eu brincava muito, <u>mais</u> estudava bastante pois queria ser professora ou doutora. Era meu sonho, sempre fui uma criança muito alegre e sorridente.</i>	Sentada na minha cadeira de balanço, recordo-me do meu passado. Ah! Lembro-me de minha infância, eu brincava muito, <u>mas</u> estudava bastante, pois queria ser professora ou “doutora”. Era meu sonho! Sempre fui uma criança muito alegre e sorridente.
<i>Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016) E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i>	Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.

Fonte: autoria própria (2017).

Verifiquemos que, em relação ao uso do *mais* (advérbio de intensidade) no lugar de *mas* (conjunção coordenativa adversativa), a aluna fez a retificação na última versão, portanto, podemos considerar um avanço importante. Um detalhe, ainda que não seja o assunto em pauta, é importante enfatizar o uso adequado da pontuação no parágrafo, recurso importante para coerência e coesão do texto.

Iniciemos as análises referentes às questões gramaticais e de sintaxe. Para tanto, utilizaremos novamente fragmentos dos textos da aluna Bruna e da aluna Ana respectivamente. Na terceira análise, analisaremos como foi trabalhado o problema de repetições, enquanto, na quarta análise, explanaremos como trabalhamos a colocação pronominal.

Quadro 18 – 15º momento da Análise

PRODUÇÃO INICIAL – P3 – A	PRODUÇÃO FINAL – P3 – B
<p><i>Durante minha adolescência <u>eu</u> namorava muito até que <u>eu</u> conheci meu marido José Lourenço. Há <u>eu</u> me apaixonei ele é romântico ele era romântico comigo e então namoramos.</i></p> <p><i>O tempo passou e agente resolveu se casar aí depois de um tempinho <u>eu</u> engravidei de uma menina, bom tivemos cinco filhos três mulheres e dois homens, mais depois de um tempo um de meus filhos morreu foi triste mais agente seguiu em frente.</i></p> <p><i>Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016) E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>	<p><i>Durante minha adolescência, \emptyset conheci meu marido José Lourenço. Ah! Eu me apaixonei, ele era romântico comigo, por isso me \emptyset encantei e começamos a namorar.</i></p> <p><i>O tempo passou, e a gente resolveu se casar depois de um tempinho, \emptyset engravidei da minha primeira filha, tivemos cinco filhos: três mulheres e dois homens, mas, depois de um tempo, um de meus filhos morreu, foi triste, mas a gente seguiu em frente.</i></p> <p><i>Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016). E.E. Prof. José Fernandes Machado.</i></p>

Fonte: autoria própria (2017).

Ao compararmos P3 – A e P3 - B, percebemos que a aluna também retificou problemas ortográficos e de pontuação. Contudo, enfatizaremos, nesta análise, como foi abordado o assunto em pauta. Nesse caso, ocorreram dois momentos, um paralelo à sequência e outro no decorrer da SD. No primeiro momento, foi abordado o seguinte assunto: tipos de sujeito. Na oportunidade, enfatizamos a importância de recorrer ao uso do sujeito desinencial quando possível, por ser um recurso de coesão textual que evita as repetições dos pronomes pessoais do caso reto. Já no segundo momento, decidimos utilizar o texto da aluna Bruna em sala de aula. Para tanto, projetamos o texto com as repetições destacadas. Em seguida, iniciamos uma discussão para que os alunos colocassem em prática o assunto estudado no primeiro momento. Acreditamos que foi um momento de apropriação do uso da modalidade escrita formal, porém sem ênfase no ensino da gramática pela gramática.

Para facilitar a análise, utilizamos o símbolo do conjunto vazio (\emptyset) em P3 – B, para destacar a silepse do pronome pessoal. No caso, mais uma vez, constatamos o progresso referente ao uso adequado da modalidade padrão escrita, o qual também foi identificado nos outros textos selecionados para o *corpus* deste trabalho.

Finalizando, analisaremos o último assunto referente à reescrita: colocação pronominal. Seguindo os mesmos critérios utilizados na primeira análise desta subseção, optamos por evidenciar os problemas pontuais identificados nos textos dos alunos, nesse caso, além da colocação pronominal inadequada também evidenciamos a ausência do pronome oblíquo. No caso, a maior preocupação foi não ir além do necessário em relação aos objetivos esperados em relação à reescrita.

Assim, a primeira estratégia foi utilizarmos os textos dos alunos, pois a maioria cometera um dos erros apontados ou os dois. Para ilustrar, observemos os quadros 19 e 20.

Quadro 19 – 16º momento da análise

PRODUÇÃO INICIAL – P3 – A	PRODUÇÃO FINAL – P3 – B
<p><i>Hoje vivo feliz e alegre trabalho fazendo da renda e vendendo tapioca, eu trabalhava também com reciclagem e vendendo mangaba, mais parei pois estou ficando velha e não posso fazer tudo sozinha.</i></p> <p><i>Lembro(ø) que a vila de Ponta Negra era mais calma não tinha tanta violência como hoje e espero que meus filhos, netos e futuros bisnetos vivam num lugar melhor sem violência.</i></p> <p><i>Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016)</i> E.E. Prof. José Fernandes Machado.</p>	<p><i>Hoje, vivo feliz e alegre, trabalho fazendo renda e vendendo tapioca, antes trabalhava também com reciclagem e vendendo mangaba, mas parei pois estou ficando velha e não posso fazer tudo sozinha.</i></p> <p><i><u>Recordo-me</u> que a Vila de Ponta Negra era mais tranquila, não tinha perigo dormir de portas aberta. Naquela época não tinha tecnologia e uma das minhas diversão era ajudar meus pais na agricultura, pois tinha poucas casas e era tudo de areia.</i></p> <p><i>Hoje a violência encontra-se em muitos lugares em nossa vila, mas, ainda assim espero que meus filhos, netos e futuros bisnetos vivam num lugar melhor, sem violência e mais união.</i></p> <p><i>Texto da aluna do 7º ano “B” (fase escolar 2016).</i> E.E. Prof. José Fernandes Machado.</p>

Fonte: autoria própria (2017).

Quadro 20 – 17º momento da análise

PRODUÇÃO INICIAL - P4- A	PRODUÇÃO FINAL – P4- B
<p><i>Tudo depende de uma escolha!</i></p> <p><i>Dentro de uma sala de aula, <u>lembro-me</u> dos meus momentos mais preciosos, infância, adolescência, brincadeiras com os amigos etc...</i></p> <p><i>Ah! Antigamente era um paraíso, <u>recordo-me</u> muito bem das minhas férias. O momento mais esperado! Eu e os meus pais e até mesmo meus amigos íamos para o cítio de mainha e painho, andavamos a cavalo, bebíamos leite fresquinho.</i></p> <p><i>Texto da aluna do 7º Ano “B” (fase escolar 2016).</i> E.E. Prof. José Fernandes Machado.</p>	<p><i>Tudo depende de uma escolha</i></p> <p><i>Dentro de uma sala de aula, <u>lembro-me</u> dos meus momentos mais preciosos, infância, adolescência, brincadeiras com os amigos etc.</i></p> <p><i>Ah! Antigamente era um paraíso, <u>recordo-me</u> muito bem das minhas férias. O momento mais esperado! Eu e os meus pais e até mesmo meus amigos íamos para o sítio de mainha e painho, andavamos a cavalo, bebíamos leite fresquinho.</i></p> <p><i>Texto da aluna do 7º Ano “B” (fase escolar 2016).</i> E.E. Prof. José Fernandes Machado.</p>

Fonte: autoria própria (2017).

Verifiquemos que, nos quadros 19 e 20, os trechos sublinhados destacam o último assunto abordado: colocação pronominal. Em sala de aula, primeiramente, realizamos uma leitura de P3 - A e P4 - A. Em segundo, projetamos fragmentos de P3 - A na lousa, solicitamos aos alunos que lessem e dissessem-nos quais verbos expressavam a ação de lembrar para podermos destacar esses verbos no quadro. Em terceiro, perguntamos aos alunos se, ao ler o

fragmento, percebiam algo inadequado. Na ocasião, surgiram algumas respostas interessantes. Após esse momento de reflexão, projetamos P4 – A e realizamos uma leitura compartilhada. Em seguida, foram realizadas as mesmas perguntas. Explicamos para os alunos que há verbos conjugados obrigatoriamente com os pronomes pessoais oblíquos (chamados de verbos pronominais). Referente ao gênero textual em estudo, como esses verbos estavam conjugados na primeira pessoa do singular, exigiam o pronome “me”, antes ou depois deles.

No penúltimo momento, explicamos as regras de colocação pronominal para o caso específico estudado. Para tanto, projetamos algumas regras na lousa e solicitamos aos discentes para registrarem-nas no caderno. Na oportunidade, comentamos que existiam outras regras, contudo não seriam exploradas. Assim, após discutirmos o assunto, projetamos novamente P3-A e solicitamos à turma uma correção oral, caso alguém identificasse um problema de colocação e/ou ausência de pronome “me”, avisaria para realização da retificação. Assim, durante a discussão, algumas sugestões foram aceitas e outras descartadas.

Quadro 21 - Orientações para a reescrita

<p>Registrar no caderno Colocação pronominal</p> <p>Usa-se o pronome depois do verbo (pronome enclítico)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com verbos no início de período • Quando o verbo estiver no imperativo afirmativo; <p>Usa-se o pronome antes do verbo (pronome proclítico)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em frase que contenham uma palavra ou expressão de sentido negativo • Nas orações em que haja advérbios e pronomes indefinidos, sem que exista

Fonte: Faraco & Moura (2003, p. 562-564)

Para finalizar o momento de reescrita, projetamos P5-A na lousa e destacamos novamente os verbos. Em seguida, pedimos aos alunos para realizarem as alterações caso necessárias. É preciso frisar que, nesse momento, surgiu uma dúvida: o pronome “me” estava ou não na posição correta? Assim, foi necessário explicar para o aluno que, se antes do verbo tivesse uma vírgula, o pronome ficaria após o verbo (ênclise), contudo, se antes do verbo tiver advérbios ou pronomes indefinidos, sem que exista pausa, o pronome viria antes dele.

Em conclusão, o trabalho com o gênero memórias permitiu aos alunos experiências significativas em relação ao uso da língua. Primeiramente, houve o momento da retextualização, em que eles realizaram operações linguísticas e discursivas para produzirem o gênero em estudo, com base nas informações adquiridas na entrevista. Em segundo, diante da

primeira produção, os alunos foram orientados a aprimorarem seus textos tanto no que se refere a questões de retextualização, quanto a questões de reescrita. Dessa forma, ao comparar a produção inicial com a produção final, verificamos que, em um contínuo da oralidade para escrita, houve um avanço considerado nas produções dos alunos. Esse fato reforça a relevância do trabalho com a reescrita nas aulas de Língua Portuguesa, principalmente, porque a ênfase não se encontra na forma, mas em aprimorar o texto considerando os aspectos inerentes ao gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa-ação desenvolvida no contexto escolar e extraescolar, a partir da sequência didática do gênero memórias, proporcionou aos participantes experiências que contribuíram para a ampliação dos letramentos, possibilitando-lhes a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas pela linguagem verbal e não verbal, tanto no que se refere a questões do ensino de Língua Portuguesa, quanto a questões de interação social, ou seja, em cada etapa, os participantes tiveram a oportunidade de produzir os gêneros textuais entrevista e memórias, além do gênero convite, sem nos esquecermos das produções de vídeos, confecção de portfólios e exposição oral. Nesse caso, tais práticas sugeriram a necessidade dos envolvidos desenvolverem atividades específicas sugeridas na SD, por exemplo, a produção do gênero convite, no momento em que eles precisaram entrevistar uma pessoa mais velha da comunidade. Em relação a questões de interação social, destacamos a aulas de campo e a culminância da SD, pois foram momentos primordiais para desenvolver habilidades interpessoais.

Diante disso, acreditamos que os objetivos propostos em nossa pesquisa-ação foram alcançados, ainda que identificados alguns pontos que devem ser ajustados, por exemplo, os módulos ministrados não foram suficientes para os alunos se apropriarem das características do gênero memórias. Por conseguinte foi necessário, após a primeira produção do gênero memórias, rever questões linguísticas referente ao gênero em estudo.

No primeiro questionamento desta dissertação: “quais operações de retextualização são identificadas em textos de estudantes do 7º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais, produzidos a partir de uma proposta como gênero memórias?”, verificamos, a partir das análises apresentadas nesta dissertação, que o trabalho de escrita, por meio da retextualização, proporcionou aos alunos a oportunidade de realizar várias operações linguísticas em que foi possível perceber as especificidades da língua em sua modalidade oral e escrita.

Assim, no momento da produção do gênero memórias a partir dos dados apresentados na entrevista, os alunos realizaram operações de retextualização como: retomada do texto motivador e do texto-alvo, reformulação, eliminação e retirada, acréscimo e paráfrase.

Alem disso, no decorrer das atividades de produção, os participantes compreenderam que uma modalidade não é melhor do que a outra, na verdade, são os gêneros textuais que permitem a escolha da modalidade adequada assim como o melhor registro: formal ou informal, caso contrário, poderá ocorrer falhas na comunicação.

O segundo questionamento refere-se às possíveis contribuições de uma proposta de intervenção com o gênero memórias para o ensino de Língua Portuguesa no tocante à reescrita

de textos. Percebemos que houve uma ressignificação relacionado ao trabalho com a reescrita, em especial, porque os alunos perceberam a importância dessa atividade em uma SD para o aprimoramento de seus textos, considerando a norma padrão escrita, além de que ampliaram seu repertório linguístico-textual. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p.94), “o escritor pode considerar seu texto como um objeto a ser retrabalhado, revisto, refeito, ou seja, permanece provisório”, até chegar ao texto final.

No caso, é preciso frisar a importância do trabalho com a produção dos gêneros textuais, considerando duas propostas: a sequência didática e a retextualização. Essas práticas podem auxiliar os professores do ensino básico a realizarem atividades em que as habilidades e competências discursivas dos alunos são desenvolvidas de maneira significativa, visto que possibilitam aos participantes momentos de escrita e reescrita que vai além de um ensino pautado em regras gramaticais. Na verdade, corroborando com as propostas dos PCN (1998), permitem-lhes que desenvolvam práticas escritoras e leitoras capazes de transformá-los, por exemplo, conforme já explicitado, quando, durante a SD, os próprios alunos solicitaram-nos a produção do gênero convite.

Também observamos que o trabalho com o gênero memórias resgatou o sentimento de pertencimento, porque, ao ativar os guardados da memória-conservação das pessoas entrevistadas, que se atualiza, por evocação, no ato de recordar, os entrevistados reviveram suas histórias. Essas lembranças oportunizaram aos alunos uma experiência que ultrapassou o objetivo proposto em nosso trabalho. Na verdade, ao resgatar as histórias de pessoas mais velhas da comunidade e compará-las com fatos atuais, os participantes compreenderam que a memória individual de cada um contribui para construção da memória coletiva das pessoas de um bairro, de um município, de um estado, de um país, ou seja, a história da humanidade.

Outro detalhe importante foi a oportunidade dos alunos também trabalharem em grupo, nesse caso, compartilhando momentos inesquecíveis – é evidente que nem tudo ocorreu perfeitamente – no decorrer das atividades propostas.

Não obstante, o mais interessante nesse processo foi o poder de resolução de conflitos por parte dos membros para poder alcançar os objetivos propostos. Um exemplo foram os dias em que antecederam a Mostra do Conhecimento/2016 na Escola. Eles estavam tão envolvidos com o projeto que passaram o dia na escola para realizarem as atividades propostas, uma delas a produção de um vídeo com as memórias produzidas. Nessa etapa, em que ocorreu novamente um trabalho interdisciplinar com a professora de História, os alunos utilizaram ferramentas tecnológicas para elaborarem seus trabalhos, por exemplo, o celular, notebook, Internet, entre outros.

Em síntese, todas as atividades realizadas contribuíram para o sucesso da pesquisa, em especial, no desenvolvimento linguístico e social dos alunos do 7º Ano. Não obstante, é verdade que nem tudo ocorreu conforme previsto, mas, insucessos devem servir de motivação, principalmente, porque percebemos não ser viável seguir apenas um modelo de SD. Na verdade, os modelos apresentados pelos teóricos são um protótipo para elaborarmos os nossos modelos. Para tanto, devemos levar em consideração o nosso contexto escolar, além disso, cada professor-pesquisador deverá considerar o perfil de sua turma, utilizando como suporte teórico a Sequência Didática, a retextualização e a reescrita, senão poderá permanecer ensinando apenas a forma.

Reforçamos a importância de trabalharmos o gênero textual por meio de uma SD, porque, ao realizar as atividades planejadas para a primeira etapa, por exemplo, a leitura para ativar o conhecimento prévio referente ao gênero-alvo, e, conseqüentemente, trabalhar suas características em outro momento da SD, o aluno poderá realizar as operações necessárias no momento da retextualização, visto que teve acesso ao gênero textual em estudo.

É evidente que há várias propostas para trabalhar a produção textual em sala de aula, todavia, a partir das experiências adquiridas através da realização de atividades por meio de uma SD apresentadas nesta dissertação, esperamos contagiar os professores do Ensino Fundamental Anos Finais e, principalmente, seguir com essa proposta de produção.

A pesquisa-ação realizada na escola por meio da SD, gerou não apenas a própria SD como produto, pois os vídeos produzidos pelos alunos em 2016 foram utilizados em outra SD em 2017, em uma turma do 7º Ano. Essa “corrente do bem” gerou outro produto: o *blog Produções Textuais* (<http://producoestextuaisblog.wordpress.com/>), no qual foram postados alguns textos dos alunos participantes da nossa pesquisa.

Em conclusão, o desenvolvimento da pesquisa-ação contagiou-nos pela proposta de inovação, cujo protagonista não foi o professor-pesquisador ou o aluno, mas a comunidade envolvida no processo ensino-aprendizagem. Na oportunidade, faz-se necessário expor também a importância do aporte teórico que adotamos no decorrer de nossa pesquisa, porque nos deu dados fundamentais para a elaboração dos procedimentos executados.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA da olimpíada. 2012. Disponível em: <<http://infograficos.oglobo.globo.com/esportes/a-historia-das-olimpiadas.html>>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- ALTENFELDER, Anna Helena; CLARA, Regina Andrade. **Memórias e escola**. [2016?]. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossaspublicacoes/revista/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias>>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 14.ed. Campina Grande: Papyrus, 2008.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKTIN, M. **Os gêneros discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARROS, Genize Molina Zilio. **Gênero argumentativo no ensino fundamental I: análise de produção dos alunos participantes do Prêmio Escrevendo o Futuro 2004**. 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. **Labirintos da memória: quem sou eu?**. São Paulo: Paulus, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução**. Brasília: MEC; SEF, 1998a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEF, 1998b.
- BUENO, Luzia; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs). **Gêneros orais no ensino**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. (Série Ideias Sobre Linguagem).
- BUNZEN, Márcia Mendonça et al. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- DELL' ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane. O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem e oral e escrita. In: BUENO, Luzia; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs). **Gêneros orais no ensino**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. p. 23-56. (Série Ideias Sobre Linguagem).

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p.81-108. (As Faces da Linguística Aplicada).

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (Francófona). In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p.35-60. (As Faces da Linguística Aplicada).

FERNANDES, Carlos Mateus. **O futebol**. 2016. (Frase de autoria do aluno da E.E. Prof. José F. Machado - Vespertino/2016).

FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL. **Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa**. Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/programa>. [2017]. Acesso em: 21 abr. 2017.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto em sala de aula**. São Paulo. Anglo, 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2009.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

KERSCH, Dorotea Frank; GUIMARÃES, Ana Maria Mattos. A construção de projetos didáticos de leitura e escrita como resultado de uma proposta de formação continuada cooperativa. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 12, n.3, p.533-556, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**. São Paulo. Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti. Memórias Literárias como um gênero textual no ensino da escrita. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDO DOS GÊNEROS, 5., 2009, Caxias do Sul, RS. **Anais...** Caxias do Sul, RS, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7.ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2013.

MACIEL, S. D. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, A. R.; MACIEL, S. D. Em diálogo: estudos literários e lingüísticos. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro, Lucena, 2010. (p. 19-35)

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividade de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p.109-122, jul./dez. 2002.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

PALMA, Dieli Vesaro; CANO, Márcio Rogério de Oliveira. **Língua Portuguesa**. São Paulo: Blucher, 2009. (Coleção A reflexão e a prática de ensino; 1).

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Orgs.). **Porque escrever é fazer história: revelações**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

SARAMAGO, José de Sousa. **Somos a memória que temos**. 1994. Disponível em: <<http://www.citador.pt/frases/somos-a-memoria-que-temos-e-a-responsabilidade-qu-jose-de-sousa-saramago-20877>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 19-34. (As Faces da Linguística Aplicada).

SE BEM me lembro...: caderno do professor: orientações para produção de textos. 4. ed. São Paulo: Cenpec, 2014. (Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa).

SILVA, Ana Virgínia Lima da. **Com a palavra, o aluno: processos de retextualização na exposição oral acadêmica**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

WACHOWICZ, Tereza Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo, SP: Saraiva, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual é responsável participe da pesquisa **A produção de memórias no Ensino Fundamental: retextualizações e reescrita(s)**, que tem como pesquisadora responsável a Profa. Leidivânia Mendes de Araújo Melchuna, sob orientação da Profa. Dra. Ana Virgínia Lima da Silva Rocha.

Esta pesquisa se dá do Mestrado Profissional em Letras e pretende investigar como o trabalho com a retextualização pode favorecer o desenvolvimento da leitura e da escrita nos alunos do Ensino Fundamental II.

O motivo que nos leva a fazer este estudo está ancorado no fato de que a leitura e a escrita dos alunos do Ensino Fundamental II Anos Iniciais têm revelado dificuldades que interferem significativamente na formação dos discentes como cidadãos atuantes por meio da linguagem.

Caso você decida autorizar a participação do aluno(a), esse deverá responder a um questionário sobre os seus hábitos de leitura, participar de aula em campo, para conhecer alguns pontos importantes de Natal/RN; participar de oficinas de produção textual, produzir o gênero memórias para dois eventos: *As Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* e o *Concurso de Gêneros Discursivos*.

Durante todo o período da pesquisa é possível tirar suas dúvidas ligando para Leidivânia Mendes de Araújo Melchuna – (84) 98102-6864

Você tem o direito de recusar sua autorização, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você e para ele(a).

Os dados que ele(a) irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá-lo(a).

Esses dados serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com o responsável do aluno(a) e a outra com a pesquisadora responsável **Leidivânia Mendes de Araújo Melchuna**.

Outrossim, vale ressaltar que os alunos e responsáveis não terão custos para participar do projeto.

Declaração do responsável

Eu, _____,
representante legal do menor _____, autorizo
sua participação na pesquisa **A produção de Memórias no Ensino Fundamental:
retextualizações e reescrita(s)**.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados, por ter entendido os riscos, desconfortos e benefícios que essa pesquisa pode trazer para ele(a) e também por ter compreendido todos os direitos que ele(a) terá como participante e eu como seu representante legal.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele(a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificá-lo(a).

Natal (RN), ____ de junho 2016.

Assinatura do representante legal

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo **A produção de Memórias no Ensino fundamental: retextualizações e reescrita(s)** declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal (RN), ____ de junho de 2016.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura da orientadora

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO – PERFIL DOS ALUNOS PESQUISADOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ FERNANDES MACHADO
ENSINO FUNDAMENTAL, ENSINO MÉDIO E EJA

Questionário – Perfil dos alunos pesquisados

Anos: 7º

Turmas: “B”

Turnos: Matutino

1. Qual o seu nome completo?

2. Qual a sua idade? _____ anos

3. Sexo: () masculino () feminino

4. Onde você nasceu? Cidade/Estado:

5. Em que bairro você reside em Natal?

6. Você já repetiu alguma vez de ano na escola? () sim () não

7. Se sua resposta for positiva, registrar quantas vezes repetiu.

() uma () duas () três () quatro () outros _____

8. Caso tenha repetido de ano, exponha os motivos que o levaram à repetência. Em qual/quais disciplinas? Por quê?

9. Você gosta de ler? () sim () não

10. Exponha os motivos da sua resposta para a questão anterior:

11. Que tipo de leitura você gosta de fazer? () romance () notícia () reportagem
() história em quadrinhos () charge () outro. Qual: _____

12. Há algum tipo de leitura ou livro que você já leu que foi inesquecível? Se sim, indique qual e por que essa leitura marcou tanto.

13. Você conhece o gênero memórias literárias? Já leu alguma? Gostou ou não? Por quê?

14. Quanto à escrita, você gosta de registrar os seus pensamentos? Há algum tipo de gênero textual que você goste de escrever em especial? Por quê?

15. Você já participou das *Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*?
Conhecia?

16. Caso tenha participado, qual(ais) gênero(s) textual(ais) você já produziu? Marque um “x”.
() poema () memórias literárias

17. Nesta escola, já participou do Concurso de Gênero Discursivo?

() sim () não

18. Caso sua resposta seja afirmativa, qual gênero você produziu, ou quais?

19. Numa escala de 0 a 5, em que 0 (zero) significa pouca dificuldade e o número 5 (cinco) muita dificuldade. Avalie cada disciplina a partir do seu grau de dificuldade.

- | | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Artes | <input type="checkbox"/> Ciências | <input type="checkbox"/> Educação Física |
| <input type="checkbox"/> Geografia | <input type="checkbox"/> História | <input type="checkbox"/> Inglês |
| <input type="checkbox"/> Português | <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Religião |

20. Qual seria sua sugestão para melhorar a situação registrada na questão 19?

21. Qual é o seu maior sonho? Acredita que poderá realizá-lo?

APÊNDICE C - ATIVIDADE COMPLEMENTAR (1ª ETAPA DA SD – PARTE 1)

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ FERNANDES MACHADO

ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO INOVADOR E EJA

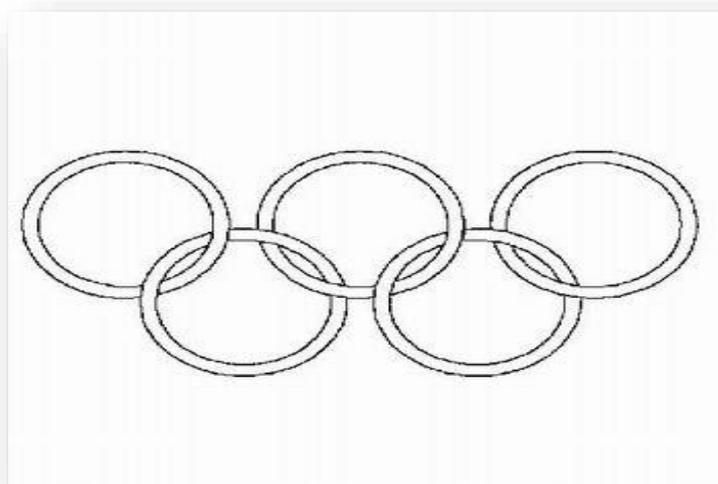
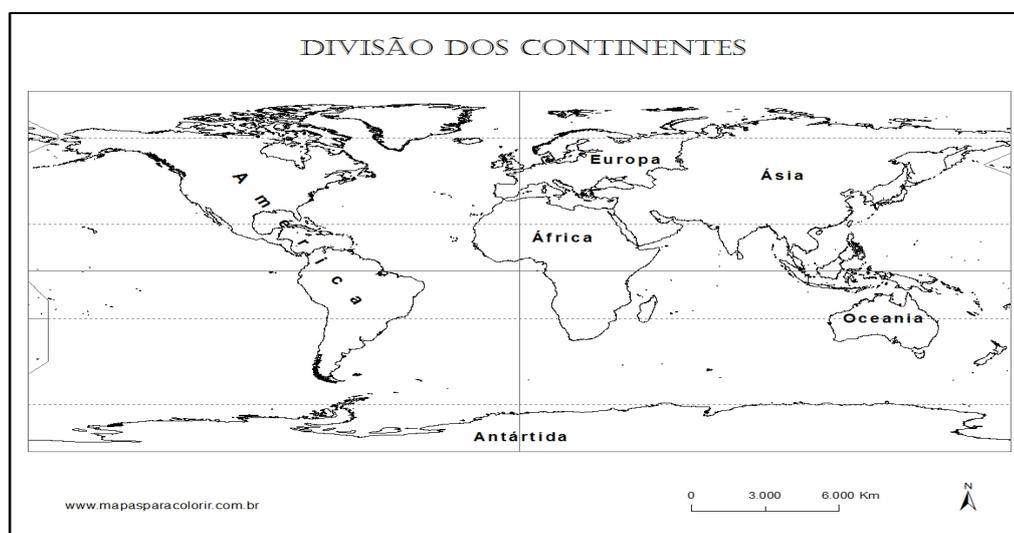
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Aluno(a): _____

Ano: _____ Turma: _____ Data: _____

Professora: Leidivânia Mendes

BANDEIRA OLÍMPICA**MAPA-MÚNDI POR CONTINENTE**

- Pintar os anéis da Bandeira Olímpica.
- Colorir cada continente com a cor correspondente ao anel olímpico que o representa.

APÊNDICE D – CONFEÇÃO DO PORTIFÓLIO

Apresentação da situação inicial da SD – Parte 2

CAPA DO PORTFÓLIO

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ FERNANDES MACHADO

5ª Edição

Série/Ano: _____

Turma: _____



Aluno(a): _____

Professora orientadora: Leidivânia Mendes

APÊNDICE E – ATIVIDADE ORAL (POWERPOINT)

4º etapa da SD – Módulo 1

A screenshot of a Microsoft PowerPoint presentation. The title bar shows the file name 'Aula Memórias literárias 7º e 8º [Salvo automaticamente] - PowerPoint (Falha na Ativação do Produto)'. The ribbon is set to 'PÁGINA INICIAL'. The slide content is as follows:

ESCOLA ESTADUAL PROF. JOSÉ FERNANDES MACHADO
 ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E EJA
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 7º Ano - Matutino

CAPTANDO O PASSADO: MEMÓRIAS LITERÁRIAS
 ATIVIDADE ORAL

Natal(RN), 2016.

The slide is the first of 21, and the status bar shows 'PORTUGUÊS (BRASIL)', 'ANOTAÇÕES', 'COMENTÁRIOS', and a zoom level of 66%.

APÊNDICE F - CORREÇÃO DA ATIVIDADE FOTOCOPIADA (POWERPOINT)

4ª etapa da SD - Módulo 1

A screenshot of a Microsoft PowerPoint presentation. The title bar shows the file name 'Correção Atividade fotocopiada Zélia Gattai 7º - PowerPoint (Falha na Ativação do Produto)'. The ribbon is set to 'PÁGINA INICIAL'. The slide content is as follows:

E.E. PROF. JOSÉ F. MACHADO
 Professora: Leidivânia Mendes
 7º Ano “B”

Correção (atividade fotocopiada)

Natal(RN), 2016.

The slide is the first of 15, and the status bar shows 'PORTUGUÊS (BRASIL)', 'ANOTAÇÕES', 'COMENTÁRIOS', and a zoom level of 81%.

APÊNDICE G – FIGURAS DE LINGUAGEM (POWERPOINT)

4ª etapa da SD - Módulo 3

FIGURAS DE LINGUAGEM OLP 2016 PIBIDENILMA [Modo de Compatibilidade] - PowerPoint (Falha na Ativação do Produto)

Luís Melchuna

ARQUIVO PÁGINA INICIAL INSERIR DESIGN TRANSIÇÕES ANIMAÇÕES APRESENTAÇÃO DE SLIDES REVISÃO EXIBIÇÃO

1

2

3

4

5

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURA DE LINGUAGEM?

É uma forma de linguagem que consiste no uso de palavras com sentido figurado, isto é, em vez do sentido literal, dando-lhes um novo significado ou expressão.

Existem figuras de linguagem que empregam apenas as palavras enquanto há figura verbal.

COMPARAÇÃO

É a figura de linguagem que consiste em apresentar duas coisas pela semelhança de certos aspectos, características de um objeto atribuídas ao outro, e sempre por meio de um elemento comparativo expresso ou não, que estabelece a ligação entre elas.

Ex: Assim é primavera, verão é mesmo verão repetitivo.

METÁFORA

Consiste em estabelecer uma relação de semelhança de uma palavra ou expressão, com a palavra ou expressão que, não sendo a própria da comparação, estabelece a relação de semelhança.

Ex: Assim é primavera, verão é mesmo verão repetitivo.

METONÍMIA

É a figura de linguagem que consiste na substituição de uma palavra por outra que, não sendo a própria da comparação, estabelece a relação de semelhança.

FIGURAS DE LINGUAGEM

ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA JOSÉ FERNANDES MACHADO
 PROFESSORA: LEIDIVÂNIA MENDES
 Bolsistas: ANA BEATRIZ E CARLA
 PIBID – UFRN

Toque para adicionar notas

SLIDE 1 DE 18 PORTUGUÊS (BRASIL) ANOTAÇÕES COMENTÁRIOS 77%

APÊNDICE H – ATIVIDADE LÚDICA - (4ª ETAPA DA SD – MÓDULO 3)

Jogo da memória (Adaptado)

Metáfora	Consiste no emprego de uma palavra em sentido que não lhe é próprio, resultante da relação de semelhança entre dois termos.	"Meu verso é sangue." (Manuel Bandeira)
Comparação	Consiste em aproximar dois termos, a partir de uma característica comum. Faz uso de conectivos: como, tal qual, que nem, etc.	"Pois fui visitar uma amiga cuja filha adolescente, de 14 anos, tem o rosto de um anjo de catedral, mas se veste de preto, como um morcego." (Walcyr Carrasco)
Antítese	Consiste na aproximação de termos com sentidos opostos.	"Sol e lua, Noite e dia. Sou o fui E o serei..." (Carlos Queiroz Telles)
Hipérbole	Consiste em expressar uma ideia com exagero, a fim de enfatizá-la ou destacá-la.	"Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)
Metonímia	Consiste no emprego de uma palavra por outra, com a qual tem uma relação de interdependência, proximidade.	Gosto de ler Fernando Sabino. (Autor pela obra)
Personificação ou Prosopopeia	Consiste em atribuir características humanas a seres inanimados ou irracionais.	"A lua foi ao cinema passava um filme engraçado. A história de uma estrela Que não tinha namorado." (Paulo Leminski)
Eufemismo	Consiste no emprego de palavra ou expressão agradável para amenizar uma ideia desagradável ou grosseira.	"Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo [...]" (Manuel Bandeira)

APÊNDICE I – PERGUNTAS MOTIVADORAS (5ª ETAPA – MÓDULO 4)

1. Vocês já leram alguma entrevista e/ou assistiram a alguma entrevista na televisão ou na Internet?
2. Quem era a personalidade entrevistada e o entrevistador?
3. Conhece alguma revista ou jornal que publicam entrevistas semanal ou mensalmente?
4. Será que há diferenças entre o gênero entrevista oral e escrito? E semelhanças?
5. Querem descobrir?

APÊNDICE J – PERGUNDAS PARA ENTREVISTA – (5ª ETAPA – MÓDULO 5)

Escola Estadual Professor José Fernandes Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 7º “B” - Turno: Matutino

Professora: Leidivânia Mendes

Bolsista do PIBID: Carla

PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

1. Qual seu nome completo?
2. Qual é sua idade?
3. Onde a senhora nasceu?
4. Como foi sua infância e a sua adolescência? Casou com quantos anos?
5. Teve quantos filhos?
6. O que a senhora queria ser quando tinha a nossa idade?
5. Qual foi o momento mais marcante da sua vida? Por que foi tão importante?
7. A senhora gostava de trabalhar com rendas? Quem a ensinou bordar?
8. Gostava de bordar?
9. Além de bordar, a senhora desempenhou outra profissão?
10. Guarda algum objeto, por exemplo, seus bilros, uma fotografia como recordação?
11. Como era a Vila de Ponta Negra no passado? E hoje?
12. Fale-nos um pouco sobre essas mudanças.
13. O que a senhora espera do futuro?

Escola Estadual Professor José Fernandes Machado
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 7º “B” - Turno: Matutino
Professora: Leividânia Mendes
Bolsista do PIBID: Carla

PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

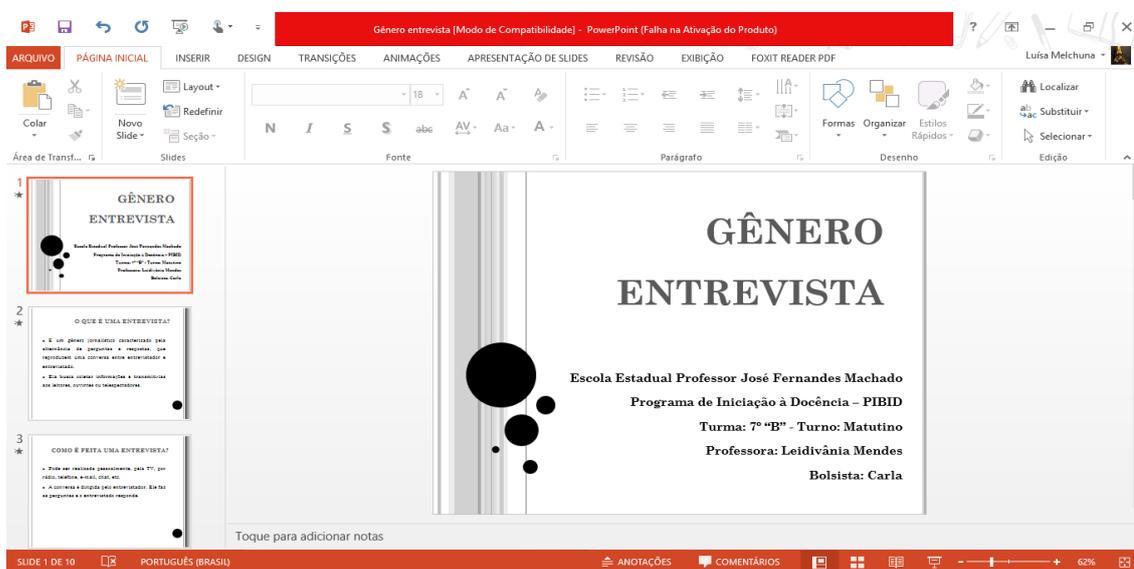
1. Qual seu nome completo?
2. Qual é sua idade?
3. Onde o senhor nasceu?
4. Como foi sua infância? E a sua adolescência?
5. Qual foi o momento mais marcante da sua vida? Por que foi tão importante?
6. O senhor guarda algum objeto de recordação, por exemplo, uma fotografia, ou um presente inesquecível?
7. O que o senhor queria ser quando tinha a nossa idade?
8. O senhor sempre trabalhou como coveiro?
9. Gosta de sua profissão?
10. Faz muito tempo que trabalha neste cemitério?
11. Qual sua motivação em trabalhar como coveiro?
12. Já aconteceu alguma história curiosa durante esses longos anos de trabalho?
13. Fale sobre algumas mudanças ocorridas ao seu redor. Como eram as coisas antigamente e como estão hoje?
14. O que o senhor espera do futuro?

Escola Estadual Professor José Fernandes Machado
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 7º “B” - Turno: Matutino
Professora: Leividânia Mendes
Bolsista do PIBID: Carla

PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

1. Qual seu nome completo?
2. Qual é sua idade?
3. Onde a senhora nasceu?
4. Como foi sua infância e a sua adolescência? Casou com quantos anos?
5. Teve quantos filhos?
6. O que a senhora queria ser quando tinha a nossa idade?
5. Qual foi o momento mais marcante da sua vida? Por que foi tão importante?
7. A senhora gosta de ensinar?
8. Há quanto tempo trabalha no Machadão?
9. Além de ser professora, sonhou em exercer outra profissão?
10. Guarda algum objeto, por exemplo, uma fotografia como recordação?
11. Como era o Machadão antigamente? E hoje?
12. Fale-nos um pouco sobre essas mudanças.
13. O que a senhora espera do futuro?

APÊNDICE K - O GÊNERO ENTREVISTA – 5ª ETAPA – MÓDULO 6



APÊNDICE L - PRODUÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL CONVITE (5ª ETAPA – MÓDULO 7)



CONVITE

Senhora _____, gostaríamos de contar com a sua colaboração para realização de uma entrevista referente ao projeto de leitura e escrita (Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro), orientado pela professora de Língua Portuguesa Leidivânia Mendes.

Cientes de que a senhora é uma conhecedora das histórias antigas, queríamos contar com sua participação, pois será fundamental para produção do gênero memórias literárias.

Cordialmente,

(Alunos do 7º Ano "B" – Matutino)



CONVITE

Os alunos do 7º Ano "B" – Matutino, da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, convidam o Senhor _____ a participar de uma entrevista referente ao projeto de leitura e escrita (Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro), orientado pela professora de Língua Portuguesa Leidivânia Mendes.

*Contamos com sua participação!
Atenciosamente,*

Data da entrevista: _____

Horário: _____

Local: _____

APÊNDICE M - MEMÓRIAS LITERÁRIAS (5ª ETAPA – MÓDULO 9)

O que são memórias literárias - PowerPoint (Falha na Ativação do Produto)

Luís Melchuna

ARQUIVO PÁGINA INICIAL INSERIR DESIGN TRANSIÇÕES ANIMAÇÕES APRESENTAÇÃO DE SLIDES REVISÃO EXIBIÇÃO FOXIT READER PDF

Colar Novo Slide Layout Redefinir

Fonte

Parágrafo

Desenho

Edição

Localizar Substituir Selecionar

1 E.E. PROF. JOSÉ FERNANDES MACHADO
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO INOVADOR E EJA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: LEIDIVÂNIA
BOLSISTAS DO PIBID: CARLA
ENSINO FUNDAMENTAL: ANOS FINAIS
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

2 O que são memórias literárias?

3 Vamos relembrar!?

4

E.E. PROF. JOSÉ FERNANDES MACHADO
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO INOVADOR E EJA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: LEIDIVÂNIA
BOLSISTAS DO PIBID: CARLA
ENSINO FUNDAMENTAL: ANOS FINAIS
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

NATAL(RN), 2016.

Toque para adicionar notas

SLIDE 1 DE 16 PORTUGUÊS (BRASIL) ANOTAÇÕES COMENTÁRIOS 62%

APÊNDICE N - ATIVIDADE LÚDICA (5ª ETAPA – MÓDULO 9)

DITOS POPULARES

<p align="center">De pensar morreu o burro</p>	<p>Os asnos ante o cocho vazio pendem a cabeça, parecendo em profunda meditação. “Pensando morreu o burro!”, subentende-se, de fome.</p>
<p align="center">Macaco velho não mete a mão em cumbuca</p>	<p>O ditado se refere a uma armadilha para macacos que consistia em uma cumbuca cheia de grãos de milho cuja boca era apenas larga o suficiente para que por ela entrasse uma mão aberta. Os bugios que arriscavam meter a mão na cumbuca em busca de grãos ficavam presos, sem perceber que era necessário soltar o milho para que a mão tornasse a passar pela boca da botija.</p>
<p align="center">Mais vale um gosto do que quatro vinténs</p>	<p>A fruição não deve ser evitada pela poupança. As alegrias não têm equivalência financeira. “Quem guarda com fome, o gato vem e come!”.</p>
<p align="center">Mais vale um pássaro na mão que dois voando</p>	<p>É melhor ter pouco que ambicionar muito e perder tudo. É tradição de antigos caçadores. Eles achavam melhor apanhar logo a ave que tinham atingido de raspão, antes que ela fugisse, do que tentar atirar nas que estavam voando e errar o alvo.</p>
<p align="center">Apressado come cru</p>	<p>Quando não existia o forno micro-ondas, era preciso muito tempo para a comida ficar pronta, ou então comê-la crua. Nessa época, a culinária japonesa ainda não estava na moda e comida crua era vista com maus olhos. Assim, a expressão passou a ser</p>

	usada para significar afobamento, precipitação.
Tapar o sol com a peneira	Um esforço mal sucedido para ocultar uma asneira ou negar uma evidência.
Com o rei na barriga	Em nossos dias refere-se a uma pessoa que dá muita importância a si mesma. A expressão provém do tempo da monarquia em que as rainhas, quando grávidas do soberano, passavam a ser tratadas com deferência especial, pois iriam aumentar a prole real e, por vezes, dar herdeiros ao trono, mesmo quando bastardos.

APÊNCIDE O - TABELA DE CORREÇÃO (6ª ETAPA)

TABELA DE CORREÇÃO

Gênero textual: Memórias literárias		Pontuação Máxima	Pontuação do avaliador
Tema: O lugar onde vivo		1,0	
Adequação do gênero	Coerência e coesão	3,0	
	Estética	1,0	
	Realização da entrevista	1,0	
Marcas de autoria		2,0	
Convenções ortográficas		2,0	

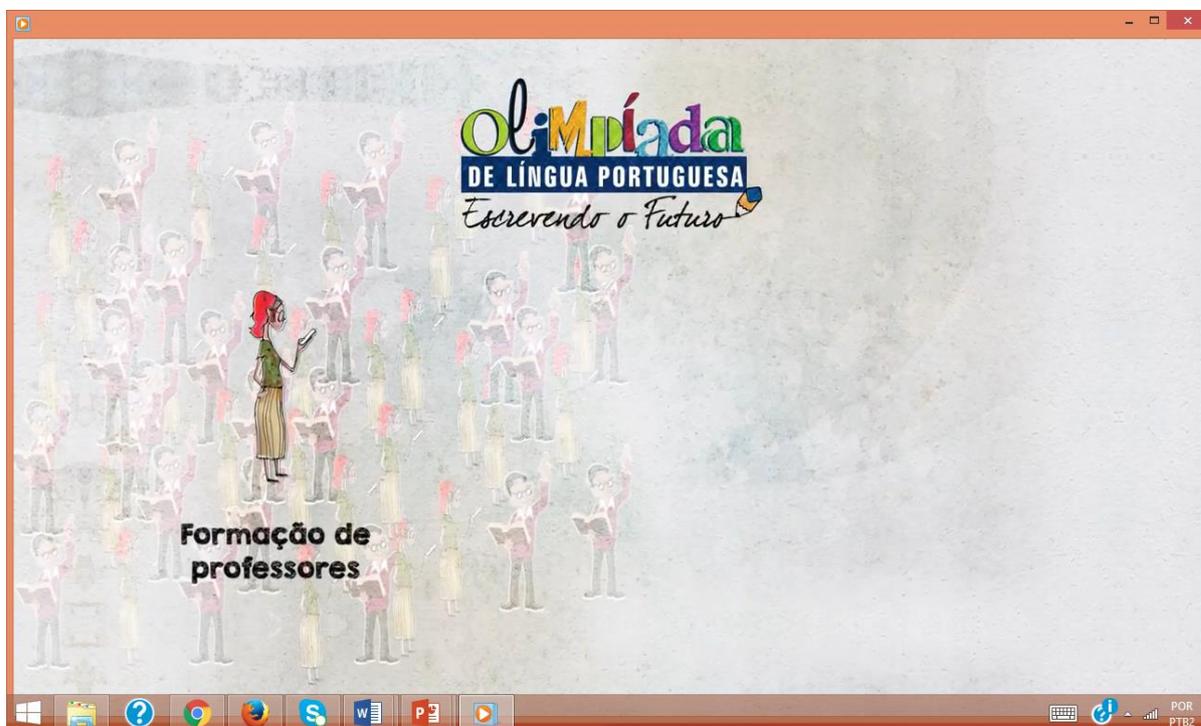
Adaptação do caderno do professor da OLP

Material utilizado na última versão, após a avaliação da Comissão Julgadora da OLP.

ANEXOS

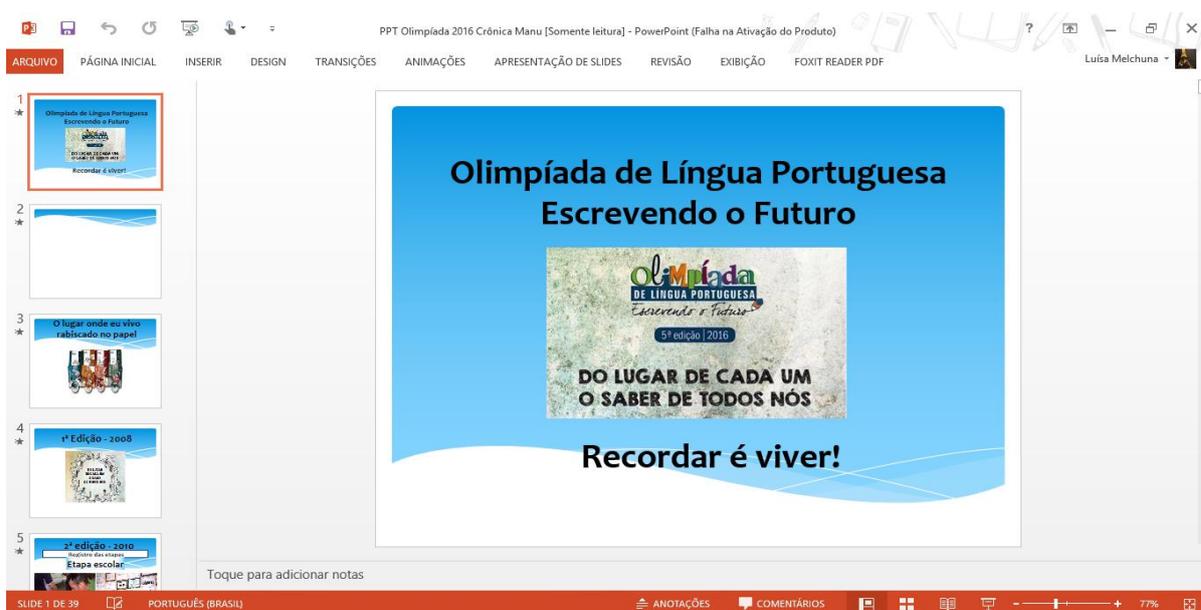
**ANEXO A – RECURSOS DIDÁTICOS PARA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA
1ª ETAPA**

Apresentação da situação inicial – Parte 1



Olimpíada de Língua Portuguesa – 5º Edição

Fonte: Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa (Motivação)



Programa PowerPoint (Motivação)

Autor: Ladmires Carvalho (Modificada).

1ª Etapa
Apresentação da situação inicial – Parte 1
Coletânea de memórias

O tecer de uma história

Sentada na varanda da minha casa, comecei a lembrar o meu passado – como era feliz naquela época! Claro que houve momentos tristes como o falecimento dos meus pais quando eu ainda era muito pequena, por isso precisei ser criada por minha querida avó, e após o seu falecimento, morei na casa dos conhecidos de minha família. Foi devido a esse triste episódio que comecei a trabalhar muito cedo.

Uma prima ensinou-me a arte de rendar, porque eu necessitava aprender a fazer algo para sobreviver, achava aquele um trabalho maravilhoso e encantador. Passava horas a fazer aquele processo: desenhar o modelo da renda, pregar na almofada com alfinetes, passar os bilros com as linhas um por cima do outro até formar um desenho maravilhoso e encantador. Mal sabia que aquele era o desenho de minha vida.

Mas, não dava só para viver da renda, por isso, além de tecer os fios da minha renda, comecei a realizar outros serviços. Um deles – lembro-me bem da cena – era quando eu ia a uma espécie de poço, que se chamava cacimbão, ele era bastante fundo! Colocava-se uma lata e puxava-se a água que era encomendada pelos moradores da Vila. Dava muito trabalho! Mas, foi daí que tirei meu sustento. No entanto, não se trabalhava só com isso, também com a venda de mangaba. Ah! Recordo-me bem da aventura que era colher aquela frutinha no meio do mato. Iam as mangabeiras à procura do sustento da família em plena madrugada. Uma aventura inesquecível! A cada frutinha colocada dentro do cesto, parecia que estávamos tecendo um episódio de nossa vida.

Naquela época tudo isso ainda era possível. Hoje, não se pode quase nada, pois o concreto tomou o lugar da natureza. A Vila de Ponta Negra, que era um lugar calmo e tranquilo, transformou-se em um lugar agitado.

Sinto muita saudade daquele tempo em que tudo se podia fazer. Se pudesse voltar ao passado, gostaria de viver tudo outra vez, ouviam-se os cantos dos pássaros e o barulho do mar a bater nas pedras. Atualmente, só se ouve barulho de sirenes de ambulância ou de viatura. Toda aquela tranquilidade foi substituída pela violência.

Assim, aquela Ponta Negra, que escutava as cantorias dos pescadores em busca da grande pescaria. Agora, ouve os gritos de crianças, mulheres e homens tentando sobreviver. Cada sobrevivente tecendo sua própria renda, ou seja, passando os bilros um por cima do outro e procurando desenhar uma história com um final feliz. Enquanto isso, sentada em minha

cadeira, observo as imagens desenhadas por cada morador. Certamente, não há lugar para água de ganho, pescaria, renda... Os bilros aos poucos estão descansando em suas almofadas e as rendeiras cedendo seu espaço para o mundo moderno.

Letícia Heloísa Alves – 8ª Ano (Vespertino)
Semifinalista das Olimpíadas de Língua Portuguesa 2012.
Aluna da E.E. Professor José Fernandes Machado.
Professora orientadora: Leidivânia Mendes.

A herança da renda

Milena Pereira da Silva – 8º ano “A” – Matutino (2012)

Quando criança, tudo era muito maravilhoso, a vila de Ponta Negra era um ótimo lugar de se viver: uma tranquilidade imensa, podia dormir de porta aberta, sem medo. Hoje, Ponta Negra continua sendo um ótimo lugar de se viver, mas não tem mais a mesma tranquilidade. E, se dormir de porta aberta, corre o risco de acordar sem seus pertences.

Também não havia luz elétrica. Tínhamos que sair no meio do mato com uma vela dentro de uma lata para iluminar o nosso caminho. Hoje tem um poste em cada esquina para iluminar as ruas e as pessoas ainda não enxergam nada.

Aos meus sete anos, interessei-me pela renda que minha mãe fazia e ela ficou muito contente com isso, pois eu a ajudaria tanto no trabalho quanto na renda mensal de minha casa. Mas é claro que não deixei de brincar com meus amigos. Eu gostava muito de brincar de roda, de passa-anel, brincadeira de saco, entre outras brincadeiras muito divertidas. Eu gostava de ver o meu pai pescar com outros pescadores; e bem perto dos pescadores estavam as lavadeiras.

Mas com um tempo, meu pai teve uma doença na vista e precisou parar de pescar, logo éramos somente eu e minha mãe trabalhando em minha casa. Infelizmente, a doença de meu pai foi piorando cada vez mais até que chegou o triste dia em que ele faleceu. Com certeza, este foi o dia que mais marcou a minha vida.

Hoje, quando vou à praia e sinto a brisa no rosto é como se meu pai o tocasse, talvez seja esse o porquê de eu continuar fazendo renda com amor, carinho e bastante dedicação. A renda é a minha herança e espero que ela nunca seja esquecida.

Baseado na história de Josefa (Moradora da Vila de Ponta Negra)
Memórias literárias 2ª colocada na fase escolar
da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro 2012
Orientação: Professora Leidivânia Mendes.

Sonhos concretizados

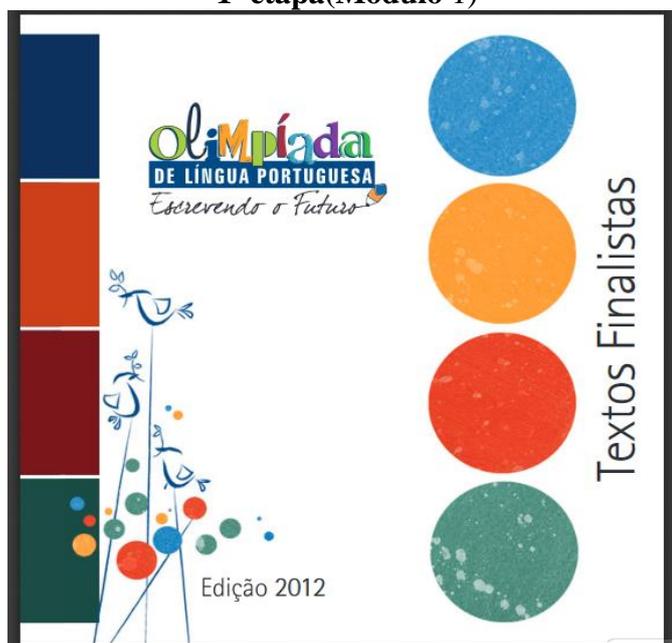
Aqui, pensando em minha vida, recordo-me da minha juventude. Meros sonhos eu tinha, professor de Matemática, Engenheiro... Tantos sonhos! Enfim, dedico-me a profissão de professor de Educação Física, nunca desisti de ser professor, já pensei, mas a gente sempre procura uma motivação.

Lembro-me muito dos meus momentos mais preciosos, meu casamento, a chegada dos meus filhos, o nascimento da minha netinha, o jogo mais inesquecível da minha vida, no qual fui campeão e ganhei medalha de bronze, na verdade, deveria ter recebido a medalha de ouro.

Naquele tempo, era tudo maravilhoso, hoje as crianças e os jovens só vivem na internet. Antigamente, desfrutava da minha infância brincando e estudando muito para ser alguém na vida. Tudo era bastante calmo, creio que as pessoas não conheciam o verdadeiro significado da palavra “violência”, infelizmente, agora ela faz parte do nosso cotidiano, nós a encontramos em cada esquina. O fim? Não sei, porque para que isso acabe depende de cada um. Mas, enquanto isso, continuo minha jornada em busca dos meus sonhos, um deles concretizei há alguns dias, meus alunos do Machadão foram medalhistas de ouro no Jern's, categoria Futebol de Areia.

Assim, continuo minha caminhada. Quem sabe ainda serei um Astrônomo!

Texto baseado na história do professor Bruno Aquino.
Aluna: Adrielle dos S. Sena (8º Ano “A” – Vespertino/2014)
E.E. Professor José Fernandes Machado.

1ª etapa(Módulo 1)

Textos finalistas (Material impresso - Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro).

**ANEXO C - ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE A APLICAÇÃO DA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA
4ª Etapa – Módulo 1**

**ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ FERNANDES MACHADO
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO INOVADOR E EJA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: LEIDIVÂNIA
BOLSISTA DO PIBID: CARLA e GENILMA**

Aluno(a): _____ Ano: ____ Turma: ____ Turno: ____ Data: _____

Final do século XIX. Sob um inverno rigoroso, famílias italianas decidem emigrar para o Brasil. Entre elas, os Da Col e os Gattai, que embarcam em busca de uma vida melhor. Vão para São Paulo, onde Angelina Da Col e Ernesto Gattai se conhecem, casam-se e têm filhos. A caçula da família é a pequena Zélia, que, já adulta, rememora fatos vividos ou contados por seus pais e avós. No trecho que você vai ler agora, ela relembra a história de uma das crianças que vieram no navio *Città di Roma* e que morreu em 1890, dois dias após o desembarque no Brasil.

Tia Hiena

Tia Hiena estaria festejando 111 anos de idade, não tivesse morrido aos dois.

Passei a infância e adolescência ouvindo a família — mamãe, mais do que todos — lamentar o triste fim da menina, a mais nova dos quatro irmãos de seu marido nascidos na Itália.

Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, “tia”. Um dia lhe perguntei:

— Por que ela se chamava Hiena, mãe?

A resposta não se fez esperar:

— Ela, não! Mais respeito, menina! Titia Hiena.

Eu perguntara por perguntar, o que eu queria mesmo era atazanar mamãe, fazendo-a repetir o que já estava farta de saber, tantas vezes a ouvira repetir o fato.

Minhas irmãs mais velhas haviam até procurado no dicionário referências sobre o animal que originara o nome de nossa tia.

Do pouco que sabíamos sobre a hiena — da característica pitoresca e simpática, a das gargalhadas sonoras e escancaradas

— o verbete não tratava, dizia apenas: “Mamífero, carnívoro e digitígrado que se alimenta sobretudo de carne de animais mortos e putrefatos e que tem pelo cinza ou ruivo com manchas escuras...”.

Curiosa, Wanda, a mais velha de minhas irmãs, teve a pachorra de procurar no dito dicionário o significado de “digitígrado”. E lá estava: “... que anda nas pontas dos dedos...”.

Imaginação fértil de criança, eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos, focinho levanta do para o céu, bocarra escancarada, dentões à mostra, rindo a bandeiras despregadas. Chegava a me arrepiar.

Nos dias de hoje, o falado *chupa-cabra* que andou ocupando as manchetes dos jornais, animal misterioso que matava cabras e ovelhas, sugando-lhes o sangue, uma espécie de fantasma, *bicho-papão* de criadores de gado e pequenos lavradores, lobisomem que nunca ninguém viu e que assim como veio se foi, faz-me pensar na hiena.

Cada qual guardou do chupa-cabra a imagem criada pela própria imaginação. Quanto a mim, como já disse, comparei-o à risonha e asquerosa hiena, com seus pelos fulvos manchas escuras, a caminhar nas pontas de seus longos dedos, lembrança que guardei da minha fantasia de criança.

Nonno Gattai

Dona Angelina, minha mãe, costumava dizer: “O avô de vocês, o nonno Gattai, era um homem destemido. Livre-pensador, de ideias avançadas, dizia o que pensava, fazia o que achava justo e direito. Passava por maus pedaços devido às suas ideias, mas não recuava. Era um “testardo”, um obstinado”, concluía.

[...]

Nonno Gattai foi registrar a filha. Desencavara para lhe dar um nome polêmico, ótimo para escandalizar. Sem consultar a mulher, talvez com receio de que pela primeira vez ela estivesse, saiu de casa, satisfeito da vida, imaginando o espanto do escrivão do cartório, o primeiro a se horrorizar com o nome que ele arranjava para a filha, o primeiro a receber a resposta já prontinha, na ponta da língua.

Antegozando o impacto que a provocação iria causar, saiu seu Gattai, feliz da vida, assobiando pelas ruas de Florença, o cartório não ficava distante de sua casa.

De pé, diante do homem que o atendia, Francesco Gattai aguardava a esperada reação. Não esperou muito.

— Como foi que o senhor disse? Que nome quer dar à sua filha? — perguntava o escrivão sem poder acreditar em seus ouvidos.

— Hiena. Escreva aí, não vou repetir outra vez — disse o pai da criança.

— Por que o senhor quer dar à sua filha o nome de um animal tão repugnante? Por quê?

Francesco Arnaldo soltou a frase já pronta para escapular:

— Se o papa pode ser Leão, por que minha filha não pode ser Hiena?

O funcionário ficou sem resposta, não discutiu mais, registrou a criança.”

— Fosse eu o escrivão — disse Vera, minha irmã, interrompendo mamãe —, tinha dado uma boa resposta. Eu diria: “Olha aqui, moço, o Leão é o rei dos animais e a Hiena é um bicho nojento...”. Foi uma pena ele não lembrar disso. Só queria ver com que cara o nonno Gattai ia ficar...

— Você agora está contra seu avô, menina? — reclamou mamãe. — Você não ia ver cara nenhuma. Isso aconteceu há tantos anos que vocês ainda nem sonhavam sair da casca do ovo...

Zélia Gattai. *Città di Roma*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

Ampliando o vocabulário

Antegozar: divertindo-se antecipadamente

Asqueroso: nojento, repugnante.

Atazanar: atormentar, irritar

Bocarra: boca enorme

Fulvo: ocre, alaranjado

Impacto: choque, forte impressão

Nonno: em italiano, “avô, vovô”.

Livre-pensador: pessoa que procura “pensar com a própria cabeça”, sem se deixar conduzir.

Obstinado: teimoso, persistente

Putrefato: em estado de decomposição, apodrecido.

Repugnante: asqueroso, nojento

Testardo: em italiano, “teimoso”.

EXPLORAÇÃO DO TEXTO

(Atividade de classe)

Nas linhas do texto

1. Em um texto de memórias, o autor seleciona o que vai narrar, aumentando ou diminuindo a importância dos fatos de acordo com o significado que tiverem para ele. O que a autora Zélia Gattai rememora nesse trecho do livro?
2. O trecho que você leu apresenta duas partes: “Tia Hiena” e “*Nonno Gattai*”. Indique no caderno qual deles:
 - a) Apresenta o assunto sobre o qual a memorialista vai trazer ao longo das duas partes.
 - b) Detalha o episódio em que a menina foi registrada como Hiena.
 - c) Fala sobre as impressões da autora sobre o nome da tia.
 - d) Descreve a personalidade do avô Gattai.
3. A memorialista conta algo sobre a tia Hiena que foi marcante para a família e que ficou registrado em sua memória. O que ela conta?
4. O autor de um texto de memórias literárias fala de si, de seus sentimentos e emoções, narrando fatos dos quais participou, mas que envolvem também outras personagens.
 - a) Que personagem teve papel fundamental no episódio da escolha do nome de Hiena?
 - b) Como essa personagem é descrita pela mãe da memorialista?
5. Quem escolheu o nome da tia Hiena? Com que objetivo?
6. Copie no caderno um trecho do texto que comprove a resposta anterior.

(Atividade de classe)

Nas entrelinhas do texto

1. Por que a escolha do nome Hiena para a garotinha causou tanto espanto ao escrivão?
2. Releia este fragmento do texto:

“Curiosa, Wanda, a mais velha das minhas irmãs, teve a **pachorra** de procurar no dito dicionário o significado de *digitígrado*.”

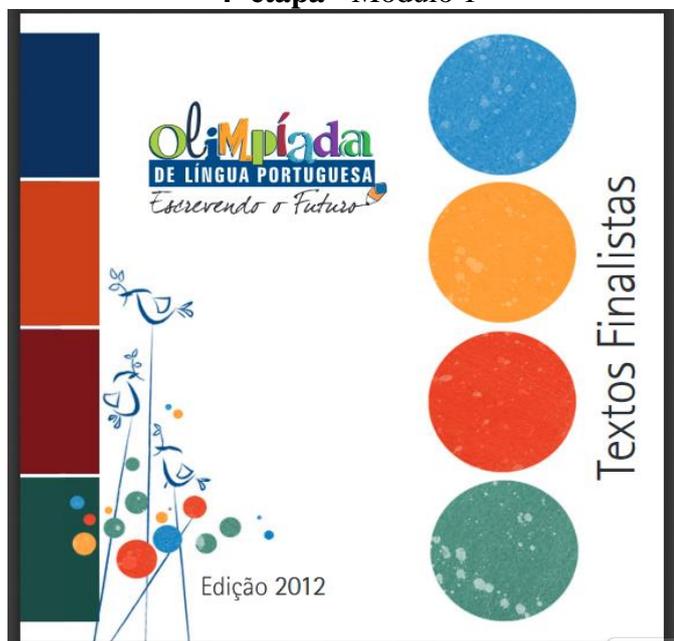
 - a) Veja a seguir alguns sentidos da palavra **pachorra**. Copie no caderno o sentido que mais se aproxima daquele com o qual essa palavra foi empregada no texto.
 - I. Lentidão, vagareza.
 - II. Frieza, falta de pressa ou diligência.
 - III. Paciência
 - b) Escolhendo a expressão **ter a pachorra**, ao referir-se à iniciativa da irmã mais velha, a autora revela algumas possíveis características da irmã. Na sua opinião, quais seriam?
 - c) Você acha que a autora demonstrava a mesma pachorra ou a mesma curiosidade da irmã em torno da origem do nome de Hiena? Explique.

3. As ações de uma personagem nos permitem imaginar como ela é. A escolha do nome da filha, por exemplo, revela muito sobre o Sr. Gattai. Indique no caderno as explicações que considerar corretas, de acordo com o texto. *Nonno* Gattai:
- a) era teimoso, obstinado, fazia apenas o que considerava certo.
 - b) gostava de chocar as pessoas com suas atitudes inesperadas.
 - c) tinha grande respeito pelo mundo animal.
 - d) era bastante sensato, ouvia sempre os conselhos da esposa antes de tomar uma atitude.
 - e) não media as consequências de seus atos e nem pensou que a escolha do nome tão estranho poderia trazer aborrecimentos à filha no futuro.
4. Dona Angelina, mãe da memorialista, assume um papel importante na preservação da memória de seus antepassados. Explique por quê.

Fonte: DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Jornadas.port – Língua Portuguesa**. 7º Ano. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 16-17.

ANEXO D – TEXTOS FINALISTAS – OLP/2012

4ª etapa - Módulo 1



Textos finalistas (Material impresso - Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro).

ANEXO E - ATIVIDADE REALIZADA DURANTE A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

4ª Etapa – Módulo 3

**ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ FERNANDES MACHADO
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO INOVADOR E EJA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: LEIDIVÂNIA**

Aluno(a): _____ Ano: ____ Turma: ____ Turno: ____ Data: _____

Como nos velhos tempos

Aluna: Taynara Leszczynski

Os momentos passam, as pessoas se vão, a vida muda, o progresso aumenta, e de minha tão amada época só ficaram lembranças. Minha casa era pequena, um berço de humildade, construída com madeira lascada de pinheiro, não existia energia elétrica, tínhamos apenas um lampião de querosene. Éramos pobres, mas vivíamos num lar feliz, apesar das dificuldades em até conseguir o que comer.

No quintal havia um paiol onde guardávamos o pilão, feito de um tronco de madeira maciça escavada, onde socávamos amendoim para fazer paçoca. Tinha também o monjolo d'água e a jorna, que usávamos para fazer farinha e quirera.

Sempre após as chuvas minha mãe ia plantar na horta. Eu a acompanhava, levando a enxada, para ajudar a capinar. O cheiro de terra molhada e o azul do céu se misturavam com as cores dos ipês, despertando magia, e formavam uma aquarela de fantasia, que tomava minha mente e fazia de mim um pássaro, um menino livre, pronto para realizar meus sonhos.

Mal via a hora de chegar o domingo, reunir meus amigos, esquecer do mundo e brincar. Nossas brincadeiras eram simples, porém muito divertidas. Brincávamos de trilha, búlica, esconde-esconde, pular corda, lenço atrás, peteca feita com pena de galinha e palha de milho, bocha com bola feita de tronco de varaneira e carrinhos feitos de tabuinhas.

Às vezes, meu pai e minha mãe iam passear à casa de meus avós. Eu e meus irmãos íamos junto. A viagem durava o dia inteiro, o percurso era longo, a estrada, cercada por uma bela mata ainda pura. Quando a escuridão já tomava seu lugar, chegávamos. A lua clareava o céu, meu pai fazia uma fogueira no meio do terreiro, eu e meus irmãos puxávamos uns bancos e sentávamos todos em volta da fogueira, observando as estrelas e escutando as piadas, prosas e causos contados por meu avô.

Quando alguém adoecia, minha avó preparava seus chás; se não estivessem fazendo efeito, meu pai calçava alpargatas e esporas, colocava os arreios no cavalo, e saía a galopar em busca de curandeiros ou benzedoras. Para ir mais rápido, ele e seu tordilho iam pelos carreiros do meio da mata, percorriam longos caminhos até chegar ao destino.

Em meio a tantas dificuldades, até hoje moro na cidade de Santa Maria do Oeste, as barreiras aos poucos foram sendo enfrentadas e, com muita luta, vencidas.

De minha juventude, recordo-me bem; jogava truco e pife nos torneios. Nos bailes, chimangos e quermesses podiam se ver todos os rapazes e as mocinhas embalados pelo vaneirão e fandango. Eu tocava gaita, sanfona, fazia chorar a viola, fazia gemer o fole da cordeona. Minha felicidade era ver a animação do povo, cantando, dançando, divertindo-se.

Hoje minha alegria é sentar no banco da varanda e tomar meu chimarrão. O vento assovia e traz a saudade que me faz lembrar de minha querência, de minhas raízes, de minha religião.

Lembranças que estavam adormecidas aos poucos vão despertando e renascendo em mim como em um filme. A magia se mistura com a saudade e por um instante sinto como se ainda fosse criança. Mas eis que um forte impulso me puxa. É a realidade que me avisa: “O passado não vai voltar”. Vejo então que toda essa fantasia é fruto da imensa saudade que teima em me perseguir.

E, como dizia uma velha música, “meu chapéu é de palha, meu chicote é de couro. Sim, sou caipira filho de canarinho, neto de sabiá”. Guardo essas minhas histórias em minha memória dentro de meu coração, pois espero que nossa cultura não morra e que se renove de geração para geração. Coisa rara em meio a tantas evoluções. Só desejo que o progresso não mate nossos sentimentos, nem domine nossos corações.

(Texto baseado na entrevista feita com o Sr. José Leszczgynski, 66 anos.)

Professora: Julieta Maria Cartelli Simon

Escola: Colégio Estadual José de Anchieta • Cidade: Santa Maria do Oeste – PR

Após ler o texto, responda:

1. No texto, aparecem muitas palavras desconhecidas, mas que fazem parte da vivência ou cultura do narrador.
 - a) Sublinhe-as.
 - b) Se você não compreender o significado pelo contexto, use o dicionário.
2. De quem é a história contada neste texto?
3. Como era o lugar onde essa pessoa passou sua infância? Em que cidade e estado ficava?
4. Apesar da pobreza, o menino era feliz e tinha sonhos? Retire do texto um trecho que justifique essa afirmativa.
5. Por que o domingo era um dia especial?
6. Na visita aos avós, qual momento era especial para toda a família?
7. O que sabemos sobre a juventude do narrador?
8. No texto, o narrador fala de uma vida cheia de lutas, mas também sobre suas alegrias ou felicidade. Cite dois motivos de alegria para cada etapa de sua vida:

Infância	
Juventude	
Velhice	

9. Relacione o penúltimo parágrafo com o título.

10. Dos fatos contados, qual você achou mais interessante? Por quê?

Fonte: MEMÓRIAS Literárias como nos velhos tempos. Disponível em:

<<http://textoemmovimento.blogspot.com.br/2014/07/memorias-literarias-como-nos-velhos.html#more>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

ANEXO F - MATERIAL FOTOCOPIADO COM ALGUMAS FIGURAS DE LINGUAGEM

4ª Etapa - Módulo 3

Figuras de linguagem

Comparação: expressão de termo comparativo. Quase sempre acompanhada da conjunção “como”.

*Faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...*
Manuel Bandeira

Metáfora: comparação mental ou abreviada em que prevalece a relação de semelhança. Não aparece a conjunção “como”.

*Na sua mente povoa só maldade.
Meu coração é um balde despejado.*

Catacrese: metáfora que caiu no uso popular, corriqueira, muito comum.

*As pernas da mesa estão bambas.
Quero morar no coração da cidade.*

Metonímia: designação de um pormenor pelo conjunto de que se quer falar.

*Ler Clarice Lispector. (autor pela obra)
Comer o pão (por alimento) que o diabo amassou (por sofrimento).*

Personificação ou prosopopeia: atribuição de ações, qualidades ou sentimentos a seres inanimados.

*O tempo passou na janela
e só Carolina não viu.*
Chico Buarque de Holanda

Hipérbole: afirmação exagerada.

*Falei mil vezes para você!
Morri de estudar para o vestibular.*

Sinestesia: interpretação de planos sensoriais, mistura de sensações de sentidos diferentes. Como na metáfora, relaciona elementos de universos diferentes.

Senti um cheiro doce no ar.

Antítese: contraposição de uma palavra ou frase a outra de sentido oposto.

*Toda guerra finaliza por onde devia ter começado: a paz.
Vivo só na multidão.*

Ironia: sugestão pela entonação e pelo contexto de algo contrário ao que pensamos, geralmente com intenção sarcástica.

A excelente D. Inácia era mestra na arte de judiar de crianças.
Monteiro Lobato

Eufemismo: emprego de termos considerados mais leves para suavizar uma expressão considerada cruel ou ofensiva.

*Foi para o céu, em vez de morreu.
Está forte, em vez de está gorda.*

Fonte: Caderno do professor (A ocasião faz o escritor...)

ANEXO G – IMAGENS DO VÍDEO PRODUZIDO PELOS ORGANIZADORES DA OLP/2016

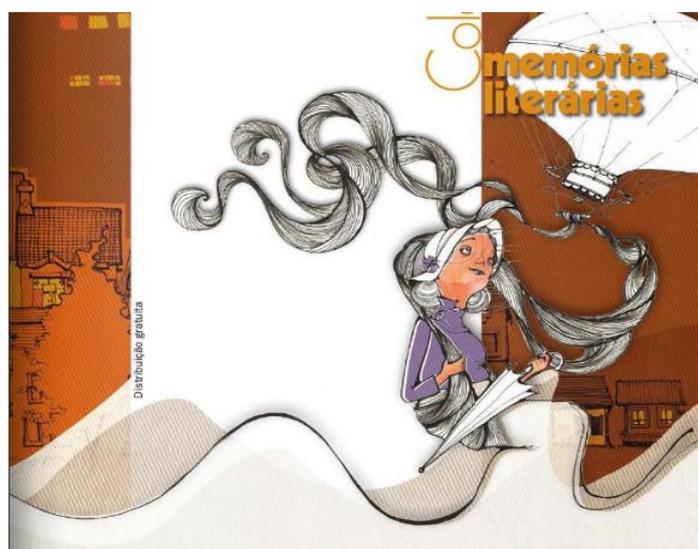
5ª Etapa – Módulo 4



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iLG-Zg-aMVw&t=228s>> Acesso em jun 2016.

ANEXO H – COLETÂNEA DE MEMÓRIAS

6ª ETAPA



Coletânea de textos (Material impresso - Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro).

ANEXO I - VERSÃO FINAL DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

ALUNO: ALESSANDRO (P1 - B)



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO



GÊNERO: _____

ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: _____

Título: Minha memória infância

Os momentos primários, as pessoas ao lado, as
sua vida, as progressos aumentos, e de minha
amada infância são preciosas lembranças.

Minha infância era mais trabalhosa, eu estadia
a profissão de agricultor, por isso eu não tive
a oportunidade de estudar, comecei a trabalhar com
sete anos em um estudo, várias vezes, eu carregava água
para as roças.

Com dezesseis anos, fui morar em Mangabeira/RN
fui me alistar no Exército, Infelizmente, como eu
era da classe dos 50, não pude entrar no
Exército, Em Mangabeira, nos anos 70, moro na casa
de estranho, Por conseguinte comida e roupas,
fiquei quatro anos na casa de estranho.

Ao relatar todos esse momentos vividos, lem-
brai de uma garota da época que tinha 15
anos, só que ela estava muito velha e quebrada.
Hoje, aos 65 anos, comprei uma garota para
lembrar da aquela época.

ALUNO: JOSÉ (P2 - B)



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO

DO LUGAR DE CADA UM
O SABER DE TODOS NÓS

GÊNERO: Memórias literáriasALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: 334

9,0

Título: Sete palmas de lembranças⁺

Sentado num trêmulo, relembrando meu passado recordo-me da minha infância. Ah! Aquela Sal feita brava fazendo o meu este arden, enquanto a senado cantava a terra quemado. Era muito trabalho, Por isso não tive oportunidade de estudar.

Fui criado pelas meus pais, pai e mãe. Minha mãe faleceu quando eu ainda era um recém-nascido. Somente aos 8 anos comecei meu pai.

Aos dezessete anos, decidi construir uma outra história. Assim, resalci as comens para Maragaliçara, um distrito de Macaíba cidade vizinha a Natal.

Seria uma oportunidade de concretizar meu sonho: servir ao Exército Brasileiro. No início dessa história, morei por algum tempo na casa de um pessoal desconhecido. Trabalhava com tarefa de merenda e alimentação. Enquanto isso, aguardava desesperadamente me alistar no Exército. Felizmente, como já era da "casa dos cinquenta", não me aceitaram.

Hoje parece que cada ser humano pensasse sua estrada a partir de seus sonhos e aljetivos.

O meu sempre foi cheio de muita esperança. Uma delas, aconteceu nos anos setenta quando comecei a grata mais bonita da vida e minha esposa. Após o nosso casamento, um novo lar surgiu em minha vida, Meu cunhado considerou-me



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO



GÊNERO: _____

ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: _____

Título: _____

para morar na Vila de Ponta Negra. Naquela época era um lugar tranquilo e acolhedor. Mele, meus filhos e netos nasceram.

Atualmente a vizinhança encontra-se em quase todos os lugares. Apesar disso, a Vila não perde seu encanto. O Morro do Careca, a bela praia, as pescadoras, as rendadeiras, as tapiaqueiras e as "mangabeiras", com certeza São o nosso cartão-Postal.

Em livros desses sete palmos de lembrança muitas histórias continuam guardadas, mas é preciso retornar ao trabalho, pois há muito a ser cavar.

A profissão de escritor proporcionou-me uma vida recheada de histórias intrigantes. Por isso, mesmo sendo um quadrário aposentado, continuo trabalhando aqui no computador.

Este é o meu local de lazer, minha granja Mele, encanto e Silêncio para reviver momentos inesquecíveis, que em nenhuma hora podem ser enterrados.



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO



GÊNERO: Memórias literárias

ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº

Título: Minha antiga vida

Hoje, vivo feliz e alegre, trabalho fazendo renda e vendendo tapetes, antes trabalhava também com reciclagem e vendendo mangalás, mas parei pois estou ficando velha e não posso fazer tudo sozinha.

Recordo-me que a Vila de Ponta Negra era mais tranquila, não tinha perigo de crime de portas abertas. Naquela época não tinha tecnologia e uma das minhas diversões era ajudar meus pais na agricultura, pois tinha poucas casas e era tudo de arca.

Hoje a violência encontra-se em muitos lugares em nossa vida, mas, ainda assim espero que meus filhos, netos e futuros bisnetos vivam num lugar melhor, sem violência e mais união.

ALUNA: ANA (P4 - B)



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO

GÊNERO: Memórias LiteráriasALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: 112Título: Tudo depende de uma escolha!

Dentro de uma sala de aula, lembro-me dos meus momentos mais preciosos, infância, adolescência, brincadeiras com os meus amigos etc.

Ah!, antigamente era um paraíso, recordo-me muitos dias minhas férias. O momento mais especial! Eu e os meus pais e até mesmo meus amigos íamos para o sítio de minha e de minha, andávamos a cavalo, brincávamos deite fresquinho.

Minha mãe era muito exigente, nunca me deixou trabalhar quando era jovem, pois ela queria que eu apenas focasse em estudar, aprendo muito e!

Quando era estudante, meu primeiro sonho era me formar em Medicina porém escolhi-me e mudei os meus planos.

Fiquei meu professor, porém não queria não me arrependo de ter mudado os meus planos, pois minha família, alguns perguntaram-me qual seria minha meta em ser professora? Olhei para eles com um sorriso no rosto e falei: "São vocês! Vocês me motivam a trabalhar mais e mais e gosto muito mais da minha profissão, o sucesso dos meus ex-alunos! Ave maria!, fico muito muito feliz e como se fosse um filho meu realizando seu maior sonho.

Só em pensar que o aprendizado de hoje não é igual a antigamente, fico muito triste, pois nem imagino como era a vida de estudar, os jovens de hoje só pensam em ficar na internet, e para estas coisas tem uma frase "não faz suas escolhas e suas escolhas não fazem nada".

Devemos ter cuidado para que essas escolhas não venha ser errada, fiz minhas escolhas e realizei todos os meus sonhos.

Espero que todos realizem aqueles pequenos sonhos que a gente acha impossível e lembre-se!

Se não der certo, a vida continua.

ALUNO: ANDRÉ (P5 - B)



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO



GÊNERO: Memórias literárias

ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: .

Título: O sítio de meu pai

Sentada na varanda da minha casa, recordo-me bem de minha infância, que foi muito boa. Os meus pais tinham um sítio e praticamente todas as férias íamos para lá.

Erão dias de muita diversão: eu andava de cavalo com meus primos; tamanta leite direto da vaca, entre outras coisas. Hoje posso dizer que, tanto minha infância, como minha adolescência foram bem aproveitadas.

Minha motivação de trabalhar, como professor, são os meus alunos. Fio sobre o sucesso profissional e pessoal de meus ex-alunos, eu me sinto muito feliz, é como se fosse um filho meu. E tudo que meus alunos me dão, por exemplo: cartas, presentes. Tudo isso eu guardo com muito carinho.

Hoje em dia não é como antigamente, antes os alunos vinham para estudar, hoje em dia eles vem para namorar e não para estudar. E espero que no futuro, eu veja todas vocês formadas.

ALUNA BIANCA (P6 - B)


ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ FERNANDES MACHADO


GÊNERO: memórias literárias

ALUNDA: _____ **INSCRIÇÃO Nº:** _____

Título: _____

Contada na vida, lembro-me de quando eu era pequena, e brincava de boneca, e eu tão feliz. Uma minha adoração, eu ia para as festas comemora muito.

Ainda pequena comecei a trabalhar de vendidora, foi a minha mãe quem me ensinou a arte de vender, a fazer de tudo muito difícil, mas, não era um tipo de venda que eu fazia. Também vendia as peças trabalhadas com reciclagem e colhia mangueira e eu vendia tanto objetos, meus bilros, minhas fotografias, tudo tudo.

Os momentos marcantes da minha vida foram meu casamento em que tive cinco filhos, três meninas e dois rapazes e as festas de aniversário meus filhos pois foi tão alegre, um momento de reunir a família.

Uma lembrança a rua de Paula alegre era muito tranquila, pois não tinha muita ruína na cidade.

ALUNO JONAS (P7 - B)



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO



GÊNERO: _____

ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: _____

Título: o casamento de minha mãe

Aqui contarei um pouco a minha vida e o casamento de minha mãe. Minha história foi feita e meu pai era muito bom, de verdade eu ia trabalhar com ele para poder ser como ele em sua companhia. Mas não foi uma lembrança de que era uma pessoa muito boa, de verdade muito infeliz. Mas pelo menos, não sou feliz.

Eu comecei a trabalhar logo cedo para ajudar em casa, pois minha mãe e meu pai, não tinham conta de meu filho.

Na minha época, não tinha essas coisas de família, porque o fato era trabalhar muito, todo dia em poucas mangueiras. Além disso, como minha felicidade minha era a renda, a qual parecia de hoje. A minha mãe é muito feliz e sou orgulho, quando a vejo nos dias de festa com sorriso e abraço mãe que é um abraço. Outra lembrança feliz de minha mãe foi quando comecei a namorar. Eu me lembro das coisas que aconteciam na minha vida. Sou muito feliz e orgulho e feliz. Eu sei que ele não me fez nada de mais, pois sou de todo dia filho. E hoje, não feliz, pois todos os dias me lembro e me dizem muitas coisas.

Mas, graças a Deus eu posso contar com muita sorte e com um pai muito bom. Como uma vida feliz, sou muito feliz e orgulho. Eu sei que ele não me fez nada de mais, pois sou de todo dia filho. E hoje, não feliz, pois todos os dias me lembro e me dizem muitas coisas.

ALUNO PEDRO (P8 - B)



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO



GÊNERO: Memórias literárias

ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: 100

Título: _____

Relembro-me do meu passado, meu meu meu em
fingimento aqui. Na minha infância, lá para o ritmo
dos meus pais durante as férias, lá andava a escola,
também lá. Tudo me maravilha!

Eu tive a formação de Pujonara, mas tinha
vantagem de me formar em medicina. Trabalhei como
professor desde 1984, minha motivação para continuar
trabalhando, como professor, não meus alunos, de todos
do mundo do meu ex-alunos e eu sinto muito
muito. E como se eu estivesse tendo um filho.

Antigamente, os alunos tinham estudos, porém
atualmente os alunos sabem que não vão para a
escola porque não obrigados. Eles não sabem em
pica no internet ou no celular, ~~mas~~ não
brincam mais, não ajudam mais os pais em
casa. Meus alunos me dão muita coisa, eu
quando com muita coisa, de me dão
coisas, parentes, tudo isso eu quando, pois tem
um valor sentimental.

O meu maior sonho, que meus alunos
se formem na profissão que eles mesmos
se quiserem.

ALUNA LUÍSA (P9 - B)



ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO



GÊNERO: Memórias Literárias

ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº: 101

Título: Perdando minhas lembranças

Hoje, vim contar um pouco de minha História
abraciei em Natal, dia 20 de Junho de 1948.

Quando eu era mais jovem, deixei de estudar
e amava estudar e, é claro também namo-
rei muito.

Comecei a trabalhar como rendeira, pois eu
gostava de trabalhar com as rendas, pois foi
minha mãe que me ensinou, mas antes de ser
rendeira eu pensei em várias outras profissões,
como professora ou doutora. Atualmente eu não
trabalho só com rendas, também trabalho com
lã e crochê folião.

O melhor momento de minha vida foi quando
me casei e tive meus filhos. Foi muito importante
e feliz para mim e para todos.

A vida de antigamente era muito boa, pois
não tinha violência, podia-se dormir de portas
abertas sem se preocupar e era tudo bem
como. Mas agora não posso dizer o mesmo.

Pois esta tendo bastante violência e não
tem mais a tranquilidade de antes, e só
espero um mundo melhor no futuro.

ALUNO GERALDO (P10 - B)


**ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ
FERNANDES MACHADO**

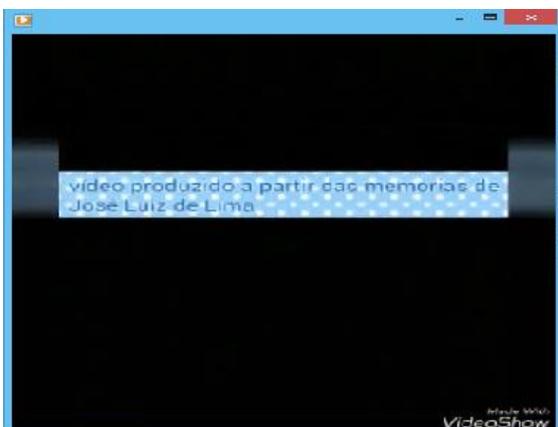
GÊNERO: Memoórias Literárias
ALUNO(A): INSCRIÇÃO Nº:
Título: História de minha vida

Quando eu era criança, eu gostava de brincar muito, minha infância era muito alegre como qualquer outra, brincava e saía com os amigos para brincar. Quando foizem, ia para festas, mamonaia muito, fiz muitas memórias legais e engraçadas, mas a meu memórias mais importantes da minha vida foi, o meu casamento, e as festas de 15 anos dos meus filhos, porque foi um dia muito feliz e um momento de reunir as familiares.

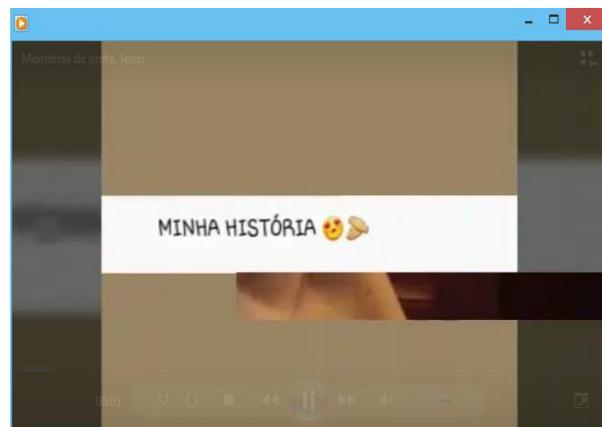
Uma das coisas mais legais para mim, era quando minha mãe e minha irmã me ensinaram, Naquela época, era difícil de me ouvir, porque não tinha tanto respeito, e pediamos para fazer qualquer coisa como dormir e falar alto, Hoje tem que ter muito cuidado nas ruas porque está muito perigoso.

Antigamente, eu esperava que meus filhos, netos e futuros bisnetos fossem bem sucedidos, e que fossem pessoas boas e que o mundo seja mais seguro. Apesar de não ter melhorado a realidade, até lá por aí, Sou muito feliz.

ANEXO J – IMAGENS DAS PRODUÇÕES EM VÍDEO DOS ALUNOS – MOSTRA DO CONHECIMENTO 2016



Memórias de senhor Lúcio



Memórias da professora Jacinta



Memórias da Dona Isaura



Memórias de Dona Josefina